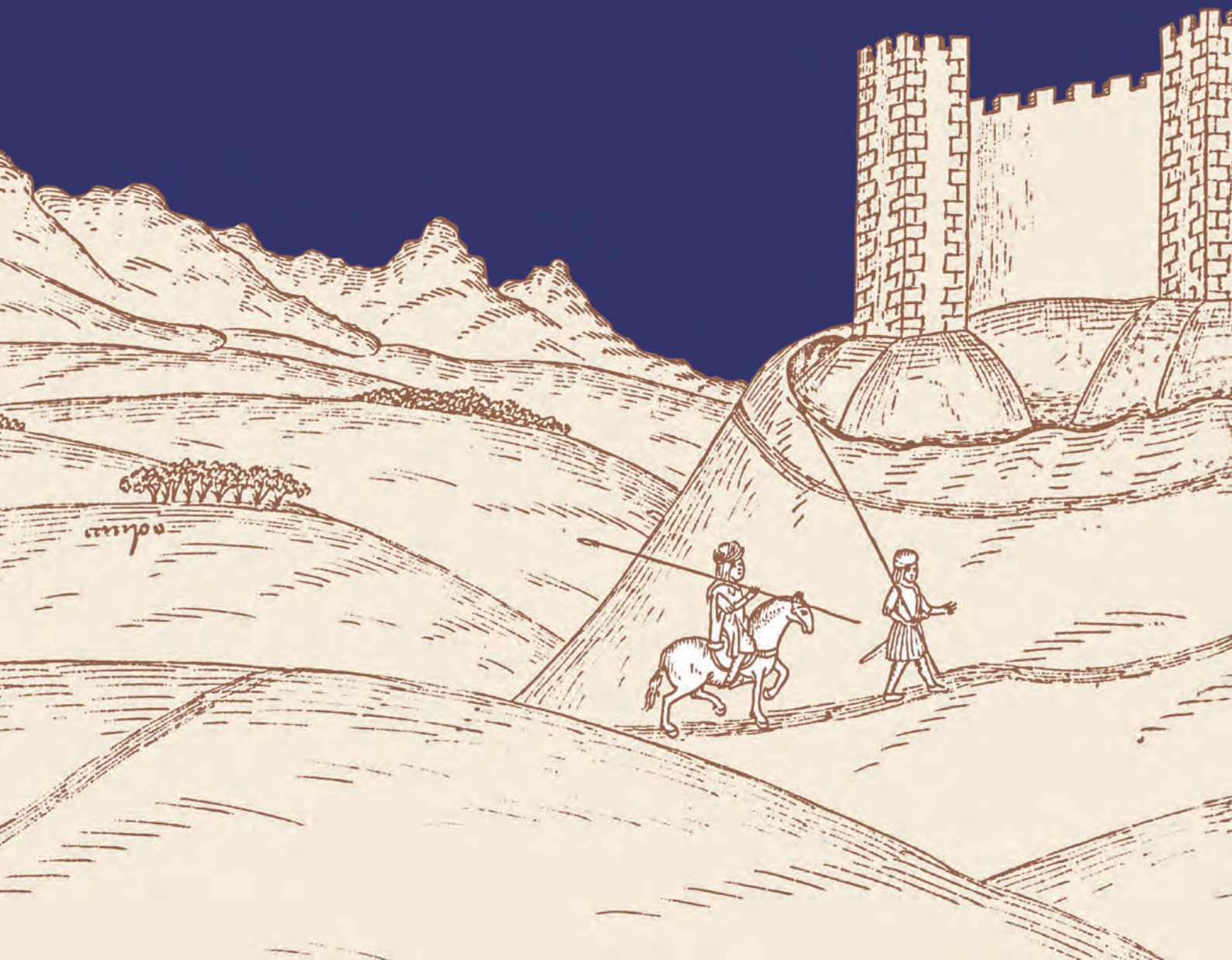


Santiago Macias

DUARTE
DARMAS

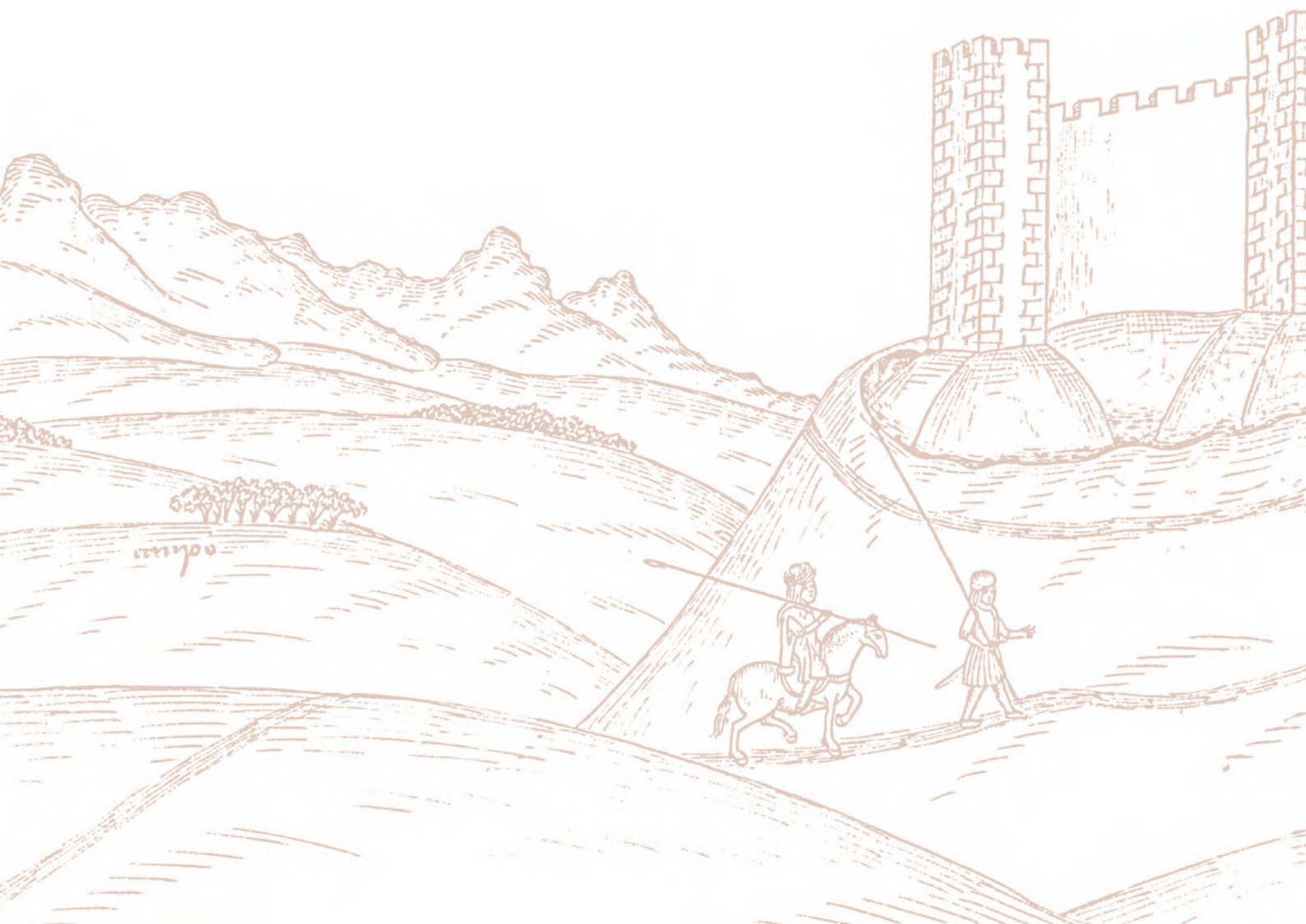
So calmo ao drone



Santiago Macias

DUARTE
DARMAS

So calmo ao drone



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Duarte Darmas: do cálamo ao drone

TEXTO

Santiago Macias
Fernando Branco Correia (Elvas)

FOTOGRAFIAS

Santiago Macias
Daniel Capa (drone)
Orlando Fialho (Carmo, p. 88 e brasão, p. 89)
Alberto Frias (Criptopórtico, p. 66)
Rui Ferreira (Castelo, p. 88)

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

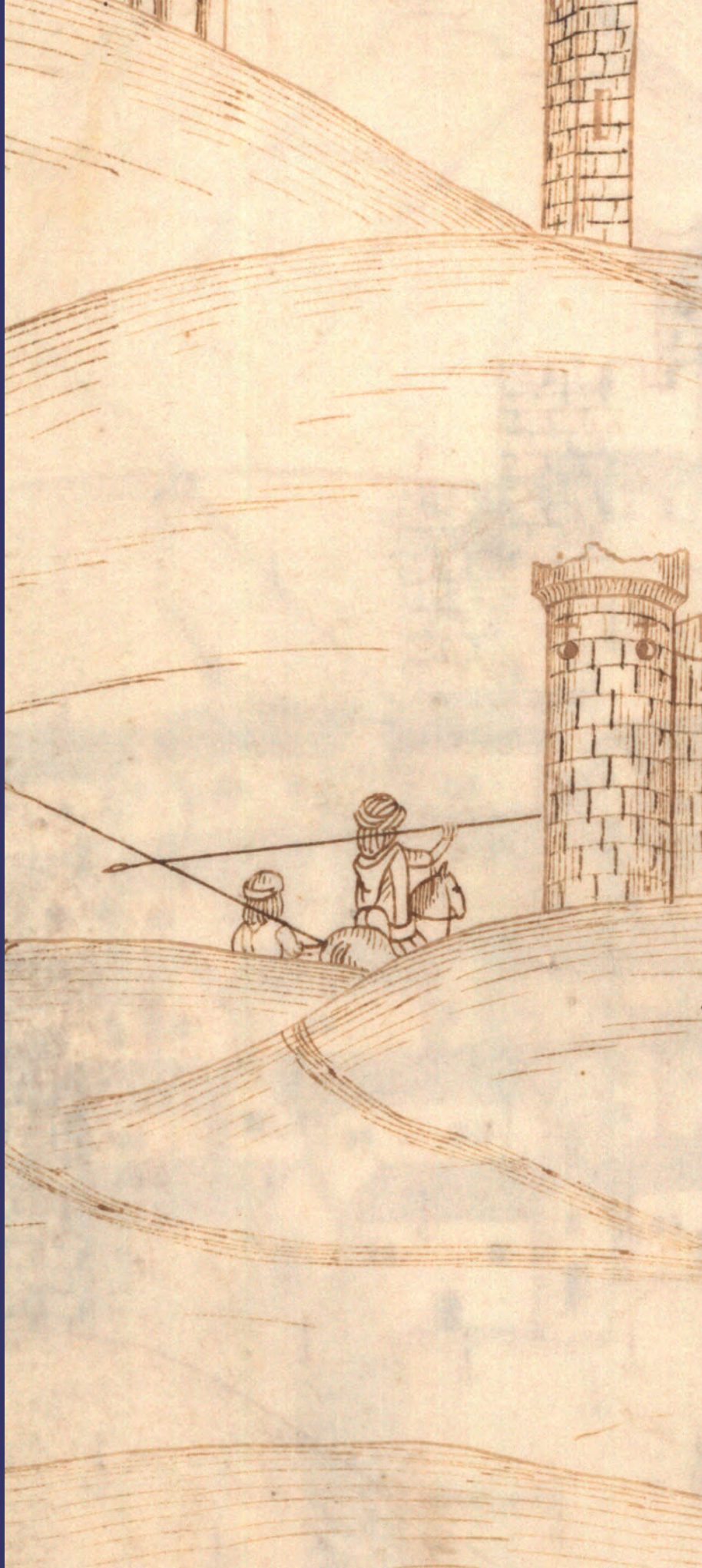
TIRAGEM 1500 exemplares

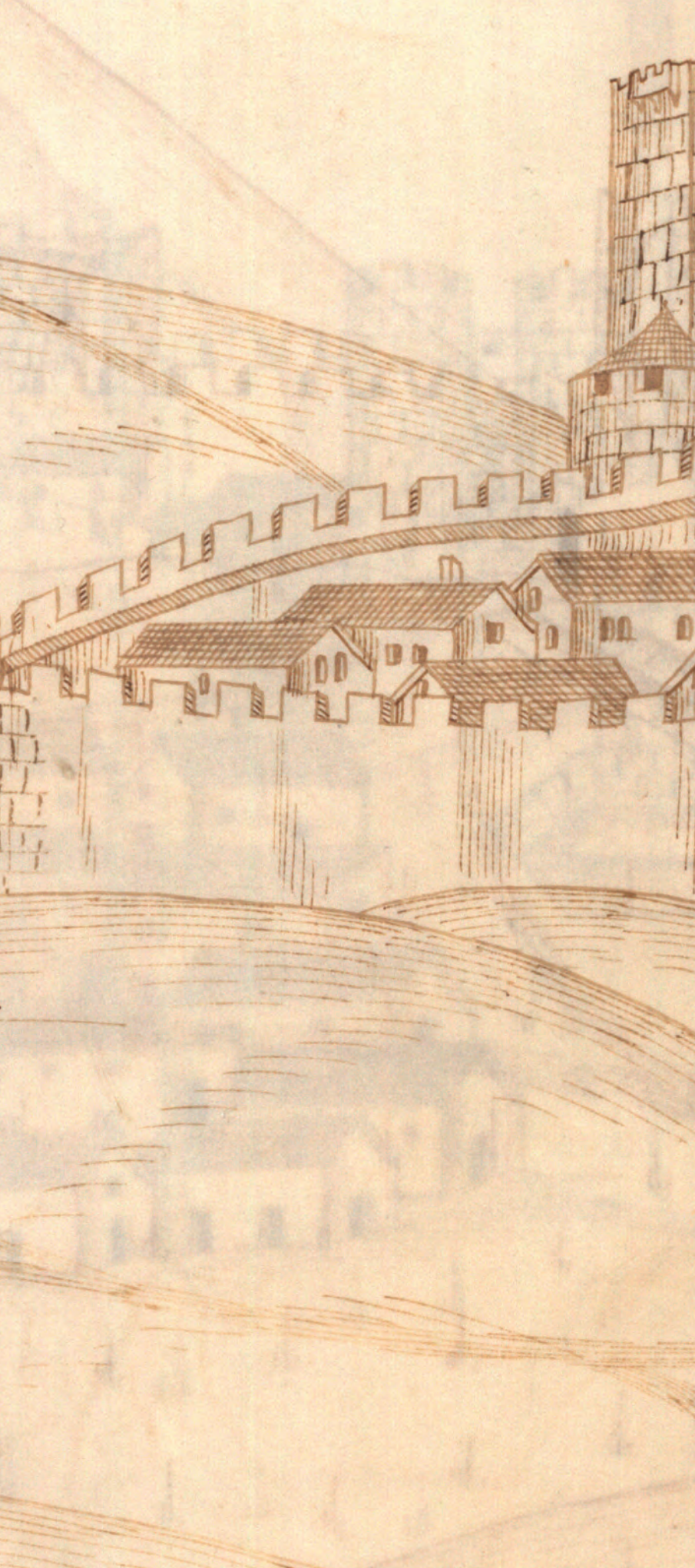
DEPÓSITO LEGAL 491428/21

EDIÇÃO

MultiCulti – Culturas do Mediterrâneo

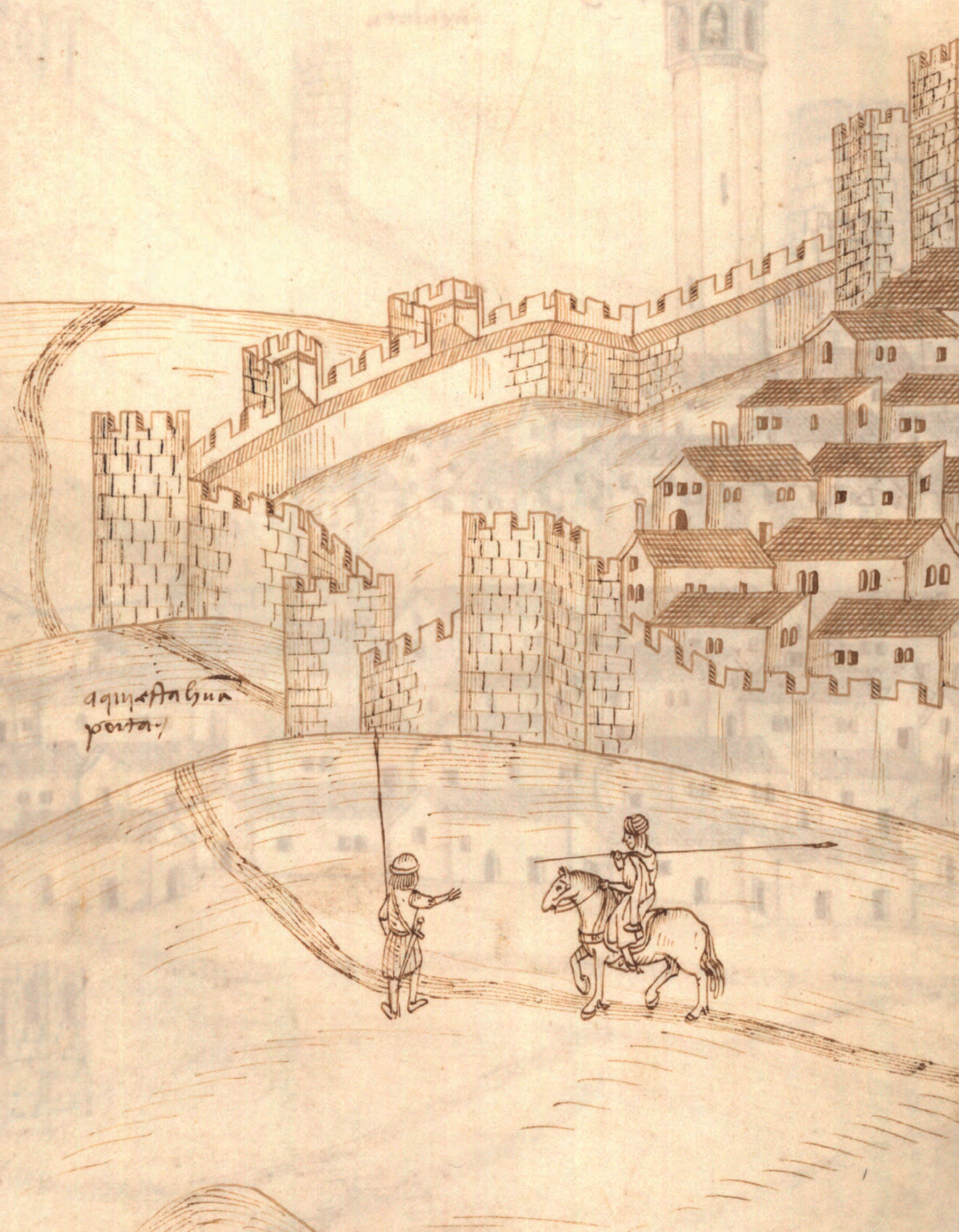
© MultiCulti 2021





ÍNDICE

Duarte Darmas no Alentejo: uma nota explicativa	5
Mapa	14
Alandroal	17
Alpalhão	23
Arronches	27
Assumar	33
Campo Maior	37
Castelo de Vide	41
Elvas	47
Juromenha	55
Mértola	59
Monforte	67
Monsaraz	73
Montalvão	79
Moura	85
Mourão	91
Nisa	97
Noudar	103
Olivença	109
Ouguela	115
Serpa	121
Terena	127
Bibliografia	134
Financiamento / parcerias	135



a questa hua
porta.

DUARTE DARMAS NO ALENTEJO: UMA NOTA EXPLICATIVA

Os anos de 1509 e de 1510 marcaram, certamente, a vida de Duarte Darmas. Filho de um elemento da corte, destacou-se como desenhador ao serviço de D. Manuel. Pouco se sabe deste servidor do monarca, nascido em Lisboa no ano de 1465, filho de Rui Lopes de Veiros, escudeiro da Casa Real (Branco, 2006: 7-9 e Dias, 2015: 23-24). A vida conhecida do nosso autor quase se resume à referência à sua atividade como desenhador, com destaque para o trabalho de levantamento das fortificações e a algumas informações sobre bens de que era proprietário. Desconhecem-se a data e o local do seu falecimento.

Duarte Darmas ganharia um lugar na História graças a esta tarefa, que lhe foi cometida pelo rei. O monarca encarregou-o de registar as suas fortalezas raianas, num claro propósito de afirmação política e de marcação do território. O levantamento feito incluía dados detalhados, com medições, em varas e pés, das torres e panos de muralhas das alcáçovas. O desenhador construía um documento gráfico de grande importância iconográfica de dezenas de sítios raianos, ao mesmo tempo que dotava o comando militar do reino de uma peça de enorme importância estratégica. Sobre a sua obra temos um estudo bastante aprofundado, da autoria de Paulo Pereira (Pereira, 2012: 561-580).

Cada local, «tirado do natural», era representado com três imagens (as exceções reportam-se aos locais que não têm alcáçova, como Assumar): foram registadas duas vistas (os «debuxos»), cinematograficamente em campo e contra-campo, e uma planta de cada alcáçova (a «prataforma», ou plataforma). As duas imagens eram obtidas, quase sempre, de ângulos opostos, embora muitos exemplos escapem a essa regra. Duarte Darmas indica os azimutes a partir dos quais fez os registos, mas esse dado é apenas aproximado.

Foram feitas três edições integrais desta obra, bastante espaçadas no tempo. A de João de Almeida, com amputações de texto muito significativas, foi a primeira, em 1943. Seguiram-se as de Manuel da Silva Castelo Branco, em 1990, e a de João José Alves Dias, em 2015.

O PERCURSO E A OBRA

Foi um percurso longo, entre Castro Marim e Caminha. Uma viagem de cerca de 1200 quilómetros, serpenteando ao longo de uma fronteira que se começava a sedimentar. Pensou-se que esse trajeto tivesse sido cumprido ao longo da primavera e verão de 1509. É mais provável que tenha havido várias deslocações, podendo as mesmas balizar-se entre finais de 1508 e o final do inverno de 1510 (Barroca, 2018: 196).

A caminhada foi, decerto, bem mais difícil para o anónimo escudeiro de Duarte Darmas, que teve de percorrer o percurso a pé. O desenhador retratou-se, com regularidade, ao longo da jornada, bem como ao seu acompanhante. Normalmente estão em marcha, mas em Olivença o desenhador aparece-nos no alto de uma torre, e numa outra imagem estão ambos, mais a montada, dentro de um barco, cruzando o rio Minho (Pereira, 2012: 584). Vemo-los munidos do que parece ser uma lança e que, muito provavelmente, também lhes serviria de bitola nas inúmeras medições que foram feitas.

O trabalho resultou num levantamento das fortalezas de fronteira – ao qual Duarte Darmas não deu título, escrevendo apenas, de forma genérica, «este livro he das fortalezas que sam setuadas no estremo de Portugall e Castella [...]» – um trabalho ímpar e grande relevância do ponto de vista da arquitetura militar, de valor inestimável do ponto de vista político mas, sobretudo, um registo insubstituível do ponto de vista iconográfico, no que à identificação de cada um dos sítios diz respeito.

O desenhador fez o seu trabalho com rigor e sentido objetivo. Não por «retratar» fiel e fotograficamente cada uma das localidades, mas por escolher, de forma criteriosa, o que devia ou não representar em cada um dos sítios (Branco, 2006: 18-19). O sistema de recolha de informação respeitava uma matriz simples, mas de grande eficácia. O desenho da planta da alcáçova era obrigatório. Cada torre era medida e registada em varas (110 cm) e palmos (22 cm), com medidas que são razoavelmente fiáveis e que, com algumas variações, podemos ainda hoje constatar. O processo tem um rigor apenas aproximado, mas continua a ser-nos útil, em especial nos muitos sítios onde o tempo foi eliminando torres e muralhas, que o desenho do Livro das Fortalezas nos permite reconstituir. A hierarquização da informação era clara: primeiro a zona fortificada, com o rigor possível e com a informação considerada pertinente, depois o resto da localidade, com as duas vistas já mencionadas, expressamente indicadas como norte e sul, sueste e noroeste, este e oeste, etc. Os pontos cardeais nem sempre eram determinados de forma precisa, o que deu origem a vários erros. Dos 58 castelos inicialmente previstos, foram registados 55 (Portalegre, Alegrete e Marvão ficaram, infelizmente, de fora). Desses, 20 correspondem à raia alentejana, estando atualmente um deles (Olivença) em território da Extremadura. É sobre essas duas dezenas de sítios que incide o presente livro.

O livro das fortalezas conta com um segundo código, hoje pertencente à Biblioteca Nacional de Espanha (Pereira, 2012: 569-572). Trata-se, aparentemente, de um rascunho ou visão preliminar dos locais. As razões técnicas para a dicotomia primeira versão / segunda versão estão bem explicadas num estudo de Mário Barroca, que aborda a maior parte das questões essenciais para se compreenderem os desenhos de Duarte Darmas. Neste primeiro trabalho, registou muitas informações que depois eliminou, por considerar que eventualmente não eram necessárias. Estão nesse caso os nomes de várias ermidas, como sucede em Alpalhão ou em Nisa ou ainda a

menção expressa a propriedades, hortas e de lagares, como em Nisa, onde repetidamente surge o nome de D. João (de Sousa), alcaide da localidade.

O exemplar de Madrid apresenta, para a raia alentejana, uma visão muito parcelar da realidade. Mostra-nos desenhos de quatro locais, todos eles no atual distrito de Portalegre: Alpalhão (duas vistas completas), Assumar (o lado direito da vista a partir de sueste), Castelo de Vide (duas metades, apresentadas de forma truncada, misturando o lado esquerdo da vista de nordeste como o lado direito da perspectiva tomada a partir de sueste) e Nisa (duas vistas completas). São elementos de grande valia, apesar de se reportarem apenas a dois sítios completos e outros dois com informação apenas parcial. A este estudo em papel sucedeu-se a versão final, em pergaminho, que terá sido concretizada a partir da primavera de 1510 (Barroca, 2018: 196).

REENQUADRANDO DUARTE DARMAS

O desafio que se nos colocava era, afinal, como tornar inteligível uma realidade há muito desaparecida, tentando identificar na paisagem os locais para onde Duarte Darmas tinha olhado. Procurámos ilustrar essa realidade usando ainda dados comparativos a nível demográfico, e tirando partido do poder descritivo das «Memórias Paroquiais» de 1758.

A abordagem assentou nas seguintes bases:

1. A tentativa de identificação dos locais desenhados por Duarte Darmas. Ou seja, o que ainda existe, nos mesmos sítios onde foram desenhados. O que é visível nos locais onde se assinalavam imóveis entretanto desaparecidos. Que transformações houve e como podem ser feitas as comparações. O antes e o depois, fisicamente registado em cada localidade;
2. As «Memórias Paroquiais» foram o grande ponto complementar para ilustrar o desenho quinhentista e o seu contraponto fotográfico atual. Quase todos os pontos registados por Duarte Darmas têm descrição setecentista. É verdade que os párocos tinham motivações para a escrita de diferente índole e a textos de apurado sentido narrativo se contra-põem outros demasiado sucintos, muitas vezes quase displicentes. Mas foram sempre de grande utilidade as descrições feitas nestas memórias para ilustrar os pontos desenhados por Duarte Darmas que, em grande medida, ainda estavam presentes na paisagem das localidades e eram considerados como merecedores de destaque.
3. Os dados demográficos do Numeramento de 1527 foram contrastados com os elementos fornecidos pelas Memórias Paroquiais de 1758. É certo que o rigor estatístico é elementar, mas os números apresentados são suficientes para termos uma ideia da realidade populacional, ao longo de mais de dois séculos, das localidades visitadas por Duarte Darmas;
4. As alterações sofridas pela maior parte destas localidades, resultantes tanto das modificações a que a Guerra da Restauração obrigou, como do crescimento urbano que conheceram, levou-nos a utilizar plantas dos séculos XVII e XVIII existentes no Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar (G.E.A.E.M.). As quais remetem para uma realidade em modificação, mas que nos dão indicações sobre sítios representados por Duarte Darmas e que hoje já não existem (como no caso da Capela de São Miguel, em Arronches).

REcriação DA PERSpetiva

No seu longo percurso, Duarte Darmas registou 55 sítios fronteiriços, como mais acima se disse. A forma como concretizou o seu trabalho pode ser reconstituída apenas a partir do resultado final. Não nos deixou quaisquer outros apontamentos ou elementos adicionais. No intervalo temporal que Mário Barroca definiu terão cabido todos os levantamentos e, sobretudo, as medições necessárias de registo das alcáçovas.

A primeira tentação, ao olharmos os sítios, cinco séculos volvidos, é a de tentar localizar o sítio preciso de onde Duarte Darmas teria registado as suas imagens. Dois ensaios iniciais, concretizados em Mértola e em Moura, revelaram a impossibilidade prática de tal tarefa. Ou seja, não era possível ver o que Duarte Darmas representa a partir de um único local. Em Moura, por exemplo, não se consegue ver, ao mesmo tempo e ao nível do solo, o Convento do Carmo e a Bica de Santa Comba. Em Mértola, se nos localizamos na margem esquerda do Guadiana, em frente à mesquita, perdemos muitos detalhes que Duarte Darmas nos mostra e, seguramente, não conseguimos ver a ribeira de Oeiras. Ou seja, o que o desenho abarca não pode ser visto, em nenhum dos 20 exemplos da fronteira alentejana, de um só local. Não há, assim, um único ponto de vista. Muito menos, em locais como Monsaraz, por exemplo, onde os pontos em volta do castelo se situam a uma cota inferior às muralhas seria possível obter uma vista ao seu nível. Também não há uma regra quanto à perspetiva em que o autor se situou. Os ângulos variam e não há um padrão uniforme que tenha sido seguido (Pereira, 2012: 608-612).

Partindo dessa constatação, verificou-se a impossibilidade de Duarte Darmas conseguir ver num só plano aquilo que nos apresenta (Pereira, 2012: 607). Porque, à medida que nos movimentamos, vemos melhor alguns detalhes, mas outros desaparecem do nosso campo de visão. Objetivamente, a representação de cada local – e de modo mais notório nos locais de maior dimensão – resulta de um somatório de dados, de uma colagem de apontamentos, tirados vários pontos. Quando refere sul ou sudeste estava a mencionar uma localização aproximada à que tinha utilizado e não um sítio preciso. Mais interessante é constatar que, para se ter acesso à informação que Duarte Darmas apresenta só numa cota superior à que nos encontramos, e à que ele utilizou, é possível abarcar toda a informação apresentada. Ou seja, apenas em voo se consegue ver o que os seus desenhos nos apresentam. O que a recolha nos apresenta é afinal uma conjugação de vários fatores:

1. A soma de vários apontamentos tomados em cada local, de forma a conceber uma imagem tão fiel quanto possível de cada sítio;
2. Um esforço de abstração, construindo-se mentalmente o que não era visível a partir do solo e numa perspetiva que tinha de ser inteiramente imaginada;
3. Um modelo de representação que selecionava pontos de destaque em cada localidade, escolhendo-se o que era, ou se pensava ser, mais importante ou representativo.

Na visão de cada sítio que, não sendo fotográfica, é perfeitamente clara e representativa, mostrava-se tudo o que importava. O desenhador não se coibia de distorcer perspetivas, de jogar com os elementos, aproximando ou distanciando edifícios, conforme lhe convinha e de forma a caberem na representação. É aquilo que Paulo Pereira designa como «plano homogéneo

constituído pela sobreposição de planos sucessivos puramente bidimensionais» (Pereira, 2012: 612 e 618-620). Aproximava igrejas que estão distantes das localidades (como nos casos da igreja de Boa Nova, a 1000 metros de Terena, da ermida de São Sebastião, em Alpalhão (assim referida no manuscrito de Madrid, mas que pode ser a de São Pedro – Biblioteca Nacional de España, *Livro das Fortalezas*, mss/9241 – <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1>, consultado em 9.7.2020), ou da ermida de Santo André, a 500 metros de Montalvão, e que parecem, no desenho, muito mais perto do que a realidade comprova), mostrando-nos a ponte da Ribeira Grande, a 600 metros de Monforte ou representando num mesmo plano as pontes do rio Caia, em Arronches, que não podem ser vistas em simultâneo. A intenção não era a de enganar quem via o desenho mas, tão-só, simplificar a consulta e clarificar detalhes que só no local poderiam ser vistos com mais rigor. A distorção da realidade é consciente e assumida como parte da solução, condensando-se num único plano uma realidade era / é, ao vivo, bem mais complexa. O ângulo de «visão» está longe de ser uniforme (Pereira, 2012: 631). Em grande parte, porque a imagem captada é imaginada e não podia ser obtida a partir de uma perspetiva ou de um local suscetíveis de identificação.

Dois exemplos extremos dessa simplificação do que era visto e se queria representar estão patentes em Alandroal e em Nisa. No primeiro caso, e ante a impossibilidade de mostrar o arrabalde, que fica a nordeste do castelo, e por este se encontrar numa cota mais baixa que os terrenos nas imediações, o desenhador falseou a realidade. Ou seja, inverteu o sentido do declive. Quem olha para o desenho, fica com a ideia que naquela zona se sobe em direção ao castelo, quando, na verdade se desce. Uma representação realista impediria que quem visse o desenho pudesse ver a globalidade do arrabalde e, muito menos, a ermida de São Sebastião, localizada bem no meio das casas. Em Nisa, e ante o interesse em mostrar todos os lados da muralha (um quadrilátero orientado segundo os pontos cardeais) levou a que Duarte Darmas se socorresse de um engenhoso artifício. Na vista a partir de norte, conseguimos ver também as muralhas este e oeste. O desenhador «abriu» a representação, estendendo o perímetro fortificado como se de um planisfério se tratasse. Conseguimos, assim, ver em simultâneo algo que do ponto de vista real é impossível de fazer.

Um dos casos mais evidentes desta recriação das perspetivas é o de Monsaraz a partir de leste (na realidade a partir de oeste ou de noroeste), onde se representam as muralhas e a ermida de São Bento como se estivessem ao nível do olhar de quem as retrata. Na realidade não é assim. O pronunciado declive do cerro onde a vila medieval se encontra torna impraticável qualquer visão que se aproxime do que Duarte Darmas nos mostra.

Ou seja, Duarte Darmas só poderia ver o que representa, do modo como o faz, se o fizesse a partir do ar. Daí a necessidade de se utilizar um drone, ao constatarmos que muitas imagens não representavam imagens fiéis da realidade, mas sim recriações imaginadas pelo desenhador.

As duas vistas de cada localidade são, por norma, de grande clareza. Os edifícios que resistiram ao tempo são facilmente identificáveis. O castelo tem um lugar à parte, merecendo o seu registo especial rigor, vertido depois na planta da alcáçova. O desenho da cada localidade obedecia, depois, a um princípio simples. Duarte Darmas tratava os espaços urbanos de modo esquemático e simplista. Não era o rigor absoluto, ou a representação precisa, de cada casa que importava, mas sim dar uma ideia de conjunto. Os elementos construtivos (paredes, telhados, portas, janelas) repetiam-se, como se de um moderno programa de *photoshop* se tratasse.

O desenhador escolhia depois, em cada localidade, pontos de destaque, que surgem registados com maior detalhe ou que são assinalados com um texto identificativo. As igrejas têm aí especial relevo, tal como se assinalam, em muitas localidades, os seus relógios. Elementos específicos de cada sítio (os barcos de pesca, em Mértola; a fonte de água em Ouguela, a lagoa em Alandroal, etc.) são tratados de forma cuidada. Duarte Darmas não era um etnógrafo, mas olhava com atenção o território à sua frente.

Em segundo lugar, Duarte Darmas regista os pontos de relevo de cada sítio (igrejas, relógios, fontes, pontes etc.), por vezes com legendas ilustrativas que se revelam sempre de grande utilidade. Ao fazer esse registo, o desenhador estava deliberadamente a chamar a atenção para o que lhe parecia merecedor de destaque em cada sítio. Não podemos deixar de notar a antiga mesquita de Mértola, a fonte de Ouguela, a igreja de São Domingos, em Elvas, a «lagoa» junto às muralhas de Alandroal, que constituem uma série de elementos impressionantes que se sobressaíam nessas paisagens urbanas.

Os relógios, ainda recentes nas vilas portuguesas, são orgulhosamente destacados por Duarte Darmas. Vemo-los em Moura, em Elvas, em Olivença, em Castelo de Vide, em Arronches. São as localidades mais importantes representadas e a presença do relógio marcava um acrescido estatuto de distinção.

Mesmo considerando que o tempo de registo, e a passagem pelos locais, foram mais dilatados do que normalmente se tem admitido (Barroca, 2018: 194-195), as informações recolhidas não estão isentas de falhas. As «compressões» espaciais, ou as «distorções» que Duarte Darmas deixou nos seus desenhos não entram na categoria de erros. Essas manipulações fazem parte do seu método explicativo ou de descodificação de cada local. Portanto, objetivamente, não são erros. E ainda que algumas dessas abordagens violem de forma evidente as mais elementares leis da perspectiva. Como sucede em Castelo de Vide, onde Duarte Darmas joga com as igrejas «movendo-as» nas duas vistas, de forma a serem sempre identificáveis.

Os erros mais comuns são as falhas na indicação dos pontos cardeais. Há outros que são factuais. Citem-se, a título de exemplo:

- A torre de menagem do castelo de Moura não tem seteiras;
- As falhas na representação de Monsaraz, apontados por José Pires Gonçalves

CASTELOS, MURALHAS, IGREJAS E MESQUITAS

As vistas dos castelos são rigorosas ou pretendem sê-lo. A enumeração das torres, e mesmo as suas medidas, são um importante documento que o rei e os seus conselheiros militares, poderiam usar sempre que necessário.

Nem sempre as muralhas estão hoje presentes em toda a sua extensão, tal como Duarte Darmas as viu. Em algumas localidades, como Mértola, Noudar, Terena, Alandroal ou Monsaraz, o que o desenhador registou é, na prática, o que ali podemos ver. A perda de importância estratégica desses sítios, do ponto de vista militar, aliada a uma diminuição da sua importância enquanto centros urbanos de relevo, acabou por conservar as suas muralhas. O imobilismo que conheceram conservou todas as suas principais estruturas, incluindo as muralhas medievais.

Nas restantes situações, não há um padrão que possamos apontar. Em muitos locais, há panos de muralha que subsistiram e outros que, por diversas circunstâncias, desapareceram. O mau estado de algumas construções foi assinalado pelo desenhador: «este canto da torre derribou uma pedra de corisco», afirma no caso de Serpa (Dias, 2015: 350). De um modo geral, o que restou é suficiente para um reconhecimento e para a correspondência visual dos principais pontos das fortificações. Sítios houve em que as muralhas se tornaram quase invisíveis. Nestes casos mais radicais, como Alpalhão ou Monforte, as cercas são quase só uma recordação, pressentida no traçado urbano. Em Monforte, o perfil circular da muralha manteve-se no traçado das ruas Huberto Maas, da Lage e Visconde da Luz, cujo contorno mimetiza uma cerca já desaparecida. Em Alpalhão, o castelo deu lugar a uma zona vazia no coração da localidade – num quarteirão demarcado pelas ruas Direita, do Arrabalde e de São Pedro. Também em Assumar restam apenas dois pequenos troços da muralha no limite oriental da localidade. O quadrilátero que Duarte Darmas registou ainda hoje se identifica no parcelário urbano.

Noutras localidades, foram as torres de menagem que desapareceram. As de Juromenha e de Campo Maior foram adaptadas a paióis de pólvora, decisão que traçou o seu destino. Duas explosões, em 1659 (Juromenha), aquando da Guerra da Restauração, e em 1732 (Campo Maior), destruíram as torres, das quais temos a memória nos desenhos. A mesma sorte conheceria, em 1663, boa parte da fortificação medieval de Arronches, devastada pela explosão do paiol de pólvora.

Troços das muralhas islâmicas estavam ainda bem presentes no panorama das cidades quinhentistas. Devem enquadrar-se em cronologia almóada as torres poligonais de Elvas e de Moura. A primeira ainda se hoje se conserva, dando o nome à Porta do Arco de Nossa Senhora da Encarnação. A de Moura integrou, com toda a probabilidade, o lote de demolições que foram levadas a cabo em 1816, altura em quase toda a muralha em taipa do período islâmico foi desmontada, para dela se extrair salitre para o fabrico de pólvora (Macias, 2016: 105-107).

As igrejas estão presentes na paisagem de quase todas as povoações. São 45 igrejas, conventos, capelas ou ermidas, com um máximo de templos em Castelo de Vide (Santa Maria, São João, Santiago, Santo Amaro e Senhora da Penha) e a ausência de espaços religiosos em Monsaraz e em Ouguela. Neste caso, vemos apenas as muralhas, pelo que a igreja situada intramuros escapa ao nosso olhar. Noutras localidades, como Serpa ou Olivença, a matriz assoma por detrás da muralha. Em Monsaraz, causa alguma surpresa que Duarte Darmas não tenha visto, ou se tenha esforçado por assinalar, a igreja matriz. A igreja da Boa Nova, em Terena, mantém-se praticamente intacta, na sua estrutura de um quase fortim medieval (escrevia Duarte Darmas «é muito formosa igreja e muito forte, toda de abóbada e canto [cantaria] talhado»). Nenhuma das outras igrejas registadas por Duarte Darmas sobreviveu, na sua imagem quinhentista. Os programas de ampliação que sofreram, acentuados num caso ou noutro pelo terramoto de 1755, alteraram a imagem dos edifícios.

A sua identificação, e tentativa de correspondência com a realidade atual, baseou-se sobretudo em dados topográficos. Designadamente na posição relativa de igrejas e ermidas situadas fora de portas face às muralhas, o que é facilitado nos casos em que os espaços religiosos não desapareceram. Há lendas que, pontualmente, nos auxiliam nessa identificação. Muitas vezes, bastam-nos umas poucas palavras («o carmo», em Moura, «sam francisco», em Serpa, «sam domingos» e «santa maria da graça», em Elvas) para fazermos corresponder edifícios atuais e

antigos. Noutros casos, há igrejas que desapareceram e delas não ficou rasto, como a primitiva ermida de «santo agostinho», em Moura, ou «santa ana», em Nisa. Foi importante, para a identificação de alguns destes sítios («santa ana», em Nisa, a igreja de Santo Amaro, em Castelo de Vide, «sam sebastiam», em Alpalhão) a consulta do códice da Biblioteca Nacional de Espanha. Duarte Darmas identificou com legenda, nessa versão, esses e outros locais, cuja referência omitiu no trabalho final, mas que nos dão pistas essenciais para permitir localizações rigorosas.

No início do século XVI persistiam ainda algumas marcas de um passado mais distante. A igreja de Mértola mantinha toda a sua estrutura de mesquita almóada. Apenas a almenara fora transformada em torre campanário. Para que não restassem dúvidas Duarte Darmas escrevia «igreja que foi mesquita». Esse edifício daria lugar, cerca de 1530, à atual igreja, sob a qual permaneceram alguns traços da antiga aljama (Torres, 2014: 131-143). Menos evidente é o caso da antiga mesquita de Elvas. É certo que o desenhador identifica a torre como «igreja moor», mas a estrutura do campanário identifica, com clareza, uma almenara dos séculos XII-XIII (Correia, 2013: 78-79 e 81-82).

De entre os elementos importantes desaparecidos sobressai, claramente, o espaço de audiência («aqui fazem audyencia») em Ouguela, um espaço porticado, aberto ao exterior, e que deu depois lugar à igreja que ainda ali se encontra. Outras igrejas foram levadas pelas obras da Restauração, como as de campo Maior, trasladadas para outro local. Outras ermidas, como as de Arronches (São Miguel) ou de Juromenha, pura e simplesmente deixaram de existir, sem deixar rasto nem memória.

MEIO AMBIENTE E PAISAGENS INVISÍVEIS

A água é elemento sempre presente nos registos de Duarte Darmas. As indicações são de vária ordem e atestam diferentes formas de presença na vida das populações. Talvez a representação mais insólita seja a da lagoa que defendia, no lado sul, o castelo do Alandroal. Era um verdadeiro fosso, bastante largo, cheio de água, que tinha de ser vencido através de uma ponte, pela qual se acedia à porta da traição.

Fontes, bicas e poços surgem em vários locais, numa representação realista e não estereotipada. Em Alandroal, junto à lagoa existia uma fonte, muito modificada, e bastante monumentalizada no século XVIII. Com exceção do poço assinalado em Assumar, hoje desaparecido, o princípio é o da manutenção, ao longo dos séculos, destes pontos de recolha de água. Foram, todos eles, naturalmente modificados. Muitos têm hoje um caráter quase só cenográfico ou decorativo. Mas tiveram, antes da generalização das redes de distribuição domiciliária, um papel social insubstituível. Daí que Duarte Darmas represente, com tanto cuidado, a bica de Santa Comba, em Moura, tal como assinala a fonte de Montalvão (cuja mais recente versão data do Estado Novo) ou a de Ouguela, com as mulheres junto ao ponto de recolha de água, e outra dirigindo-se à aldeia, como se de uma narrativa se tratasse. No centro da alcáçova de Moura era ainda referida a presença de um poço de «muita água e boa». Em Castelo de Vide permanecem quanto à representação de uma pequena estrutura junto às muralhas. Já foi apontada como sendo uma «picota» (ou jaula para os presos ficarem expostos) (Oliveira, 2011: 49) mas que, mais provavelmente, deverá corresponder à fonte da vila, numa configuração muito semelhante à atual, datável do segundo quartel do século XVI.

Os rios surgem em lugar de destaque sempre que têm importância local, seja do ponto de vista económico ou defensivo. Duarte Darmas deixou-nos registo do Guadiana (Mértola e Juro-menha), do Ardila e do Murtega (Noudar), do Oeiras (Mértola), do Caia (Arronches) e da ribeira de Monforte. Em Montalvão, a legenda de uma das vistas refere «por aqui vai uma ribeira». A de Sever, que fica a pouco mais de dois quilómetros da localidade, já então marcava a fronteira entre Portugal e Castela. Havia pontes em Arronches e em Monforte e barcos de diferentes dimensões em Mértola. As embarcações que vemos aqui no rio parecem querer representar os diferentes tipos de atividade económica (de comércio e transporte nos barcos de maiores dimensões, de pesca naquela onde vemos dois homens a remar).

A vegetação está quase sempre ausente, em questões de detalhe. Excetua-se o caso de Castelo de Vide, cujas imediações são exuberantemente representadas com a referência expressa a castanheiros e a oliveiras. Hortas periurbanas, bem delimitadas e ordenadas surgem com regularidade, como em Montalvão, em Ouguela ou em Nisa. Neste último caso, Duarte Darmas menciona de forma expressa o proprietário de um lagar e de hortas (D. João, presumivelmente D. João de Sousa, o alcaide da vila). Em Elvas, mostra-nos pomares e hortas.

Um laranjal, associado a um poço de «muita água e boa», tem lugar de destaque na planta da alcáçova de Moura (Dias, 2015: 315). Quando no interior dos castelos não há poços, há cisternas, e elas surgem em Noudar, Mourão, Monsaraz, Terena etc. (Dias, 2015: 352-355). Era uma forma de garantir a autonomia destes redutos defensivos em caso de cerco.

Mais do que os terremotos, foram as campanhas da Restauração a dar uma nova configuração às localidades raianas. Casos como Mértola ou Assumar, por exemplo, não tiveram alterações durante estas campanhas. Moura teve-as, mas a nova cintura de muralhas deixou intactos os antigos arrabaldes medievais e modernos, envolvendo-os em novas defesas. Noutros casos, as modificações foram importantes e levaram a alterações muito significativas da paisagem urbana. Talvez o exemplo mais flagrante seja o de Campo Maior, onde há testemunhos de alterações de localização de conventos e mesmo a demolição de igrejas e, presume-se, a anulação dos espaços funerários situados nas suas imediações.





ALANDROAL

«Ho alandroall tirado natural da banda do sull». É a vista mais impressiva da vila e do seu castelo, que globalmente tem muitos pontos de identificação com o desenho de inícios do século XVI. Em especial pelo acesso ao interior da fortaleza, feito através de uma ponte, bem como pela presença de um lago (assinalado no desenho como «alagoa»), que criava uma verdadeira barreira física, dificultando o acesso ao castelo. O torreão da cadeia, sobre a entrada, a pequena alcáçova e a torre de menagem são identificáveis tanto no desenho como na atualidade. No limite esquerdo desta representação vemos uma torre, que ainda se preserva. Flanqueia a Porta do Arrabalde, que dava acesso ao recinto de maiores dimensões. No canto inferior direito nota-se uma estrutura semelhante a um tanque, encimada pelo que parece ser um brasão. Deve identificar-se este local com a Fonte das Bicas, embora a sua localização surja algo distorcida, por parecer longe da muralha e do castelo. A proximidade da fonte ao arrabalde joga a favor da identificação.



A parte inferior do desenho é preenchida com hortas e pomares, protegidos por paliçadas ou, mais frequentemente, por sólidos muros. É uma realidade que se mantém. Os terrenos em volta da vila são abundantes em água e há hortas bem cuidadas, com árvores de fruto, muito semelhantes à da imagem quinhentista.

A vista da localidade a partir do norte tem um pormenor invulgar. Para não perder elementos informativo, Duarte Darmas falseia a realidade e apresenta a zona fora de portas numa simulação de subida em direção às muralhas. Uma perspetiva facilmente contrariada pela constatação no local. A realidade é precisamente inversa. Não há, por exemplo, forma de ver à distância a ermida de São Sebastião, ocultada pela topografia da área envolvente. Na mesma vista identifica-se o topo da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, bem como a torre dupla que enquadra a chamada Porta Legali. Do templo católico vemos uma torre sineira, bem como uma rosácea sobre a porta principal. Na Porta Legali encontra-se a célebre inscrição, não assinalada por Duarte Darmas, onde se lê «Eu mouro Galvo, fui maestre de fazer este castelo do Alandroal». A lápide, de finais do século XIII, assinala a reconstrução da fortaleza, às mãos de uma alarife muçulmano, que não se coibiu de usar o lema dos reis de Granada («Não há vencedor senão Deus»), transcrevendo a fonética árabe em caracteres latinos (Barroca, 2000a: 1114-1118 e Barroca, 2000b: 428)



(2) PORTA POENTE
(1) TORRE DE MENAGEM

(9) CASTELO (INTERIOR)

(4) LAGOA
(3) PORTA DA TRAIÇÃO

(5) FONTE





(8)
ERMIDA DE
SÃO SEBASTIÃO

(6)
IGREJA

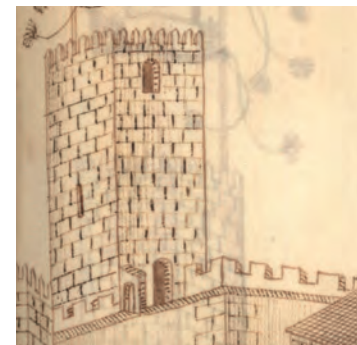
(1)
TORRE DE
MANAGEM

(7)
PORTA
LEGALI



O Alandroal tirado natural, da banda do norte

A vila teria cerca de 1100 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 59) e perto de 800 em 1758 (Moreira, 2013: 53). Segundo as «Memórias Paroquiais», «he o castello situado no meyo da villa de sorte que a divide em duas partes a de cima que fica para o oriente se chama a Matta e a de bayxo que fica para o occidente se chama o Arrabalde» (Moreira, 2013: 34).



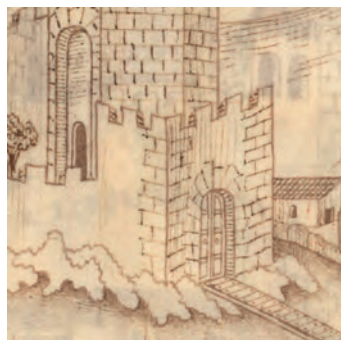
TORRE DE MENAGEM (1)

A construção tem agora como diferença maior a instalação de um relógio e de uma torreta. De resto, a estrutura é a mesma, impondo-se no interior do castelo e no panorama do Alandroal.



PORTA POENTE (2)

Surge identificada como «porta do arrabalde» (Gameiro, 2018: 101 e 105), mas nas «Memórias Paroquiais» é apenas referida como «outra porta que fica para o poente» (Moreira, 2013: 35). Tem uma torre a flanqueá-la. A porta é em arco quebrado. Embora não esteja diretamente registado no desenho quinhentista, a posição do local é claramente perceptível.



PORTA DA TRAIÇÃO (3)

A porta de acesso ao interior do castelo identifica-se sem dificuldade no desenho de Duarte Darmas. Ali se chegava cruzando um passadiço lançado por cima de um fosso com água, passando depois a «(...) porta que fica para Nascente chamada a porta da trayção» (Moreira, 2013: 35). O local continua a dar acesso ao interior do castelo, mas da «alagoa» não ficou qualquer memória.



LAGOA (4)

A «alagoa» desenhada no início de Quinhentos contornava a praça de armas no setor nordeste a sudeste. As «Memórias Paroquiais» já não fazem qualquer alusão ao fosso com água, pelo que teria desaparecido há muito. Mas quando Duarte Darmas a desenhou devia impor-se, em torno do castelo, e ajudando a marcar a divisão entre os dois arrabaldes.



FONTE (5)

Da fonte desenhada por Duarte Darmas não restam vestígios. No seu lugar há outra setecentista, conhecida como Fonte das Bicas e descrita com orgulho pelo pároco: «[A] fecundidade com que a natureza especializa esta villa traz a origem da nobellissima fonte, que tem na parte mais inferior da praça della, com a formalidade quadrada. Em sima do frontespicio tem as armas reaes desta monarquia, entre dous meynos corpos de duas figuras laureadas, cada huma com seu dístico. (...) Lança a agoa pella boca de seis leões, onde vão os moradores do povo desta villa busca-la, e hinda de logares e vezinhas villas sequiozos vem prover-se della, senão por falta na propria habitação, pello preciozo e cristalino da agoa, que de Verão corre muito fresca, e de Inverno quazi tépida» (Moreira, 2013: 36).



IGREJA (6)

«A Matriz ou Parochia está tanto no interior da villa que está dentro do castello, da qual era antigamente orago Nossa Srª. com o título da Graça» (Moreira, 2013: 37).

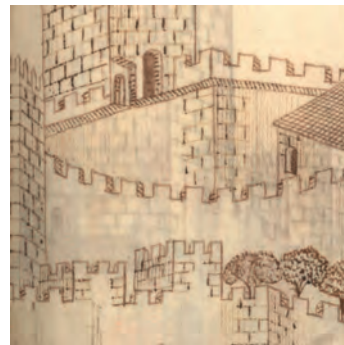
PORTA LEGALI (7)

«O castello (...) tem três portas a primeira e principal chamão Legali e fica para o Norte» (Moreira, 2013: 34). O nome da porta alude à inscrição de finais do século XIII, que assinala a construção do próprio castelo.



ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO (8)

«Tem estas villa seis ermidas, cujas são a ermida de S. Sebastiam situada dentro da villa que foy edificada por despensas do conselho e algumas esmolos particulares» (Moreira, 2013: 39).



CASTELO – INTERIOR (9)

Do lado de fora vemos os limites da alcáçova. É um pequeno espaço de 600 m², menos da décima parte do castelo.

ALPALHÃO

Do sítio de Alpalhão visto por Duarte Darmas foi muito pouco o que chegou até nós. A legenda indica de onde terá sido feito um dos desenhos: «alpalham tirado naturall da banda do sudueste alcaide e comendador fernam da silua» (na verdade, a vista corresponde mais a uma perspetiva de oeste, tal como a outra é mais este que nordeste). Nessa imagem identificamos o castelo, no centro da imagem, e, do lado esquerdo, a igreja de Nossa Senhora da Graça, com uma imponente torre sineira e uma galilé. As casas que estão representadas devem corresponder ao quarteirão hoje situado entre as ruas de Santa Maria e Nova.

Na imagem tirada de nordeste, os pontos fulcrais – castelo e igreja – são praticamente os mesmos. Contudo, a representação da igreja parece apresentar um erro (Gameiro, 2018: 158). A torre sineira, que na anterior representação estava no lado esquerdo da frontaria, surge nesta imagem no vértice oposto.

O sítio do castelo parece perceptível nas imagens aéreas. Uma das suas torres pode corresponder ao embasamento da torre do relógio (Gameiro, 2018: 158). Ou seja, a desaparecida fortificação deveria situar-se no quarteirão entre as atuais Rua Direita, Rua da Cadeia e Rua do Castelo. Em 1758, o castelo ainda existia, ainda que em deficiente estado de conservação (Capela, 2019: 95). A sua ruína total terá ocorrido antes de 1874 (Gameiro, 2018: 158).

Na vista de nordeste vemos um extenso arrabalde, situado entre o castelo e uma pequena ermida, no limite da povoação. O arrabalde deveria situar-se na área dos quarteirões entre a Rua do Castelo e a Rua de São Pedro. Quanto à ermida, sabemos, pelo exemplar da Biblioteca Nacional de Espanha, que foi dedicada a «Sam Sebastiam», coincidindo com a pequena capela junto ao cemitério. Situa-se ao lado da estrada para Castelo de Vide, a cerca de 700 metros do limite oriental da povoação. Podemos ainda alvitrar que Duarte Darmas se tenha equivocado no nome e a representação corresponda à ermida de São Pedro, situada no limite do povoado medieval.



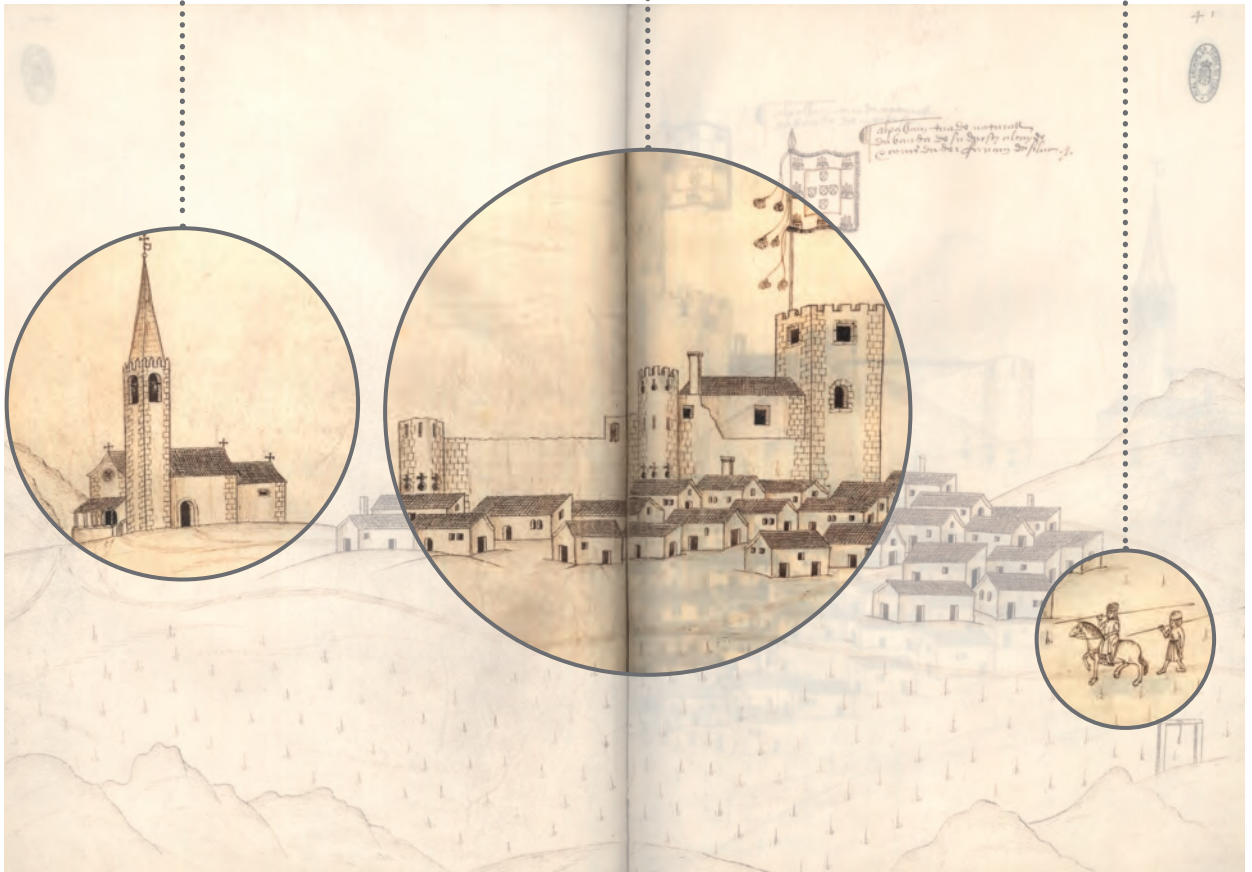
*Alpalhão tirado natural, da banda do sudoeste
Alcaide e comendador Fernão da Silva*



(2)
IGREJA

(1)
CASTELO

(4)
DUARTE DARMAS
E O ESCUDEIRO





(3)
ERMIDA DE
SÃO SEBASTIÃO
OU DE
SÃO PEDRO

(1)
CASTELO

(2)
IGREJA



Alpalhão tirado natural, da banda do nordeste

A vila de Alpalhão cresceu de forma significativa entre 1527, quando tinha cerca de 460 habitantes (Collaço, 1929: 68), e 1758, quando se aproximava de 1600 (Capela, 2019: 118 e 639). Escrevia-se nessa altura: «está esta villa situada em hum campo, mas ahinda que plano, tem sua altura (...)» (Capela, 2019: 639).

CASTELO (1)

O castelo está no coração da atual localidade. Consegue-se apontar a sua localização provável, mas pouco mais: «tem esta villa finalmente seu sinal de muralha, que hé ao redor uma parede mais larga, arruinada e quzi posta no alicerce e hum castello no meio com huma das quatro faces arruinada pelos castelhanos [em 1704]» (Capela, 2019: 640).



IGREJA (2)

A igreja parece monumental, no meio da discrição de Alpalhão. O templo primitivo desapareceu, para dar lugar à igreja de inícios do século XVII (Serrão, 2015: 19). Da galilé e da rosácea registadas por Duarte Darmas ficou a memória do desenho: «[tem] huma só freguesia de Nossa Senhora da Graça. Esta igreja tem seis altares [e] quatro irmandades, a que chamam confrarias» (Capela, 2019: 639).



ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO OU DE SÃO PEDRO (3)

«Fora da vila tem huma ermida de Santo António, outra de S. Sebastiam (...)» (Capela, 2019: 639). O edifício atual é de final do século XVI ou já da centúria seguinte (Serrão, 2015: 55). Foi o edifício anterior, contudo, que Duarte Darmas registou. Parece, contudo, admissível que Duarte Darmas se tenha equivocado e a representação corresponde, na realidade, à ermida de São Pedro (imagem à esquerda), que está no limite oriental de Alpalhão.



DUARTE DARMAS E O ESCUDEIRO (4)

ARRONCHES

A alcáçova de Arronches é já só uma memória cartográfica. Ficava no sítio onde hoje temos o Largo da Restauração e a Rua 1.º de Dezembro. A torre virada à Rua da Porta Nova é o elemento mais evidente dessa estrutura. Quase podemos dizer que é o único elemento que nos chegou da fortaleza vista por Duarte Darmas e que está representada no lado direito do desenho feito a partir do leste. Grande parte da fortificação ficou em ruínas, depois da explosão do paiol de pólvora, ocorrida em 1663 (Gameiro, 2018: 140).

Em primeiro plano, e nessa mesma imagem, temos a ermida de Santo António, desenhada numa dessas compressões espaciais que Duarte Darmas usou, com frequência. Na verdade, este pequeno templo, hoje dentro de uma propriedade particular, situa-se a cerca de 600 metros a leste do castelo quinhentista. À esquerda, no desenho, no limite oposto do espaço intramuros, em relação à alcáçova, identificamos a igreja, com a torre do relógio a seu lado. A exuberância com que esta é representada diz bem da importância que tinha na Arronches quinhentista. As Memórias Paroquiais de 1758 não lhe fazem, contudo, qualquer alusão. A existir ainda, não teria sido afetada pelo terramoto, uma vez que a vila «não padeceu ruína alguma» (Capela, 2019: 439). O atual relógio, a noroeste da igreja, ocupa uma posição muito semelhante ao do século XVI.

Quando tomamos a perspetiva a partir de oeste, a fachada da igreja surge-nos com clareza, com uma rosácea sobre a porta principal. Do lado direito, e entre a vila e o rio situava-se a hoje desaparecida capela de São Miguel, identificável numa carta militar de meados do século XVIII (Biblioteca Digital do Exército, cota 8426-5-69-81).

O rio Caia marca a imagem, serpentando no sopé da colina e contornando vila e muralhas. São visíveis duas pontes. A do lado esquerdo corresponde à ponte do Crato que, na cartografia setecentista dava saída em direção a Assumar e a Monforte. A outra ponte, e segundo a mesma fonte, era o ponto de partida em direção a Elvas.

Do fosso e da barbacã que Duarte Darmas viu não resta hoje mais que a memória. Ambas as encostas, a este e a oeste, foram ocupadas pela expansão do aglomerado urbano, iniciado assim que este se libertou do espartilho das muralhas modernas.



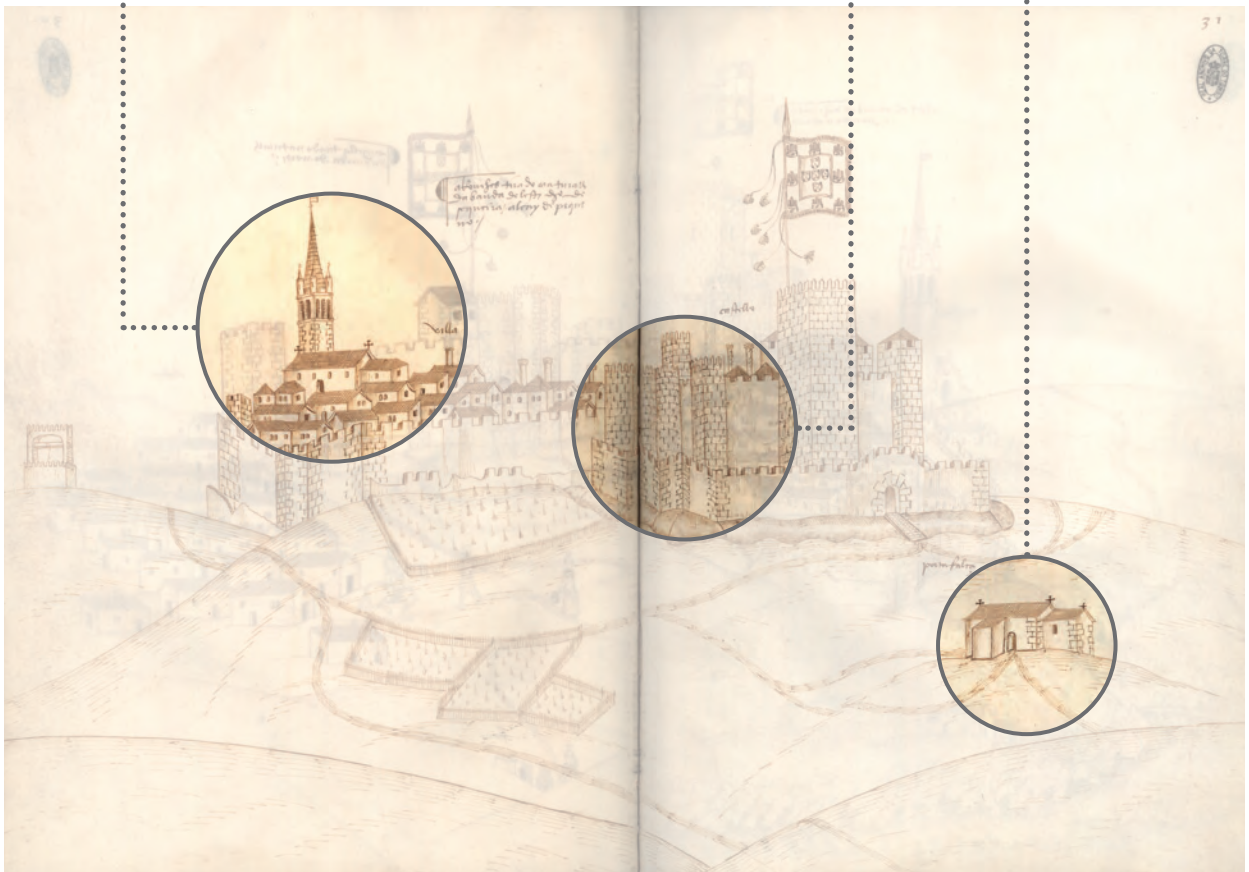
Arronches tirado natural, da banda do leste
Diogo de Sequiera, alcaide pequeno



(1)
IGREJA

(5)
TORRE DA
CADEIA

(6)
ERMIDA DE
SANTO ANTÓNIO





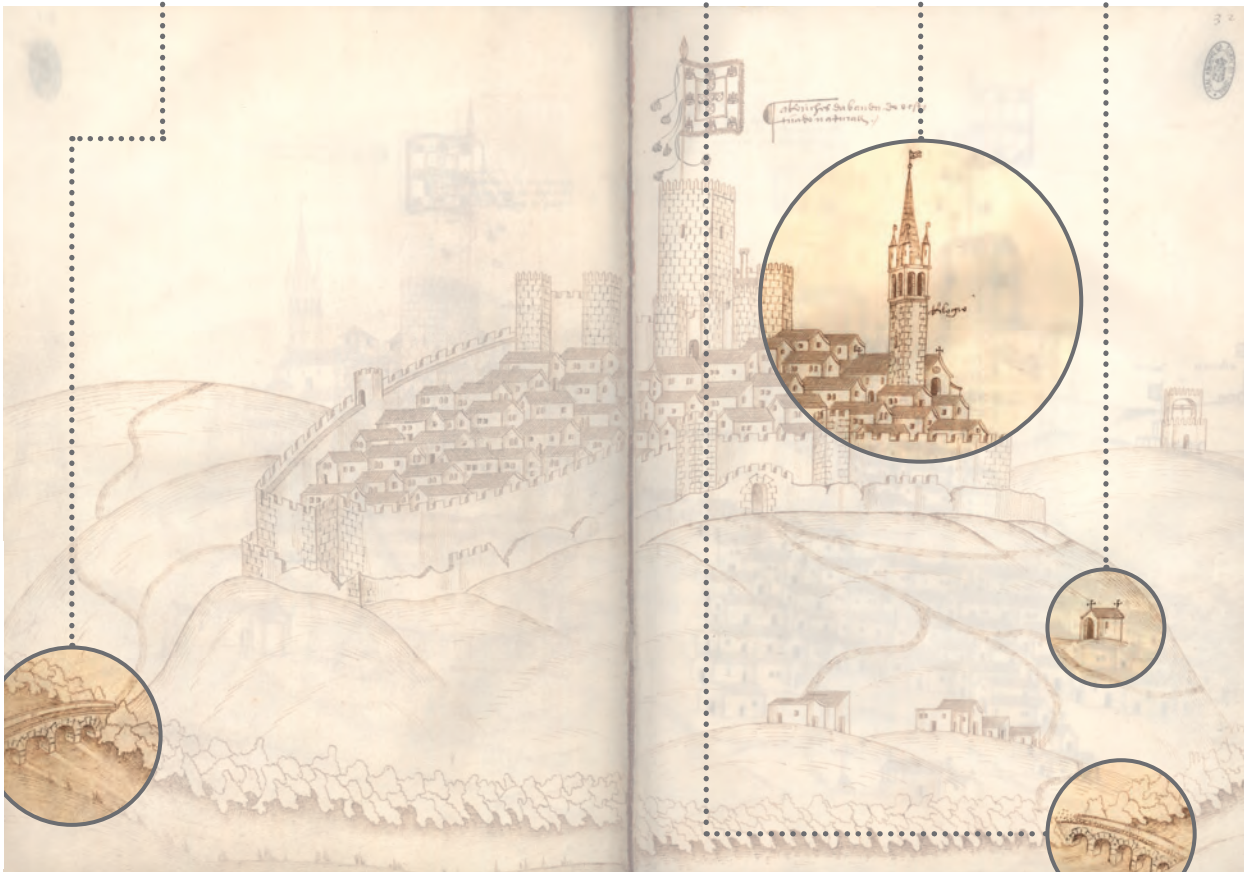
(2)
PONTE
DO CRATO

(5)
TORRE DA
CADEIA

(4)
PONTE
ATUAL

(1)
IGREJA

(3)
ERMIDA DE
SÃO MIGUEL
(desaparecida)



Arronches da banda do oeste, tirado natural

«Esta villa de Arronches está situada pela parte do Norte em alguma elevação por cauza da ribeira que a cerca athé à parte do Meio-Dia, e da outra parte fica quazi em campo razo» (Capela, 2019: 437). Assim se descreve a vila, nas Memórias Paroquiais de 1758. O decréscimo de habitantes parece ter sido significativo: dos cerca de 2800 estimados no Numeramento de 1527 (Collaço, 1929: 36) para um pouco menos de 1300 em meados do século XVIII (Capela, 2019: 437).



RIO CAIA

O rio Caia, que marca presença numa das vistas, foi sempre uma imagem forte na paisagem de Arronches: «emquanto ao que se procura saber do rio desta terra, nela não há rio, mas sim huma ribeira (...). O seu nascimento hé pouco caudoloso, e informando-se com as aguas as chuvas, discorrendo para a parte do Meio-Dia, vai recebendo em si varios ribeiros, e forma a ribeira chamada de Arronches, que discorre por esta villa ao lado do Norte, banhando quazi as muralhas dela. E metendo-se para o Poente na ponte do Cratto se ajunta com a ribeira chamada Caia, tendo esta seu principio nas serras da freguezia de Santhiago de Caiolla (...), mas tão falta de cabedais e nascimento, que faltando as chuvas, falta o seu decurso. E metendo-se na ditta ponte do Cratto fica a ribeira de Arronches perdendo o seu nome e perdominada Caia (...）」 (Capela, 2019: 440).



IGREJA (1)

A igreja que atualmente pontua o panorama urbano de Arroches («esta igreja é matriz collegiada, o seu orago hé Nossa Senhora da Assumpção» – Capela, 2019: 438) foi uma obra começada no século XVI, alguns anos depois de Duarte Darmas ali ter estado.



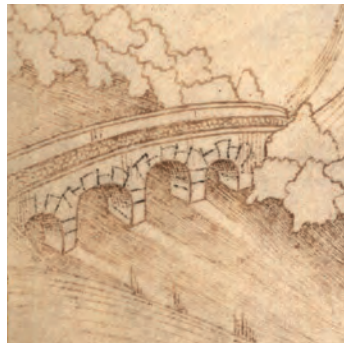


PONTE DO CRATO (2 E 4)

O desenho representa duas pontes, mas não é evidente a coincidência com estruturas atuais. Escrevia-se no século XVIII: «junto a esta villa se acham duas pontes de pedra, huma chamada a ponte de Sancta Maria, logo por cima da villa, e se compõem de três arcos, mas sem dar passage a carruajes. E por bacho logo da mesma villa, aonde entra, cuja ponte chamada do Crato, e se compões com [cinco] arcos, tudo de pedra e com bastante largueza e fortaleza, que permite toda a passage (...)» (Capela, 2019: 440).

A ponte de Santa Maria não é visível no desenho de Duarte Darmas, estando detrás do castelo. Admite-se que as pontes representadas no século XVI correspondam a uma realidade diferente da que as Memórias Paroquiais descrevem.

A segunda passagem, pela qual se saía em direção a Elvas, devia situa-se nas imediações da ponte que hoje se localiza no final da Rua Dr. Edmundo Curvelo.



ERMIDA DE SÃO MIGUEL (3)

O local onde estava representada a ermida de São Miguel era, no século XVI, um descampado. No século XVIII, a paisagem mudara de forma sensível, mas a ermida praticamente desaparecera: «para a parte do Poente tinha esta praça hum grande arrebalde, que chegava à ponte do Cratto. E para a parte do Meio-Dia chegava à fonte de Elvas. E nesta circumferencia hé certo haver três ermidas: (...); junto à aldeia dos Telheiros, a de São Miguel, que todas hoje não têm mais os seus vestígios de que ali foram ermidas» (Capela, 2019: 439). A capela é identificável numa planta do gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar – cota: 591-1-47).



CASTELO E TORRE DA CADEIA (5)

«Esta villa de Arronches hé murada e praça de armas» (Capela, 2019: 439).
A explosão do paiol de pólvora, em 1663, arruinou grande parte da fortificação medieval (Gameiro, 2018: 140). Do castelo restam o traçado da alcáçova, reconhecível, em traços muito gerais, no parcelário urbano, e a torre da cadeia.



ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO (6)

«Extra-muros tem a ermida de Sancto Antonio» (Capela, 2019: 438). Está hoje integrada numa propriedade particular.



ASSUMAR

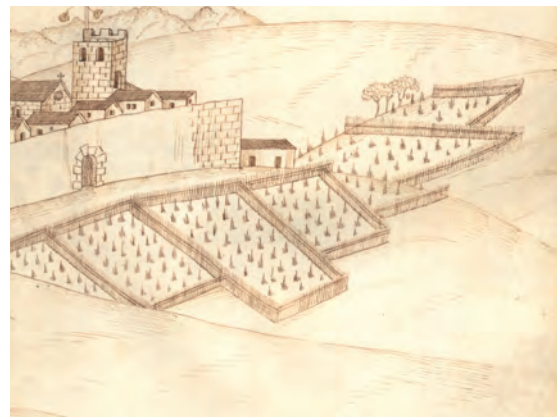
Já só o traçado urbano, e escassos vestígios da muralha, nos devolvem o sítio de Assumar, tal como Duarte Darmas o viu. O espaço intramuros era pequeno, pouco superior a um hectare.

Nas vistas, de sueste e de noroeste, temos quatro portas, a igreja e a muralha. Um poço e uma ermida. Ao lado, havia ordenados campos de cultivo. A fortificação, entretanto, desapareceu. Resta, no limite leste da aldeia, um pequeno pano de muralha, que é pálida imagem da fortaleza de outros tempos.

Uma perspetiva aérea de Assumar devolve-nos o traçado dos muros. A ocidente, a Avenida 5 de Outubro, a oriente os campos, a norte a Rua do Forno, a sul a Rua Cláudio José de Moura. A porta principal ficava na interseção desta última rua com os Largos Capitão Roçadas e da Igreja. A Rua Direita fazia a ligação entre essa entrada e a do lado oposto, numa extensão de cerca de 130 metros. Outra das portas ficava no local onde desemboca a Rua Marechal Gomes da Costa (antiga Rua do Postigo) (Gameiro, 2018: 154).

A igreja de Nossa Senhora dos Milagres ocupa o mesmo local que vemos no desenho. Ficava então no limite da povoação, bem junto à muralha.

Da ermida e do poço não restam vestígios ou memória.



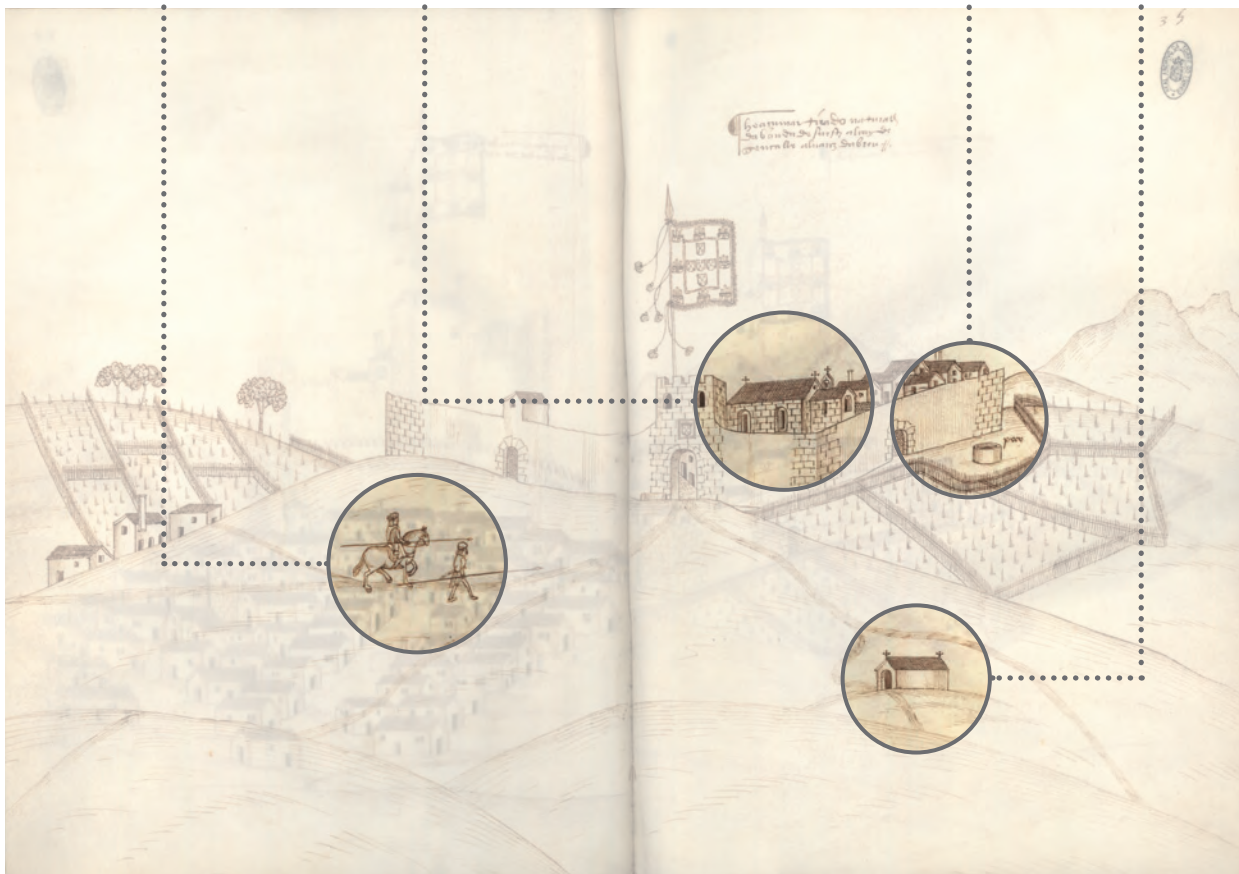


(4)
DUARTE DARMAS
E O ESCUDEIRO

(1)
IGREJA DE
NOSSA SENHORA
DOS MILAGRES

(2)
MURALHA

(3)
CAPELA
(desaparecida)





(1)
IGREJA DE
NOSSA SENHORA
DOS MILAGRES



O Assumar tirado natural, da banda do noroeste

Tinha Assumar cerca de 360 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 43) e 936, quase o triplo, em 1758 (Collaço, 1929: 43). A pequena e pouco habitada localidade dos nossos dias não escapa a esse padrão demográfico. A fortaleza de então («está situada em campo razo, e só della se descobre o castelo da villa de Estremoz, que dista cinco legoas» – Collaço, 1929: 43) difere um tanto da Assumar atual. A sul e a noroeste cresceram pequenos arrabaldes, onde estavam os campos de cultivo que Duarte Darmas desenhou.



MURALHA (2)

«Compõe-se a terra de villa murada, com seu arrealde fora, e os muros della são antigos e em algumas partes arruinados. Nam hé praça de armas, nem há nos seu destricto castello, nem torre antiga» (Capela, 2019: 605). O arrabalde não existia no século XVI, e é a sua presença que explica, decerto, o aumento do número de habitantes. Da muralha restam pequenos troços.



IGREJA (1)

A igreja quinhentista, que estava junto às muralhas, ainda existe. As muralhas desapareceram naquele lugar. Era assim descrita em 1758: «O seu orago é Nossa Senhora da Graça. Tem seis altares (...)» (Capela, 2019: 604).



CAPELA (3)

«Tem duas ermidas fora, huma de Sam Lourenço, e de Sam Sebastiam outra, pertencentes a esta parochia» (Capela, 2019: 605). Tiveram sorte distinta, estes dois pequenos templos. A ermida de São Lourenço dista da localidade cerca de 650 metros, correspondendo a um assentamento romano (Carneiro, 2014: 330). Da outra não há vestígios. Parte-se, portanto, do princípio de que Duarte Darmas terá desenhado a desaparecida ermida de São Sebastião, que se situaria a sudeste de Assumar.



DUARTE DARMAS E O ESCUDEIRO (4)

CAMPO MAIOR

Da Campo Maior vista por Duarte Darmas conserva-se quase só a cerca medieval, sem a torre de menagem. O arrabalde, que ficava fora das muralhas medievais, cresceria bastante nas centúrias seguintes. Na vista a partir de sul, temos três elementos dominantes, o castelo, com a torre de menagem, e duas igrejas. Uma delas corresponde ao antigo convento de São Francisco, que ficava a leste da vila. Por essa razão, aparece em ambas as vistas. Situar-se-ia no



espaço que hoje fica entre a Estrada Militar e a Rua do Campo da Feira (Catarrunas, 2015: 75 e evolução urbana de Campo Maior, planta de estrutura urbana, folha 1). Na vista sul, surge outra ermida, de Santa Maria, em redor da qual estava instalado um cemitério. Deveria localizar-se onde, desde o século XVII, está a ermida de São Sebastião, bem perto da Porta da Vila, por isso também chamada Porta de Santa Maria (Catarrunas, 2015: 75, 93 e evolução urbana de Campo Maior, planta de estrutura urbana, folha 1).

A igreja matriz, situada no interior das muralhas, não é identificável em nenhuma das perspectivas. A torre de menagem, bem visível no desenho, desapareceu em setembro de 1732. O local, que era então usado como armazém de pólvora, foi devastado por uma explosão causada por um raio (Catarrunas, 2015: 103).

Do lado norte, estende-se o arrabalde, semente da futura *vila nova*. Prolongava-se, para nordeste, até às atuais Ruas Miguel Bombarda e de Olivença (Vieira, 1987: 7), o que quer dizer que o limite de Campo Maior estaria, no máximo, a uns 150 metros da muralha medieval.

A Guerra da Restauração, e a necessidade de dar resposta à ameaça espanhola, levou a radicais transformações no perfil da vila. O sistema abaluartado que foi posto no terreno obrigou a muitas demolições. Manteve-se, no coração da velha vila medieval, o castelo, ele próprio objeto de algumas adaptações.

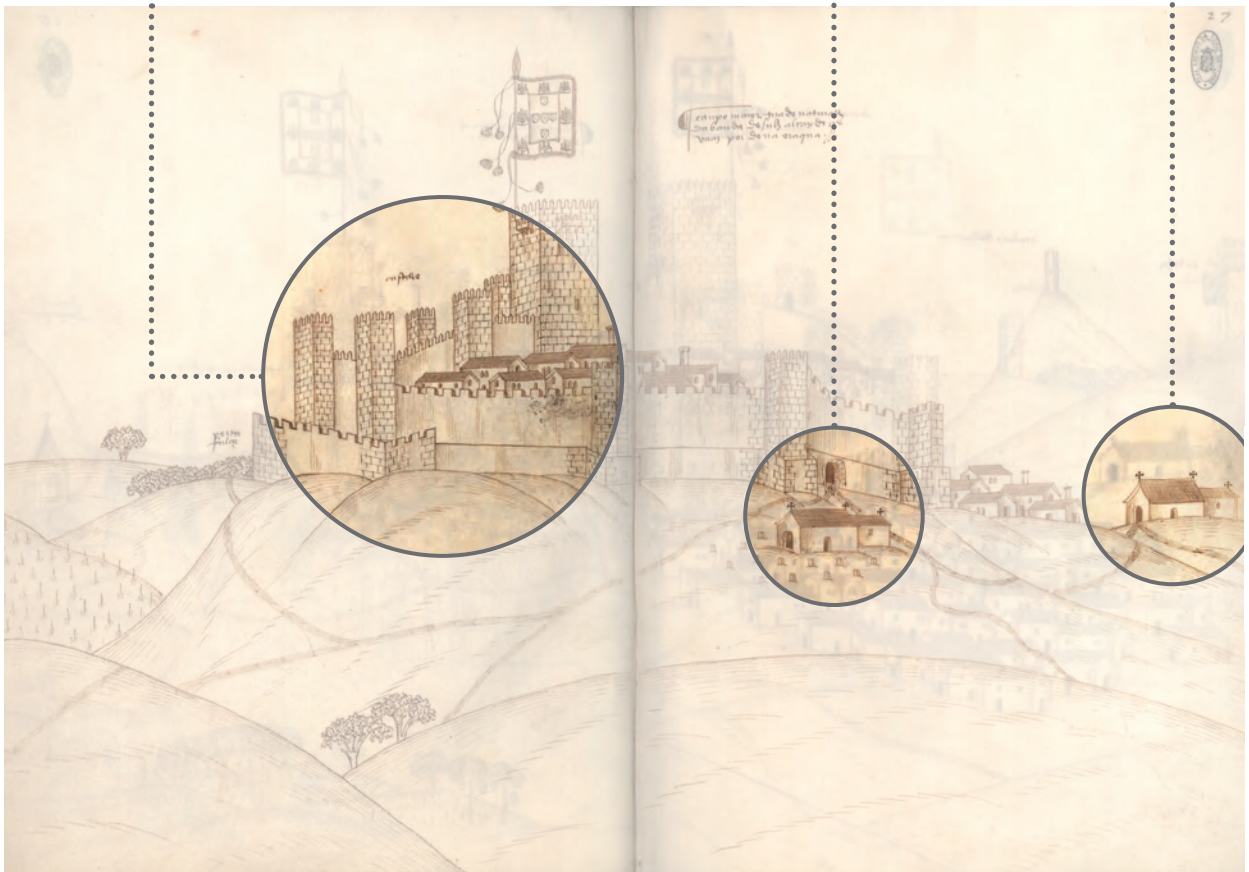
*Campo Maior tirado natural, da banda do sul
Alcaide Afonso Vazquez, por Dona Urraca*



(1)
CASTELO

(2)
ERMIDA DE
SANTA MARIA

(3)
CONVENTO DE
SÃO FRANCISCO

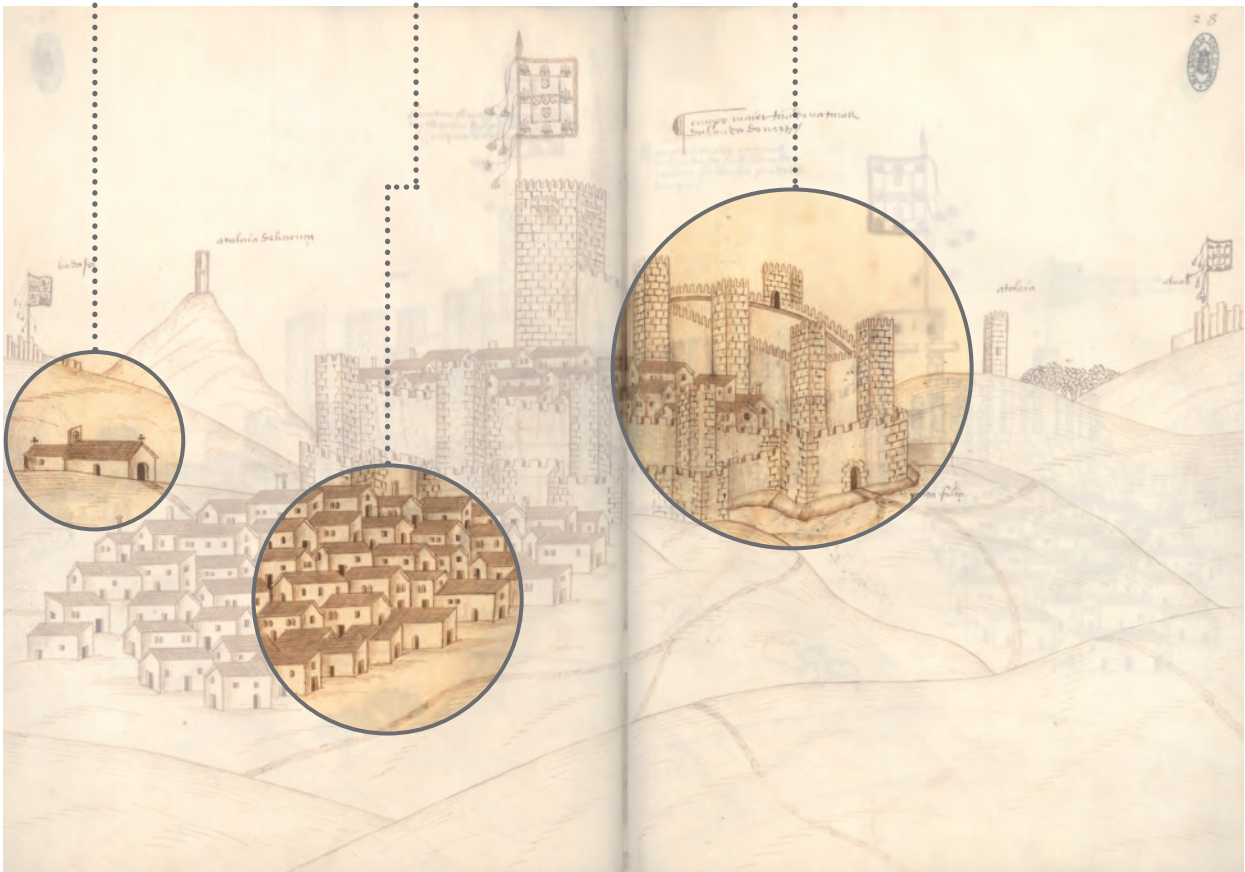




(3)
CONVENTO DE
SÃO FRANCISCO

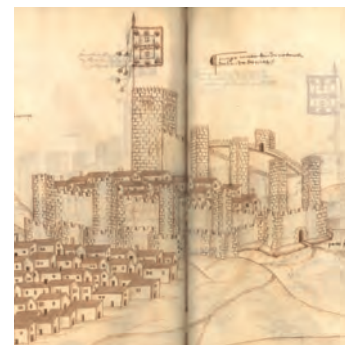
ARRABALDE

(1)
CASTELO



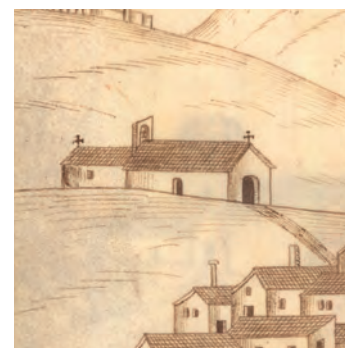
Campo Maior tirado natural, da banda do norte

Campo Maior beneficiou, em termos demográficos, do seu posicionamento numa zona militarmente sensível. Os seus habitantes passaram de pouco mais de 2500 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 36) para 4150 habitantes em 1758 (Capela, 2019: 466). A localidade é assim descrita nas «Memórias Paroquiais»: «três partes da povoação desta villa estão situados em huma campina, mui assentada, e a quarta que fica emmediata ao castelo sobe e continua thé ao alto delle» (Capela, 2019: 466).



MURALHAS E TORRE (1)

As muralhas medievais vistas por Duarte Darmas foram muito penalizadas pelas obras que se seguiram à Restauração. A descrição feita em 1758 é bastante expressiva. «Deicho de falar da antigua povoação de Campo Maior, que era dentro e junto donde hé hoje o castelo, por estar a de dentro totalmente demolida» (Capela, 2019: 466). «Havia dentro deste mesmo castelo (...) huma torre grande de tal edeficio e material que a cal com que estava fabricada era mais dura do que a pedra de cantaria que a formava. A sua grandeza era extraordinaria. (...) Dentro desta mesma torre, em huma caza, se achavam 5743 arrobas de pólvora, e em outras se achavam 4800 granadas, humas reais e outras de mam. Sucedeu porém no dia 16 de setembro, das três para as quatro da madrugada do anno de 1732, que cahindo hum raio na dita torre, e ateando o fogo na pólvora e granadas fez tal impulço que arrencando-a pelas raízes fez huma lamentável estrago e fatal destruição no povo e moradores delle (...)» (Capela, 2019: 474).



ERMIDA DE SANTA MARIA (2)

A ermida original desapareceu, tendo sido substituída por outra, mais recente, dedicada a São Sebastião, que ainda hoje pode ser vista no interior de um dos baluartes da vila. «Por isso convenho com quem escreveo estas noticias que a igreja do castelo foi a segunda matriz que houve, a terceira honde hoje hé a hermidia de S. Sabastião, chamada de Santa Maria, no tempo do reinado d'el-rei Dom Fernando» (Capela, 2019: 467).

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO (3)

Também deste convento não resta mais que o desenho de Duarte Darmas e a memória escrita da sua existência. E a relação entre o seu desaparecimento e as novas muralhas ficou bem expressa nas «Memórias Paroquiais»: «este primeiro convento [de São Francisco] era fora, donde está hoje a povoação e delle só se conserva huma fonte a que chamam dos Frades, porque tudo o mais se demolio no anno de 1646 por conta da nova fortificação (...)» (Capela, 2019: 469).

CASTELO DE VIDE

As vistas de Castelo de Vide são das menos «evidentes» da raia alentejana. Há elementos cuja identificação resulta bastante clara. E há outros que são muito menos fáceis de ler, apresentando vários erros (Oliveira, 2011: 32-36, 44 e 49-50). A topografia é um obstáculo considerável e as pequenas variações de perspectiva nem sempre facilitam a correspondência entre os locais que Duarte Darmas viu e o estado em que hoje se encontram. Há, também, erros de registo que dificultam uma leitura mais clara.

Na vista tirada de noroeste (e não de nordeste, equívoco já amplamente clarificado) (Gameiro, 2018: 163), e com exceção de duas atalaias, que não cuidámos de identificar, reconhecem-se o castelo e a torre de menagem, bem como três igrejas. O castelo tem a torre de menagem adossada à porta principal, como era comum na arquitetura militar da Baixa Idade Média.

A localidade aparece cingida por arvoredos, paisagem que as muralhas modernas e o crescimento de Castelo de Vide, entretanto anularam. A identificação das igrejas (Santa Maria, São João e Santiago Maior) parece relativamente pacífica, apesar de algum «desacerto» nos ângulos a partir dos quais os edifícios são representados. Correspondem estes templos, os mais importantes de Castelo de Vide, às três freguesias setecentistas das Memórias Paroquiais. O passar dos anos não eliminou, e a despeito de sucessivas reedificações, a memória dos elementos do desenho do século XVI. Pervive a visibilidade torres sineiras, que apresentam pontos de contacto, do ponto de vista formal, com as das igrejas quinhentistas.

As mesmas igrejas surgem, também, na vista da localidade obtida a partir de sudeste. O manuscrito de Madrid identifica uma torre do relógio, hoje desaparecida, e que ficava sobranceira à encosta da Judiaria (Cid, 2005: 58). Embora se tenha referido que a pequena construção junto às muralhas pudesse ser uma picota (pequena jaula onde os prisioneiros ficavam expostos (Oliveira, 2011: 49), parece-nos tratar-se de uma representação da Fonte da Vila. Não nos custa admitir que a construção atual, que deverá datar do reinado de D. João III, possa ter tido uma obra antecessora. A sua «deslocação», em termos físicos, é um artifício habitual em Duarte Darmas, quando quer destacar um determinado elemento. Temos ainda, no lado esquerdo do desenho, a ermida da Senhora da Penha. A capela original, registada por Duarte Darmas, já não existe. No seu lugar foi feita, cerca de 1570, uma nova ermida, reformada em meados do século seguinte (Trindade, 1981: 89-94). Do local domina-se Castelo de Vide, que fica a cerca de 1000 metros e a uma cota inferior.

O exemplar da Biblioteca Nacional de Espanha assinala ainda a Capela de Santo Amaro, identificação omitida no livro da Torre do Tombo. Era, à altura, construção recente, datando a autorização para a obra de 1494 (Oliveira, 2011: 44 e 49). O edifício atual é edificação setecentista.

Castelo de Vide tirado natural, da banda do nordeste
Alcaide Duarte de Mello



(4)
IGREJA DE
SANTIAGO

(1)
CASTELO

(5)
IGREJA DE
SÃO JOÃO

(3)
IGREJA DE
SANTA MARIA





(6)
ERMIDA DA
SENHORA
DA PENHA

(4)
IGREJA DE
SANTIAGO

(5)
IGREJA DE
SÃO JOÃO

(3)
IGREJA DE
SANTA MARIA

(2)
FONTE
DA VILA

(1)
CASTELO

(7)
ERMIDA DE
SANTO AMARO



Castelo de Vide tirado natural, da banda do sueste

«Está esta villa situada em o alto de hum monte, e da parte do Sul lhe fica a alta serra de Sam Miguel, mui vezinha» (Capela, 2019: 480). A visibilidade do castelo e a topografia da vila são imagens fortes neste sítio. Entre o final da Idade Média e a Época Moderna, Castelo de Vide cresceu bastante. Tinha perto de 3500 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 36), mas as «Memórias Paroquiais» dão conta de um salto substancial: «no ano de 1734 tinha toda a vila 1811 vizinhos [cerca de 7200 habitantes], (...) e hoje se acha a povoação com insencível diferença» (Capela, 2019: 480).

FORTE DA VILA (2)



CASTELO (1)

A importância do castelo era bem sublinhada em meados do século XVIII, recordando-se, ao mesmo tempo, as importantes obras executadas depois de meados do século XVII: «no alto da villa tem o seu castello, hé talvez o mais grande e fermoço que tem toda a raia do Reino. Está em hum alto dominante, por algumas parte inacessível. Hé castello antigo e por fora o fortificaram com fortificação moderna, delineado por Cormandel» (Capela, 2019: 483).



SANTA MARIA (3), SANTIAGO (4) E SÃO JOÃO (5)

A representação de Duarte Darmas falseia as perspetivas e dá-nos uma imagem distorcida da realidade. É como se transportasse as igrejas de um lado para o outro, para nos mostrar o que pretende, da forma que lhe era graficamente mais conveniente. Não restam, contudo, dúvidas, quanto aos edifícios que nos mostra.

«A minha igreja de Sam João Bauplista foi no tempo antigo huma hermidia de Santa Maria Magdalena. E a matriz outra hermidia, edificada na era de Cezar de 1349, que hé o anno de 1311 (...). A matriz antiga desta vila se desfez e em seu lugar se erigiram as duas freguesias, matriz de Santa Maria da Deveza e Sam João. E porque estas ambas não uzam daquella matriz, são hoje a primeira e a segunda paroquia, se Sam Tiago, que hera a segunda, ficou sendo a terceira» (Capela, 2019: 480).





ERMIDA DA SENHORA DA PENHA (6)

«Tem a minha freguezia sete hermidas e são as seguintes: (...) a da Senhora da Penha, edificada em hum pinhasco da mesma serra no anno de 1570. Hé esta Senhora de muita devoção. (...) Concorrem todos os Sabados do anno muita gente do povo, e ainda fora d'elle» (Capela, 2019: 481).



ERMIDA DE SANTO AMARO (7)

«A Caza da Misericórdia que está junta com o Hospital foi fundada na antiga Hermida de Santo Amaro, e por isso hé hoje este santo o seu orago. Tem a igreja três altares a couza notável hé os muitos milagres que este santo obrou no tempo antigo, cujas autenticas estão no Arquivo da Caza» (Capela, 2019: 481). A ermida, identificada enquanto tal no desenho de Madrid, não tem especial destaque na versão da Torre do Tombo. A construção original é posterior a 1494. A fachada atual data de finais do século XVIII (Keil, 1943: 38-39; Trindade, 1981: 53-66).

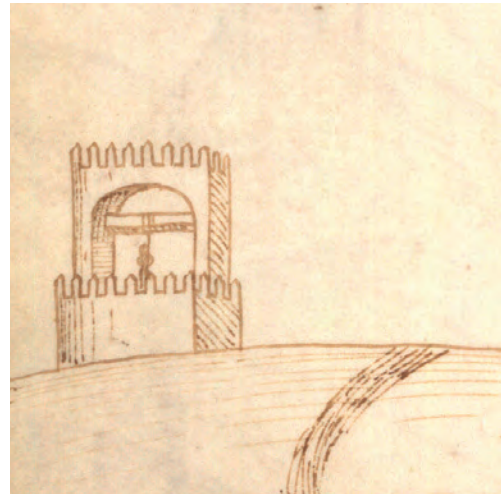
ELVAS

Divisa-se com alguma dificuldade o que Duarte Darmas representou da cidade de Elvas. O crescimento da urbe, ao longo dos séculos, e a construção das fortificações pós-Restauração alteraram, de modo sensível, o perfil do sítio.

O desenhador de D. Manuel representou uma cidade cingida pelas muralhas e sem arrabaldes extramuros. Uma parte do que nos mostrou continua a ser identificável, outros elementos, entretanto desapareceram, levados pelo crescimento da cidade. Na vista tomada a partir de sul, vemos duas cinturas de muralhas, a segunda cerca muçulmana e a «cerca nova» ou «fernandina» (Correia, 2013: 175-185).

A mais recente envolve toda a cidade de então, estendendo-se até ao Convento de São Domingos, que ainda ficava intramuros. Para além de um sistema defensivo bem identificado, com a sua barbacã vemos a torre do relógio e uma outra identificada como «igreja moor». Esta última corresponde, na realidade, ao que restava da almenara da mesquita de Elvas (Correia, 2013: 78-82), desaparecendo apenas no século XVIII (Jesuíno, 2016: 197-198). Quanto ao relógio da cidade, sabe-se que se localizava junto do edifício do concelho, sobre uma torre da *porta de Santiago* ou *Arco do relógio* – como se conhecia no século XV (Correia, 2013: 168, 290-292). Toda esta zona sofreu profundas alterações com a abertura da praça manuelina hoje conhecida como Praça da República.

As mesmas estruturas se veem, com diferente perspetiva, na vista a partir de norte. A qual corresponde, na verdade, a uma imagem tirada de este ou de nordeste. No limite direito da imagem reconhece-se a ermida da Santa Maria da Graça, cujo local foi depois tomado por um forte, que ainda hoje marca a linha do horizonte (Jesuíno, 2016: 56-58). A meia encosta, nesse mesmo cerro havia um calvário, entretanto desaparecido. No limite sudeste da cidade localizava-se o Convento de São Domingos, iniciado na segunda metade do século XIII, do qual é ainda bem visível a cabeceira gótica da igreja (Correia; 2013; 277-280; Jesuíno, 2016: 186-187). Mesmo as muralhas, que circundavam a cidade foram ficando ultrapassadas, ora pela construção das novas fortificações, ora pela necessidade de expansão da cidade.



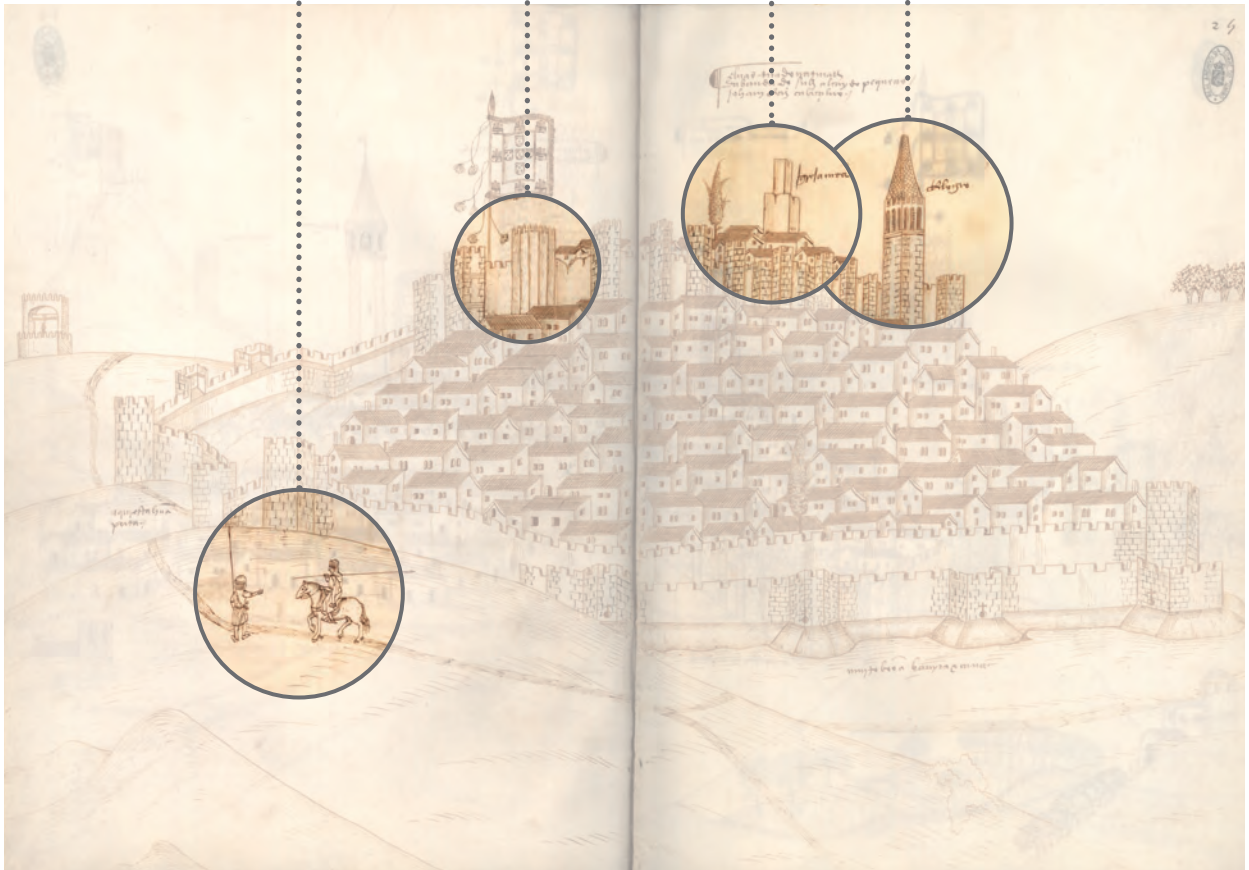


(8)
DUARTE DARMAS
E O ESCUDEIRO

(7)
MURALHA

(3)
ALMENARA

(4)
TORRE DO
RELÓGIO





(5) CONVENTO DE SÃO DOMINGOS

(4) TORRE DO RELÓGIO

(3) ALMENARA

(1) CASTELO

(6) CALVÁRIO

(2) SENHORA DA GRAÇA



Elvas tirado natural, da banda do norte

A cidade de Elvas afirma-se, no panorama alentejano, como urbe importante ao longo da Idade Média e do período moderno. O crescente número de habitantes reflete essa realidade: de pouco mais de 7500 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 34), passa para perto de 9000 em 1758 (soma das freguesias da Alcáçova, Assunção, Salvador e São Pedro – Capela, 2019: 516, 533, 541 e 550).



CASTELO (1)

A imagem do castelo manteve-se inalterada ao longo de séculos. A descrição das Memórias Paroquiais diz-nos: «[refira-se o] Castelo da mesma cidade com muros, e torres muito antigas, do qual se devisa a cidade de Badajos, Reyno de Castella, com o Rio Guadiana, que divide hum Reino do outro» (Capela, 2019: 516).





SENHORA DA GRAÇA (2)

O Forte da Graça começou a ser construído em 1763 (a ermida original foi construída no final do século XIV – Jesuíno, 2016: 56-57). Uns anos antes, a referência que se fazia ao local era compatível com o desenho quinhentista: «Fora extramuros desta cidade (...) tem mais a ermida de Nossa Senhora da Graça, no alto de huma serra» (Capela, 2019: 516).



ALMENARA (3)

O perfil da antiga almenara segue o modelo almóada, uma torre quadrangular, rematada por uma pequena estrutura, normalmente vazada. A memória da antiga aljama ainda não se apagara, no século XVIII: «esta igreja hé a mais antiga da cidade, foi mesquita de mouros» (Capela, 2019: 516). A sua conversão também não fora esquecida: «senhores os nossos do castello e misquita, que estava na parte mais alta, com as cerimoniaes da igreja a purificaram das immundices de Mafoma, e já igreja, a dedicaram ao Nascimento da Virgem Nossa Senhora» (Capela, 2019: 518. Ver ainda Jesuíno, 2016: 197-198).



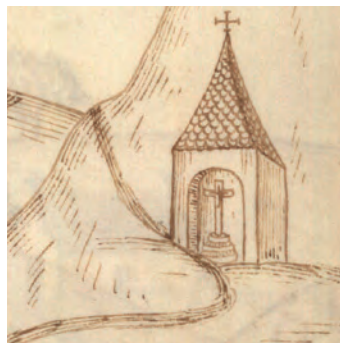
TORRE DO RELÓGIO (4)

Não há referências nas Memórias Paroquiais ao relógio (Jesuíno, 2016: 119), que poderia ter entretanto desaparecido do panorama de Elvas. Localizava-se nesta zona, perto do limite direito da imagem.



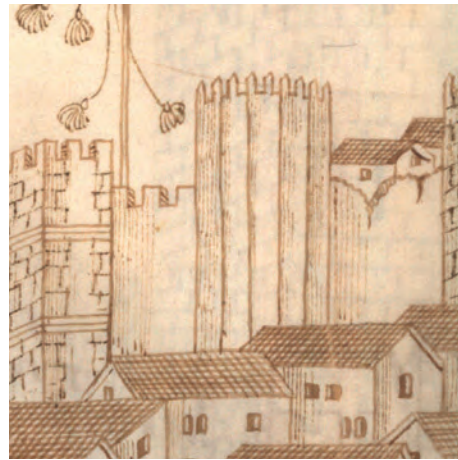
CONVENTO DE SÃO DOMINGOS (5)

«Tem esta freguezia dentro em si hum convento de religiosas dominicas com a invocaçam da Senhora da Conçoção, sujeitas aos religiosos da mesma Ordem» (Capela, 2019: 516).



CALVÁRIO (6)

Desaparecido.



MURALHA (7)

«Por cima do arco do Bispo corre, para o Norte, o muro antigo da villa quando os mouros possuíam esta terra. Nelle há duas pequenas torres quadrangulares em bom stado, que servem de passeio e recreação ao Prelado e sua família. E no fim deste muro junto à vedoria d'artelaria se acha humo torre peligona de formigão, ou terra argamassada, com tam grandes fendas, que parece ameaçar a ultima ruina, porem há muitos secculos se acha nesta forma. Junto das casas do juiz de fora e cadeia publica, por onde o mesmo muro se continuava, stá humo grande torre quadrangular, cujos apoentos inferiores servem tambem de cadeia, e os superiores de passeio e recreação dos juizes de fora» (Capela, 2019: 528).



DUARTE DARMAS E ESCUDEIRO (8)

JUROMENHA

Vista à luz de Duarte Darmas e dos nossos dias, Juromenha parece um espelho quase perfeito. O sítio parou no tempo e as diferenças, a voo de pássaro, são menos do que se esperaria.

O castelo marca bem as duas vistas, de norte e de sul. É o pano de muralhas medievais que se destaca. Hoje, o conjunto fortificado apresenta-se em dois planos, com a fortificação mais antiga ainda presente, mas com as muralhas modernas a imporem-se, em primeiro plano.

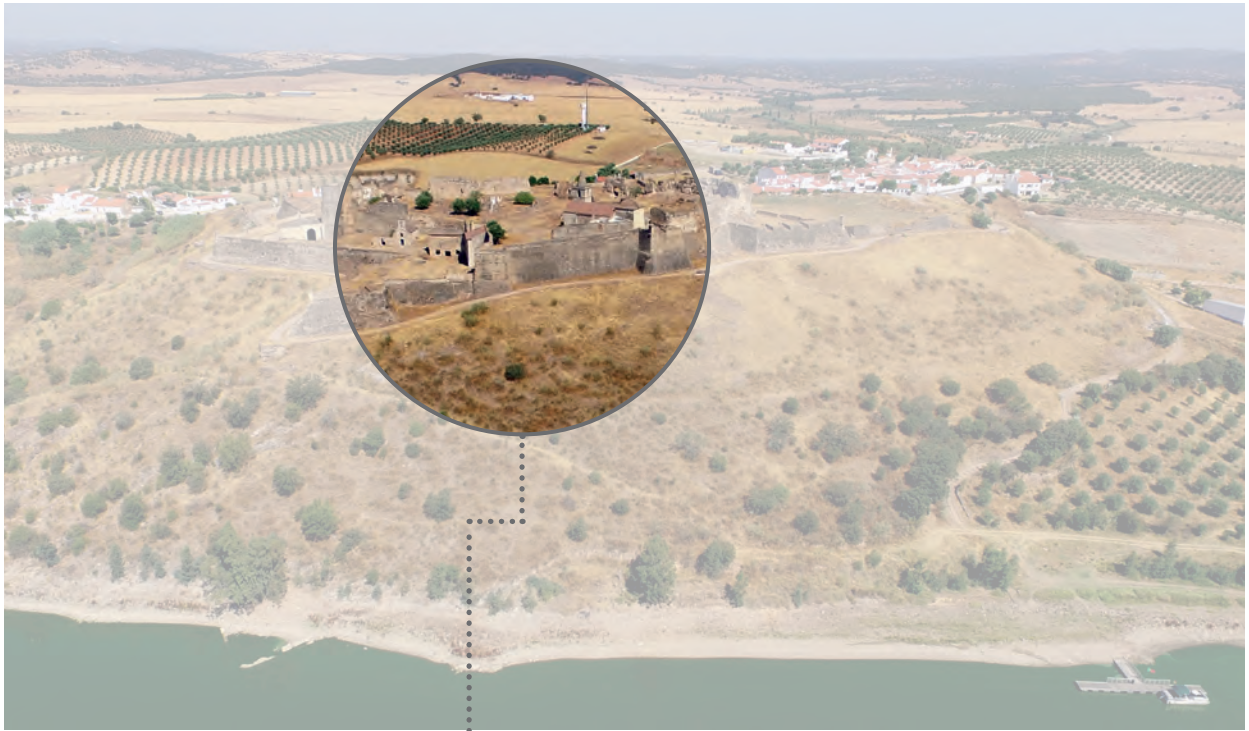
A vista de norte mostra-nos a torre de menagem, à esquerda. Ou seja, no limite oriental da fortificação. As estruturas foram bastantes modificadas após a Restauração, tendo sofrido danos consideráveis em 1659, aquando de uma explosão do paiol de pólvora, que causou uma grande destruição (Pais, 2015: 17).

Para nordeste, estendia-se o povoado extra-muros. No centro, via-se então – tal como hoje – a ermida de Santo António. À sua volta, organizava-se o espaço funerário de Juromenha, do qual se reconhecem várias lápides. O mau estado em que o edifício se encontrava é sublinhado pelo desenhador: «esta igreja se derybou no tempo da gera». Poderá Duarte Darmas estar, eventualmente, a aludir à Guerra de Sucessão de Castela, ocorrida entre 1475 e 1479. Do lado direito da imagem, a norte da localidade, surge outra pequena igreja, da qual não restam quaisquer vestígios. Nas cartas militares do século XVIII, é visível uma pequena igreja, situada a 300 metros do arrabalde. As Memórias Paroquiais não a mencionam, tal como não fazem referência à igreja de Santo António.

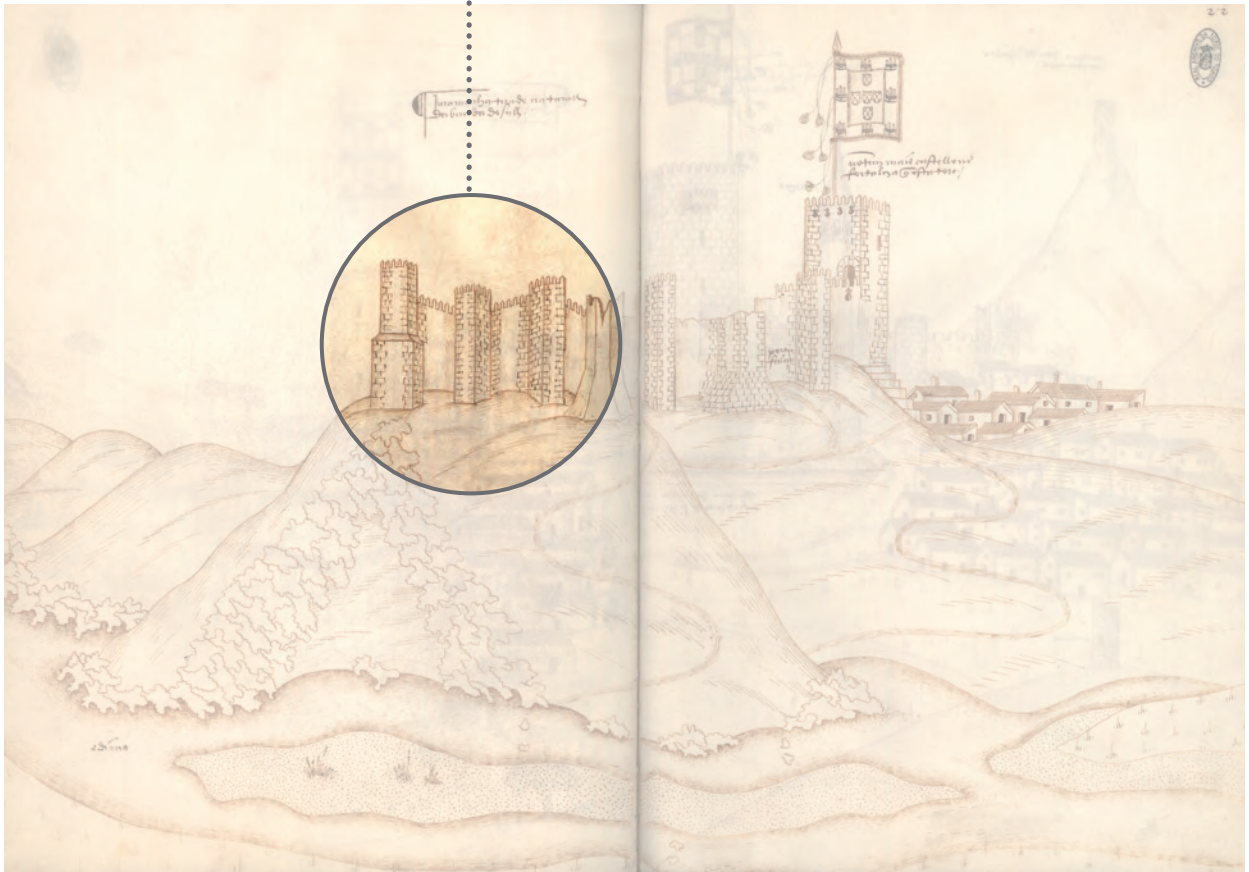
A vista a partir de sul é bem mais simples, destacando-se apenas as muralhas do castelo e a presença marcante do rio Guadiana.



Juramenha tirado natural da banda do norte
Alcaide o almirante



(1)
MURALHA

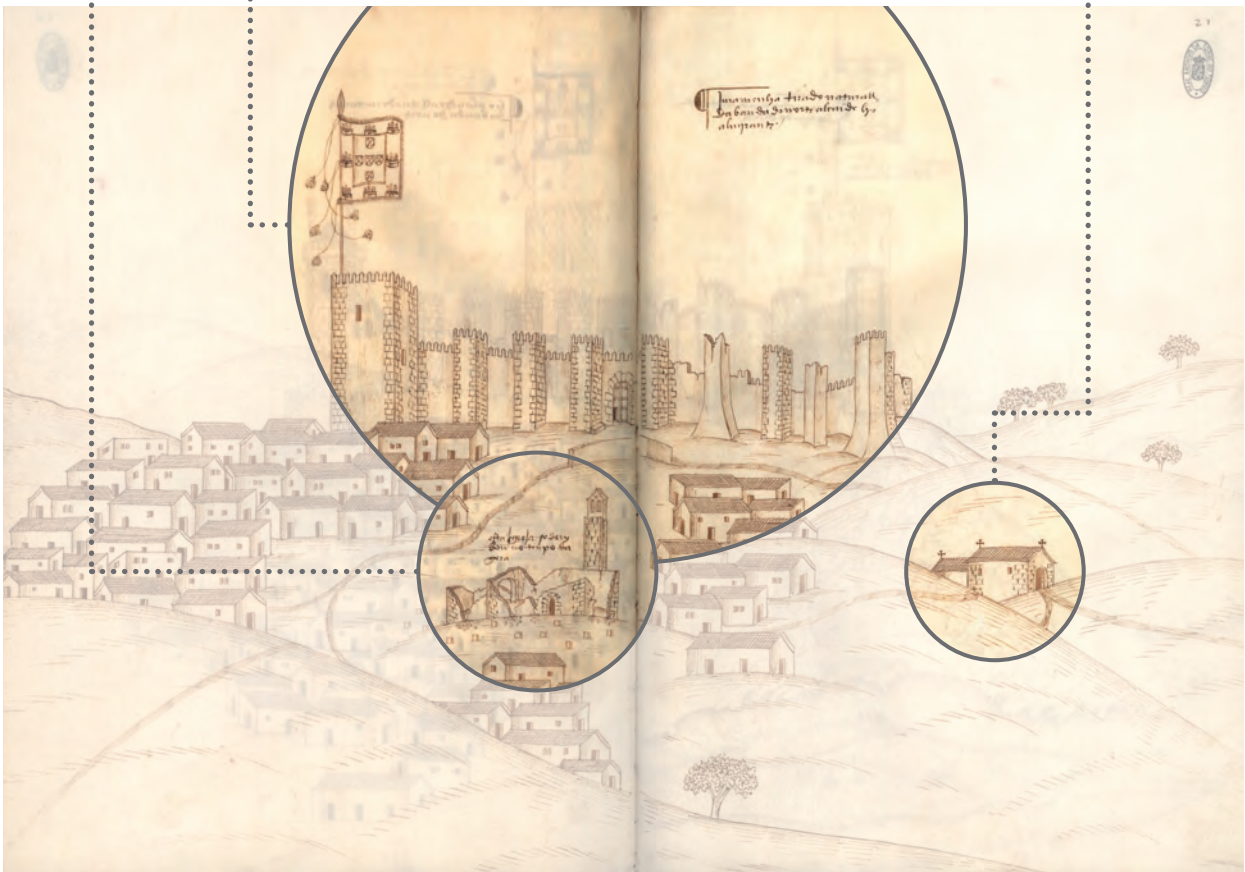




(2)
ERMIDA DE
SANTO ANTÓNIO

(1)
MURALHA

(3)
ERMIDA
DESAPARECIDA
(localização aproximada)



Juramenha tirado natural, da banda do sul

«Está esta villa na opinião de ser hũa das povoações mais antigas do reyno, e provincia e das que fundarão os seltas, nas ribamsseiras do Rio Guadiana (ou Ódiana) como lhe chamarão os antigos: tem o seu castello no cume de hũ alto eminente, e elevado ao celebrado Rio Guadiana, e tam apique que para se lanssar hũa pedra nelle, nam precisa mais que largala da mam» (Moreira, 2013: 66-67). A despeito dessa antiguidade e da sua localização junto à fronteira, que lhe conferia alguma importância militar, o número de habitantes não era muito significativo: 600 em 1527 (Collaço, 1929: 60), cerca de 530 em 1758 (Moreira, 2013: 66).



MURALHA (1)

Da torre de menagem escrevia Duarte Darnas «nom tem mais castello nem / fortaleza que esta tore». «Hé esta vila murada, e praça de armas; estão seu castelo. E muros no cume de ho outeiro alto, sobre o rio; e eminente a ele, fica na Lusitania, em sítio bem assombrado; tem o castello dezassete torres, hũa dellas de maior grandeza, a respeito das mais» (Moreira, 2013: 70).



ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO E ERMIDA DESAPARECIDA (2 E 3)

«Tem esta villa tres irmidas, (...) duas extra-muros, a Irmida de Santo Antonio, com sua irmandade, e esta de abobeda situada no mesmo (rebalde); outra de Sam Lourenço em distancia da villa hũ tiro de mosquete também com sua irmandade (...) A irmida de Sam Lourenço hé de tabica (...), com hum só altar» (Moreira, 2013: 69). Esta ermida, que o desenho representa, já não existe. Surge referenciada em carta militares setecentistas (G.E.A.E.M., 2050-2-18-26 e 1391-3-40-livro 1390), situando-se a noroeste do arrabalde de Santo António.

MÉRTOLA

«Mértola tirada natural da banda do sueste alcaide Francysco de Goes». Nessa vista de Mértola, Duarte Darmas destaca cinco elementos arquitetónicos: o castelo, as muralhas, a antiga mesquita, a torre do rio e o cruzeiro. O castelo é-nos mostrado com as habitações que então preenchiam, ao passo que a igreja apresentava ainda a traça do período almóada, com cinco telhados de duas águas e um minarete entretanto adaptado a campanário. A legenda é clara («Igreja que foy misqujta»), tal como clara é a identificação da torre do rio: «pegoes de ponte começados em tempo de mouros». Ainda que a cronologia não seja islâmica – trata-se de obra da Alta Idade Média – importa sobretudo destacar o habitual procedimento do desenhador. Ou seja, tomou peças emblemáticas do urbanismo e da arquitetura locais e destacou-os. No caso de Mértola, o trabalho foi facilitado pela inexistência de radicais obras de modificação intramuros no período pós-quincentista. Em especial, o facto da praça militar ter ficado à margem das grandes intervenções dos séculos XVII e XVIII fez com que os elementos físicos sejam fáceis de identificar. Ainda que muito modificados, como no caso da porta do rio, sobre a qual se edificou depois uma igreja (atual Museu de Arte Sacra).

No outro lado, a representação é, também, fácil de seguir nos nossos dias. As modificações ocorridas são claras. Vemos claramente as traseiras da igreja, ficando aqui claro que o minarete estava no centro do edifício, situando-se em frente ao mihrab (o pequeno nicho que orientava a prece, nas mesquitas). Na plataforma entre a igreja e a muralha decorrem, desde 1978, escavações arqueológicas. À direita da muralha, encontra-se o cemitério municipal, onde foram feitas inumações entre a segunda metade do século XIX (o portão assinala 1896) e 2006. O monumento principal era o grande criptopórtico medieval, assinalado com a legenda «aquj esta hûa aboboda atopida mujto booa». No limite da imagem, reconhece-se uma «atalaya», que hoje não existe e que se situava no sítio do Cerro de Benfica.

Especificidades locais de Mértola são assinaladas por Duarte Darmas. Como a presença de pequenos barcos de pesca ou de embarcações de maior porte.





(7)
BARCOS
E RIO

(6)
BARCOS
E RIO

(5)
TORRE
DO RIO

(4)
PORTA
DO RIO

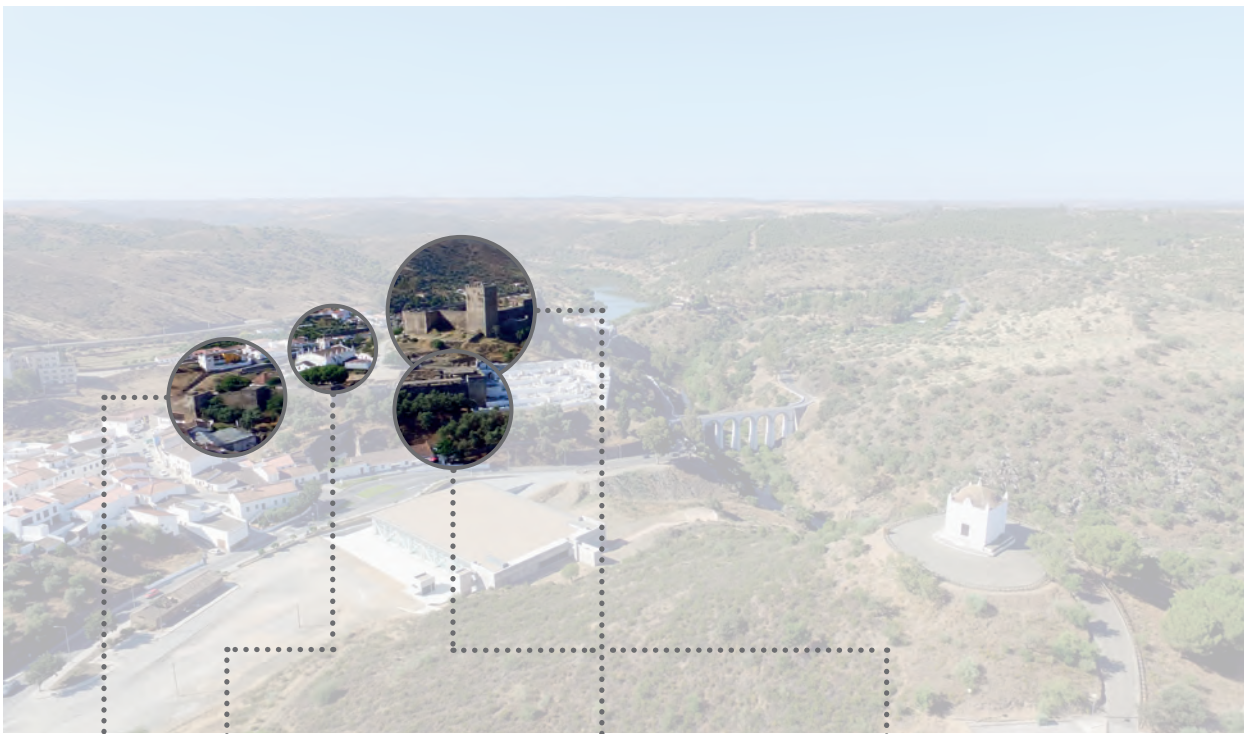
(3)
CRUZEIRO

(1)
CASTELO

(9)
MURALHA

(2)
MESQUITA





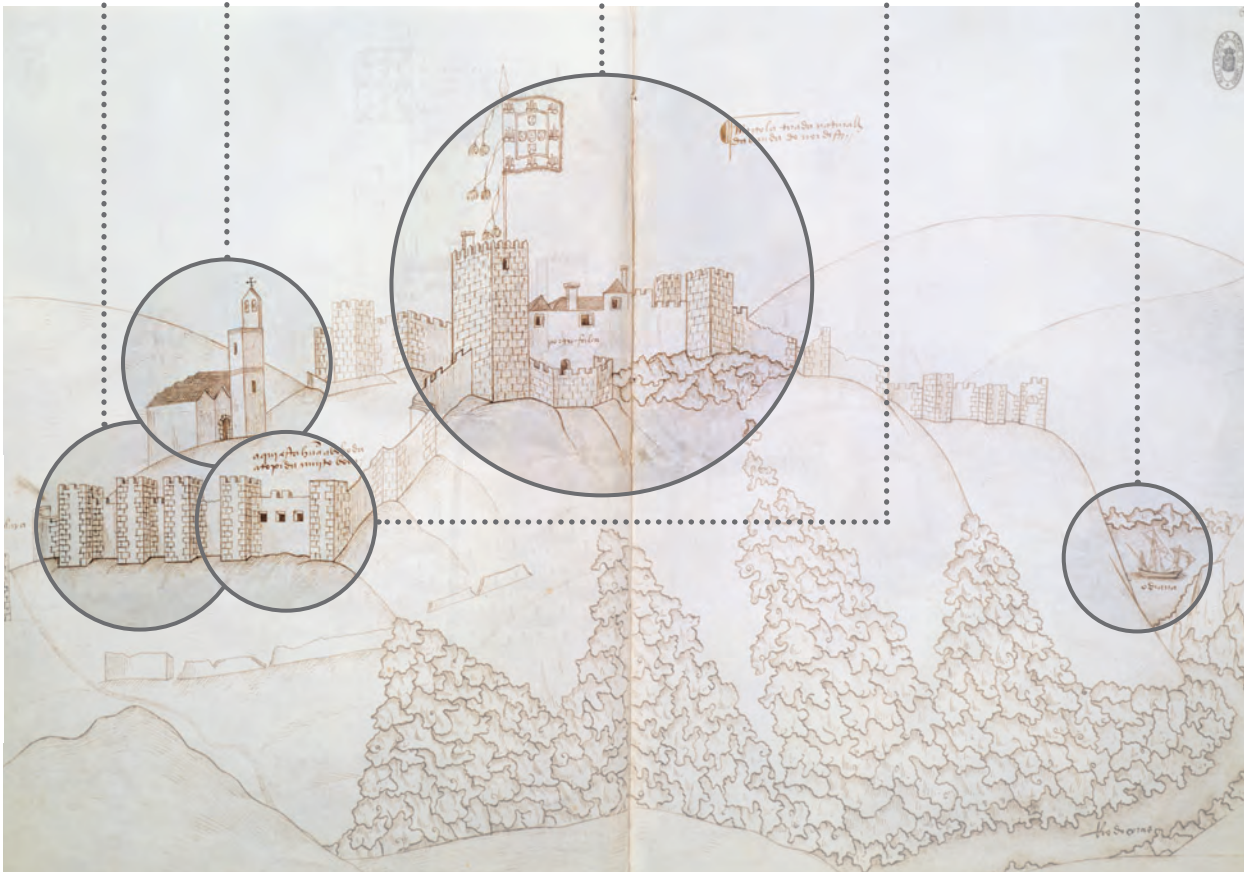
(9) MURALHA

(2) MESQUITA

(1) CASTELO

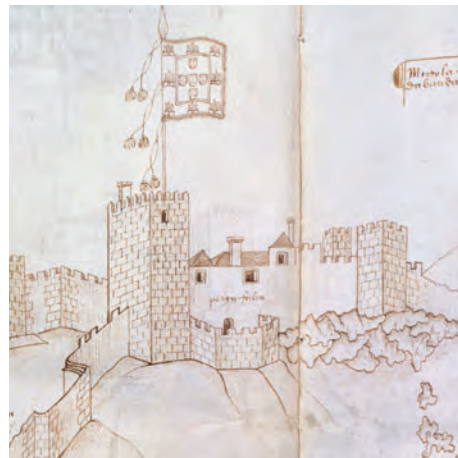
(8) CRIPTOPÓRICO

(7) BARCOS E RIO



Mértola tirada natural, da banda do nordeste

«Está posta em hum grande monte do norte para o meyo dia, e por ter de roda outros muitos, que lhe impedem a vista, senão vee dela povoação alguma» (Boiça, 1995: 60). O sítio ocupado pela vila era sempre motivo de atenção por parte daqueles que a descreviam. Multiplicavam-se os adjetivos para descrever o poder de Mértola e da sua fortificação. Contudo, após a Reconquista, e cortados os laços com o Mediterrâneo a vila entrara num lento e irrecuperável declínio. O número de habitantes reflete essa realidade. Dos mais de 1000 habitantes que teria no período islâmico passou para 850 em 1527 (Collaço, 1929: 57) e para cerca de 600 habitantes em 1758 (Boiça, 1995: 60).



CASTELO (1)

«He esta villa praça fexada, e murada, mas sem mais guarniçam para a necessidade que a dos moradores da villa. Tem castello com (...) huma altissima torre que tem dentro, chamada de homenagem (Boiça, 1995: 69). Com poucas alterações a descrição setecentista corresponde ao castelo cristão que tomou o sítio do antigo alcácer.





MESQUITA (2)

Edifício emblemático de Mértola, a antiga aljama conservava, no início do século XVI, a estrutura do local de culto muçulmano: «esta igreja foi mesquita de mouros», escrevia Duarte Darmas. Duas décadas volvidas, uma intervenção mais profunda conferiu-lhe o aspeto que, em termos gerais hoje ainda apesenta. Testemunhavam sobriamente as «Memórias paroquiais»: «esta a igreja matriz desta villa dentro dos muros della» (Boiça, 1995: 61).



CRUZEIRO (3)



PORTA DO RIO (4)



TORRE DO RIO (5)

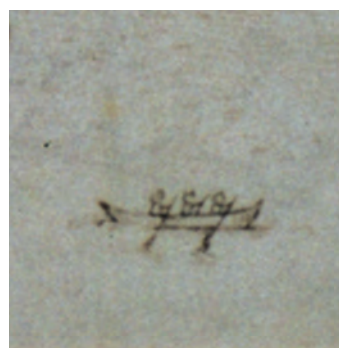
A torre de proteção da zona portuária, construída em tornos dos séculos V-VI, foi quase sempre confundida com uma ponte inacabada. Escrevia Duarte Darnas, legendando o seu desenho: «pegões de ponte começados em tempo de mouros». No século XVIII, o mito mantinha-se: «nenhuma ponte tem, e sim três arcos de hua começada desde a origem da terra, que della necessita, em direitura á outra parte do rio junto aos muros desta villa, e he obra eterna, e de cantaria» (Boiça, 1995: 74).





BARCOS E RIO (6-7)

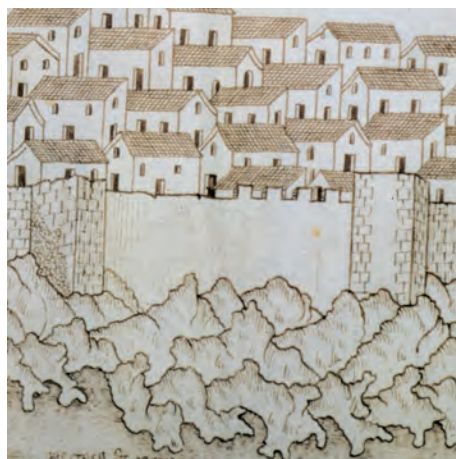
O rio era uma das grandes fontes de rendimento da vila: «cria solhos, saveis, safios, lampreias, muges, roballos, sabogas, picoens, barbos, e nam sey que mais; mas de nenhuma destas especies se conhece excessos de mayor abundancia, e sim muita de todas em alguns anos e em outros pouca» (Boiça, 1995: 73). Duarte Darmas quis sublinhar o movimento que o Guadiana tinha, representando barcos de diferentes tipos e dimensões. O rio era, ainda nesse altura, a grande fonte de vida de Mértola.





CRIOPTÓRTICO (8)

A forma como esta estrutura é mostrada diz bem da impressão favorável que causou. A legenda («aqui está uma abóbada atopida muito boa») dá o devido destaque ao criptopórtico. Foi construído nos séculos V-VI, e deverá ser contemporâneo da torre do rio. As «Memórias Paroquiais» não lhe fazem referência.



MURALHA (9)



MONFORTE

Em Monforte, castelo e muralhas desapareceram. Olhando a vila ao longe, é já com dificuldade que percebemos o que Duarte Darmas viu. Sem os muros dentro dos quais o povoado se organizava, a massa de casas que hoje vemos não permite ler com clareza o que era «intramuros» ou «extramuros». O arrabalde a sudeste, que se vê a partir da vista tomada de levante, cresceu e ocupa hoje toda a vertente oriental, fora do casco antigo.

O castelo, no limite setentrional de Monforte, foi demolido, dele restando poucos panos de muralha. O sítio é reconhecível na vasta plataforma no limite norte do centro histórico, onde agora se encontra o depósito da água. Nesse extremo da localidade, muros mais recentes mimetizam muros e merlões.

A reconstituição da vila quinhentista, e da sua fortificação é, por isso, um esforço de leitura planimétrica, feita tanto a partir da localidade atual, como da correspondência entre o que Duarte Darmas representou e o que o tempo não levou.

Na vista de leste destaca-se, em primeiro plano uma igrejinha, que já não existe. A fazer fé nas «Memórias Paroquiais», de 1758, deverá tratar-se da Ermida de São Sebastião. Dela não ficaram quaisquer vestígios, nem sequer uma presença na toponímia local. O cruzeiro que lhe ficava defronte pode ser, mas sem certezas, o que hoje se encontra em frente à porta do cemitério municipal.

A feição arredondada da fortificação, no limite sul de Monforte, está ainda presente no traçado urbano. Corresponde à via, de perfil circular e com traçado semelhante ao da antiga muralha, que percorre o Largo da Madalena e as Ruas João António Romão de Moura, António Sardinha e Professor Huberto Maas.

Na vista de oeste identifica-se, no limite esquerdo da imagem, uma ponte. Esse ponto de passagem no Ribeira de Monforte, ainda existe, com um desenho diferente do que tinha no século XVI, e situa-se 600 metros a noroeste da vila. O desenhador comprimiu as distâncias, e a ponte parece estar mais perto da vila do que na verdade se verifica. Para sudoeste, a localidade pouco se modificou. O arrabalde que Duarte Darmas desenhou não cresceu substancialmente. No meio das casas estava, e ali continua, a ermida de São Pedro. Tal como então, destaca-se de forma nítida na envolvente e na malha urbana.



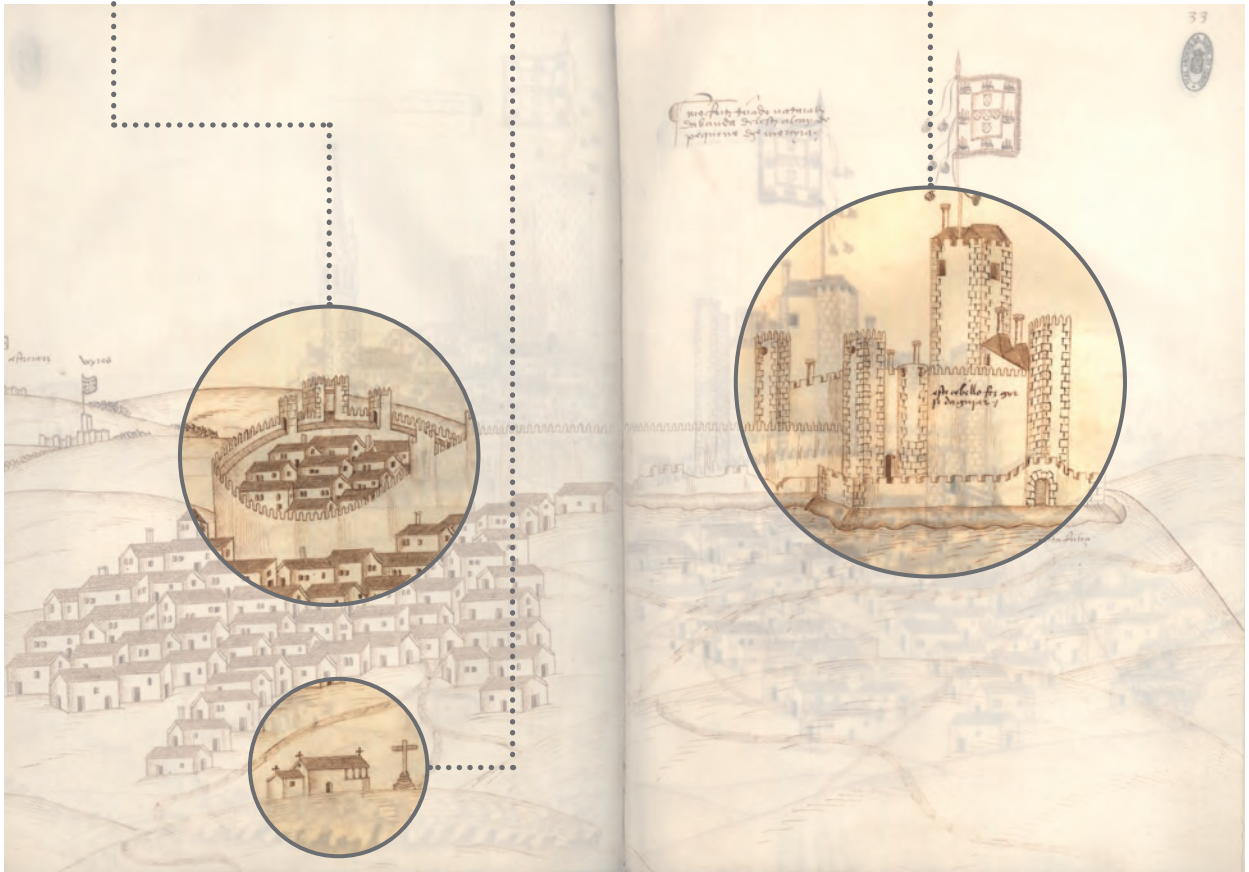
Monforte tirado natural, da banda de leste
Alcaide pequeno Diogo Moreyra



(2)
MURALHAS

(3)
ERMIDA DE
SÃO SEBASTIÃO
(localização aproximada)

(1)
CASTELO

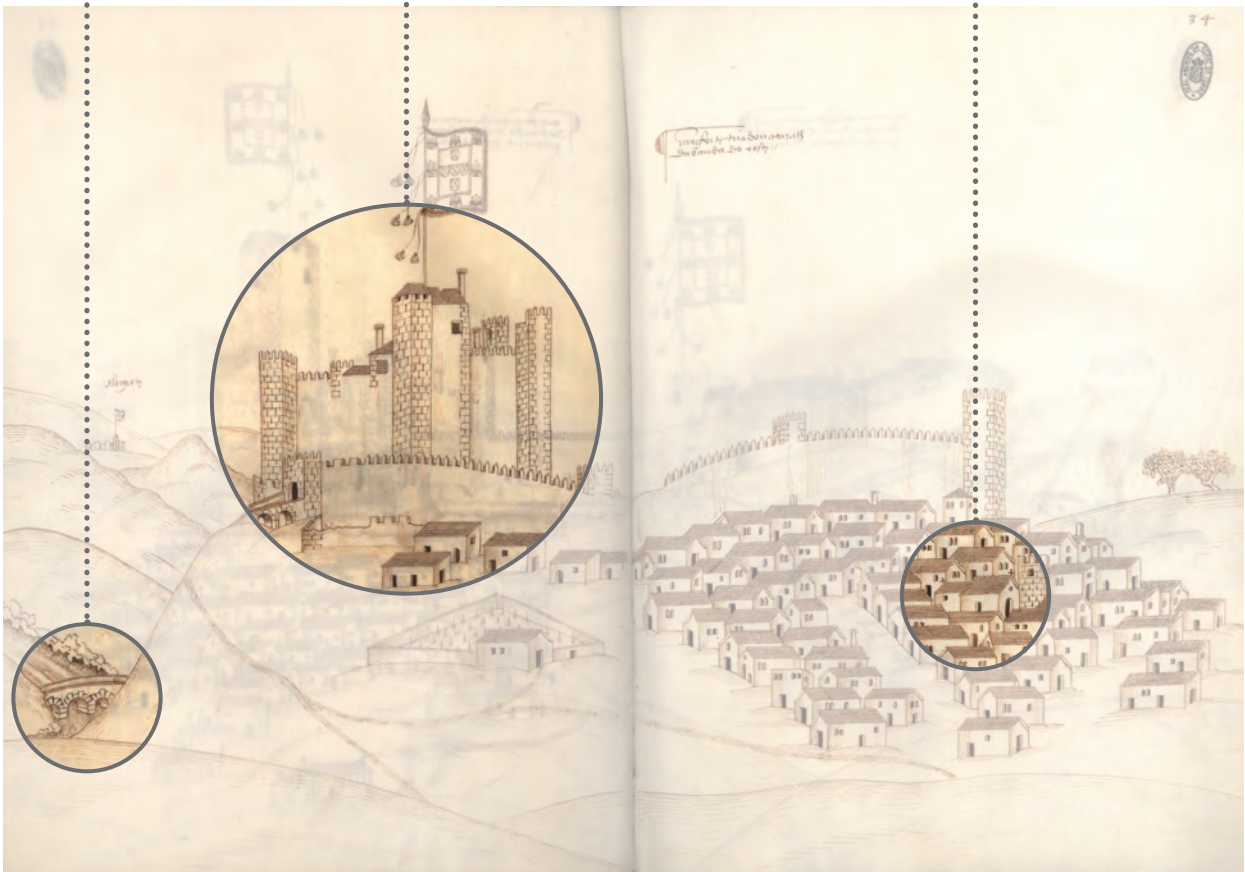




(4)
PONTE

(1)
CASTELO

(5)
ERMIDA DE
SÃO PEDRO



Monforte tirado natural, da banda do oeste

Diziam as Memórias que «a villa de Monforte está situada em hum alto monte donde tomou o nome, segundo escrevem os authores que tratam desta villa, o qual monte fica levantado para a parte do Norte aonde se acham as ruinas do castello» (Capela, 2019: 606). Os habitantes eram perto de 650 em 1527 (Collaço, 1929: 44). Dois séculos e meio volvidos, o número subira quase para o dobro. A vila intramuros teria, em 1758, cerca de 1100 habitantes (Capela, 2019: 606), aos quais acresceria cerca de centena e meia nos arrabaldes (Capela, 2019: 615, 618 e 619).



CASTELO (1)

O desenho aponta expressamente uma parte da muralha já desaparecida «este cobello fez gorje d'agujar [Jorge d'Aguar]». Em 1758 havia ainda memórias da magnificência da fortificação: «o castello com o qual pegava o muro da villa era dos mais fortes da Provincia, era quazi inacessível da parte de fora. (...) Tinha quatro torres, em cada canto, sua [area] quadrada (...) Hoje porém se acham totalmente arruinado, entulhado, só há alguns lances de muro em todos os quatro lados. As torres se derribaram com as minas em tempo da Aclamação» (Capela, 2019: 613-614).





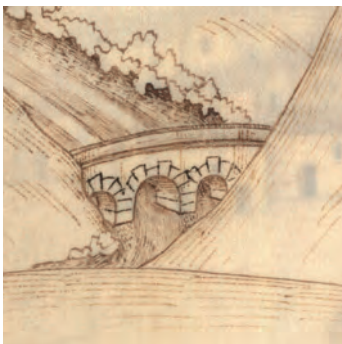
MURALHAS (2)

A vila tinha, em 1758, «duas sortes de muros. Os antigos são elevados de grande altura, à antiga, e de largura tem 11 palmos, ornados com suas maieas e frestas. E nos mesmos muros se vêm ruínas de alguns torriõins, no dia de hoje, em três partes, duas para o Meio-Dia e huma para o Norte» (Capela, 2019: 613).

ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO (3)

A desaparecida ermida de São Sebastião era assim descrita: «tem dos muros para nascente a ermida de Sam Sebastiam. Hé quazi igreja (...). E defronte da porta principal tem sobre três degraos de pedra parda huma cuz com crucifixo, de pedra branca, sendo o pé a cruz redondo» (Capela, 2019: 626).





PONTE [4]

A ribeira perdeu, há muito, a importância que outrora tinha. «A ribeira da villa (...) tem huma elevada e grande ponte de cantaria com seos cortamares de ponta de diamante da parte da corrente, com machios da parte de baixo, tudo de cantaria, e ainda o pavimento debaixo da agoa hé lageado da mesma pedra de cantaria» (Capela, 2019: 632).



ERMIDA DE SÃO PEDRO (5)

«A igreja parochial de S. Pedro apostolo fica fora dos muros antigos para o Poente em pouca distancia. Hé igreja fermosa (...). Tem por fora ao redor hum espaçoso adro ladrilhado (...)» (Capela, 2019: 615-616).

MONSARAZ

Tal como no caso de Noudar, que veremos mais adiante, o desenho da vila de Monsaraz dá poucas informações sobre a povoação. Com exceção de umas poucas casas, junto à ermida de São Bento, nada mais é identificável na área extramuros. Na colorida descrição do Padre Manuel Gomes Canqueiro Velho, Monsaraz é comparado a um barco: «todos afirmão que ver Monçaras da parte do poente hé ver hû[m] navio porque o castello hé a pourpa [sic], as torres de Santa Maria os mastros do meyo, e a Torre do Relogio o mastro da proa» (Olival, s.d.: 1308 [Reguengos de Monsaraz – Santiago]). O início da construção da estrutura defensiva data de meados do século XIII (Cunha, 2003: 113).



O que identificamos, nas duas vistas, são os panos de muralhas que, em termos globais, poucas modificações conheceram em 500 anos. O desenho tem vários lapsos, devidamente assinalados por José Pires Gonçalves (Gonçalves, 1961: 66, 68 e 75). Não considerando nesta afirmação, claro está, as fortificações do período moderno, que estão num plano mais avançado.

A vista da banda do oeste – tirada, na verdade, a partir de sul (Gonçalves, 1961:68; Cunha, 2003: 109-110) – mostra-nos as muralhas da vila, com as da alcáçova em primeiro plano, reconhecendo-se a torre de menagem e a chamada porta do castelo. As torres deste limite sudoeste da povoação apresentam cobertura com telhado, o que deixa antever o seu uso como local, ainda que precário, de habitação. Notam-se ainda, na parte baixa da barbacã, as troneiras cruzetadas, preparadas para o uso de peças de artilharia.

A vista a partir de leste – trata-se de uma imagem a partir de noroeste (Gonçalves, 1961: 68), ou de norte (Gameiro, 2018: 91) – tem um pouco mais de informação, mas sem grandes detalhes. Na massa de habitações intramuros nenhuma se distingue especialmente ou merece destaque. Não se identifica a igreja. Marcam presença, no perímetro amuralhado, duas portas, a da vila (a nordeste) e a de Évora (a noroeste).

No limite esquerdo da imagem, que corresponde ao extremo nordeste de Monsaraz, vemos a ermida de São Bento, o único espaço religioso identificável nas duas perspetivas. Junto à ermida, um pequeno conjunto de casas corresponde ao local das habitações hoje existentes em torno das ruas de Santo António e de São João.

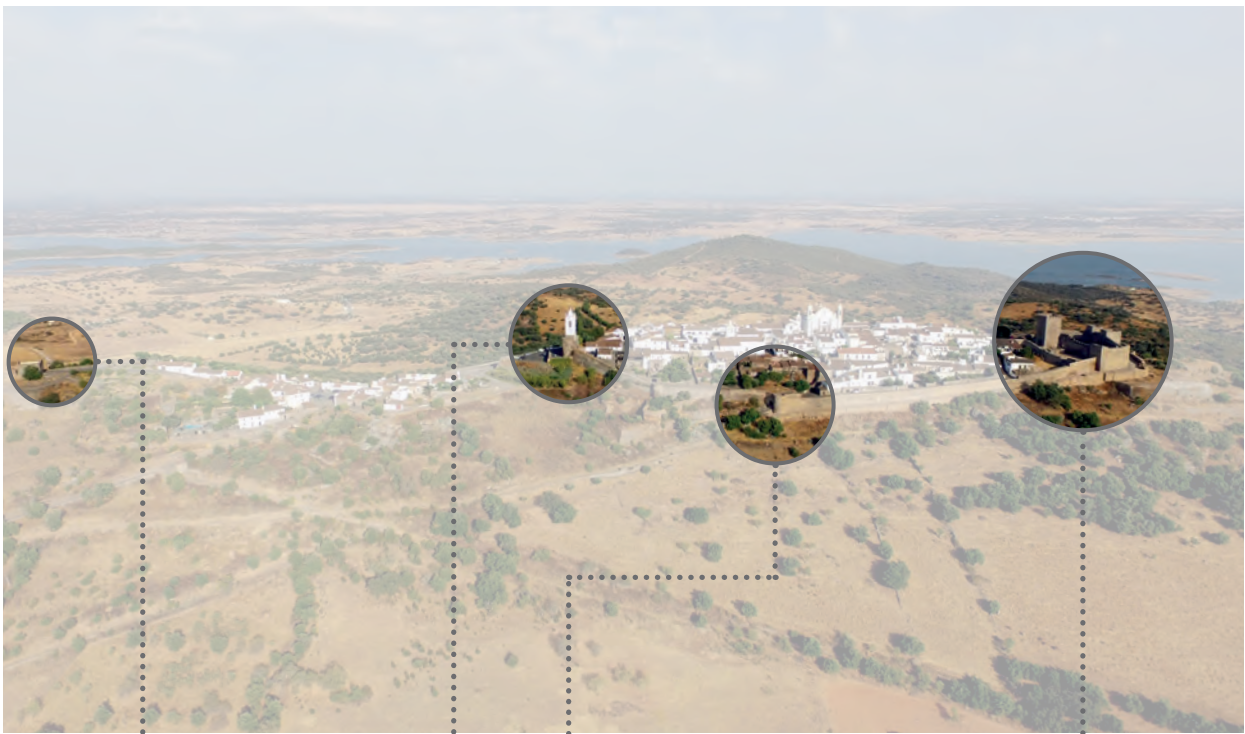
Monsaraz tirado natural, da banda do oeste
Alcaide Martim Botelho



(4)
PORTA DO
CASTELO

(1)
CASTELO



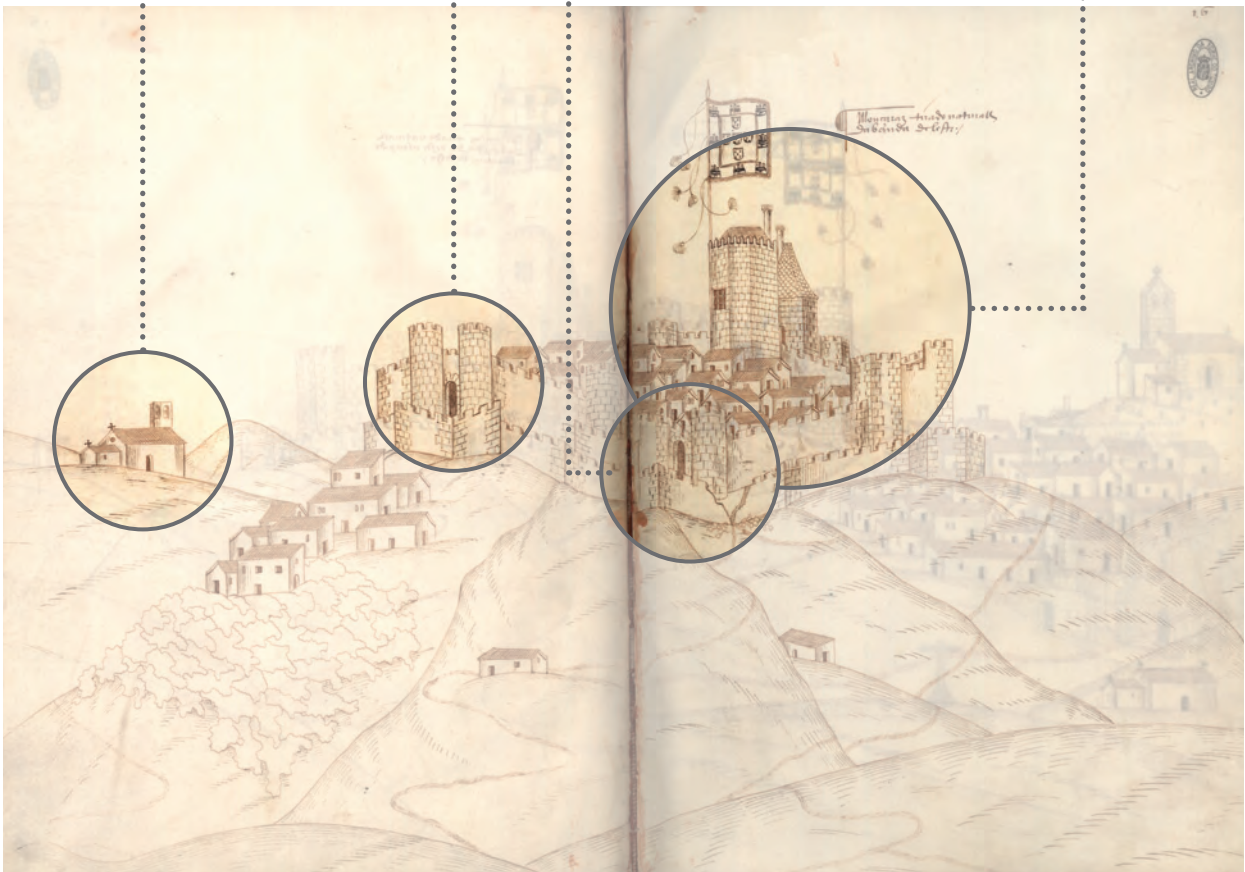


(5)
ERMIDA DE
SÃO BENTO

(2)
PORTA
DA VILA

(3)
PORTA
DE ÉVORA

(1)
CASTELO



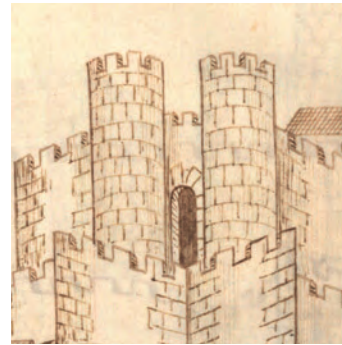
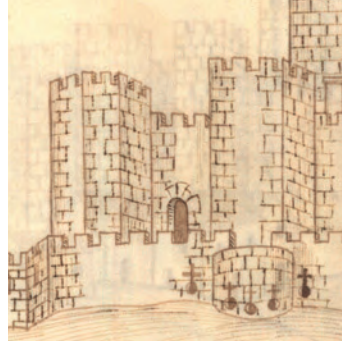
Monsaraz tirado natural, da banda de leste

Diziam as «Memórias Paroquiais» que «está esta Vila situada em hû[m] montte altissimo e cheio de penhascos; todas as cazas estão firmadas sobre rochedo, pois todo o montte se compoe de rochas; terá o tal montte pella parte de sima a distancia de tres tiros de mosquete despedido de todas as partes, e só para a parte do Nascente, tem hû[n]s outeiros defronte na correspondencia do castello»*. O número de habitantes cai de perto de 650 em 1527 (Collaço, 1929: 44) para 398 em 1758*. O tempo se encarregaria de confirmar o declínio de Monsaraz.

CASTELO (1)

«Compõesse este de quatro torres quadradas, e no meio do castello está huma torre munto levantada de sette quinas; as cazas que havia dentro todas estão destruhidas. Nenhuma das Torres tem padecido ruina porem as muralhas sim, e especialmente as que correspondem ao Nascente, estão munto damnificadas e athe a mesma parede do = castello que medeia entre as Torres: dentro do Castello há huma grande sisterna a que se comunicava a agoa de todos os tilhados que dentro nelle havia» (Olival, s.d.: 1322 [Reguengos de Monsaraz – Santiago]).





PORTAS DO CASTELO, DA VILA E DE ÉVORA (2, 3 E 4)

As portas desenhadas por Duarte Darmas fazem parte, desde a Idade Média, do panorama de Monsaraz. O tempo sedimentou essa imagem. As descrições seguem as marcas do tempo: «tem esta Villa quatro portas; a saber, a porta da = Villa, que está para o Montte, porta de Evora, que está no meio da Villa para a parte do = Poente; Porta da Alcova que diz para o Nascente; e Porta do Buraco, para a mesma// Parte; excepto a Porta de Evora: cada huma das = outras tem hú[m] Baluarte no andar Barbacáa»*. Especial destaque era dado à porta da vila, virada a nascente. Ali estava «o rellogio, que he hum grande sino, em hú[m]a forte e levantada Torre; e sobre a mesma porta está o votto que o Senhor Rey Dom João quarto fez de defender a pureza da = Conceyção da Senhora, e lhe ser tributario todos os annos escripto em huma pedra mármore» (Olival, s.d.: 1323 [Reguengos de Monsaraz – Santiago]).



ERMIDA DE SÃO BENTO (5)

A ermida, que vemos no lado esquerdo na vista de leste, continuava em pleno funcionamento em 1758: «Tem mais no fim do Rebalde sobre o mesmo Montte para a parte do = Nortte hú[m]a Hermida de São Bento, aqual fica dentro de hum forte, a que ordinariamente festejão os moradores do mesmo rebalde em = a primeyra outava da = Paschoa da Resurreição em cuja Hermida. há Missa todos os Domingos, e dias Santtos, que os moradores mandão dizer com as esmollas que tirão nos = peditorios que fazem» (Olival, s.d.: 1319 [Reguengos de Monsaraz – Santiago]).

A atual construção data de finais do século XVI ou de inícios do século XVII (Cunha, 2003: 166)



MONTALVÃO

Vista ao longe, a partir do sul, Montalvão assemelha-se singularmente ao desenho feito por Duarte Darmas. Uma povoação alongada pelo topo de um cerro, com o castelo a dominar um dos extremos e o campo quase sem casas à sua volta. Montalvão cresceu em direção a sul, mas tal não afeta a leitura da parte mais antiga.

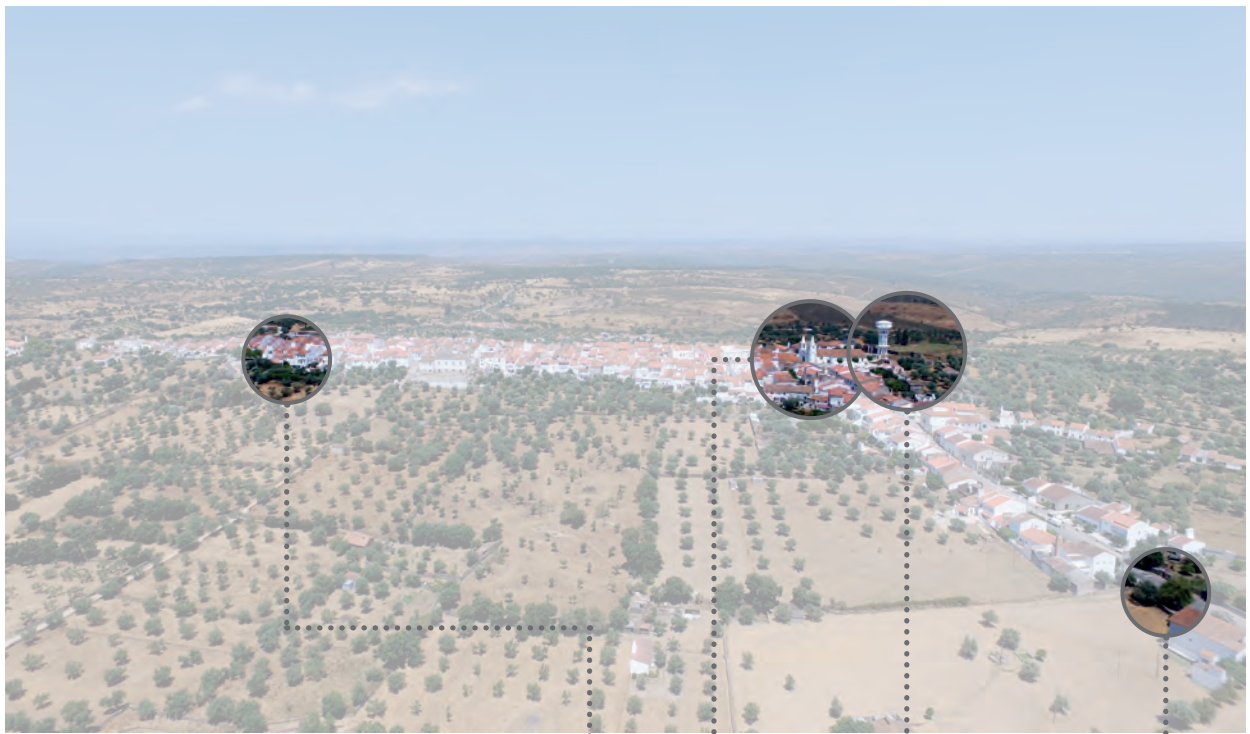
O desenhador comprimiu um pouco a área urbana, cuja representação lhe terá parecido desnecessária. Muitos elementos por ele vistos continuam presentes e são identificáveis sem grande esforço. Destaca-se, no limite leste o castelo, sobre o qual Duarte Darmas escreveu «este castello esta asy começado antigamente». Subsistem alguns panos de muralha, mas o ar de inacabado pouco mudou em cinco séculos. O depósito da água, que se sobrepõe ao perfil do castelo, é obra dos anos 60 do século XX (Gameiro, 2018: 172).

Representa, do lado direito, um poço, onde três mulheres recolhem água. O sítio ainda existe, com um fontanário do Estado Novo, no final da Rua de Monte Carreiro.

Ao lado do castelo está a igreja matriz, cujo portal e óculo, anteriores ao século XVI, se mantêm. Mais recente é uma das torres do templo religioso, mas o caráter dominador e posição marcante da igreja permanecem. Caminhando para ocidente, e entre o castelo e o limite ocidental da localidade está a igreja de São Pedro. Embora o desenho tenha simplificado, e encurtado, Montalvão, a posição relativa desta igreja (a meio de desenho e sensivelmente a meio do povoado) está correta. Duarte Darmas desenhou, no limite oeste da localidade, um cruzeiro. Dele não resta qualquer vestígio, tal como não ficou memória da ermida que existiria a sul de Montalvão. Ainda que neste caso, possamos legitimamente duvidar do desenho e pensar que Duarte Darmas possa ter cometido um lapso, tendo representado fora do sítio certo a capela do Espírito Santo, cujo portal, de cronologia baixo-medieval, chegou até nós.

Na vista de norte, o castelo e a igreja tornam-se ainda mais destacados. Junto à fortificação está uma legenda: «para quj vay hûa Ribeyra» [Rio Sever]. Ao longe, indica-se «castella», cuja fronteira se situa a cerca de 2000 metros do limite oriental de Montalvão. Surge, em primeiro plano, uma pequena capela. Trata-se da ermida de Santo André, que fica a 500 metros a norte da localidade. Estava, na altura, isolada e encontra-se hoje enquadrada pelas casas de um pequeno arrabalde.





(5)
CAPELA
(desaparecida)

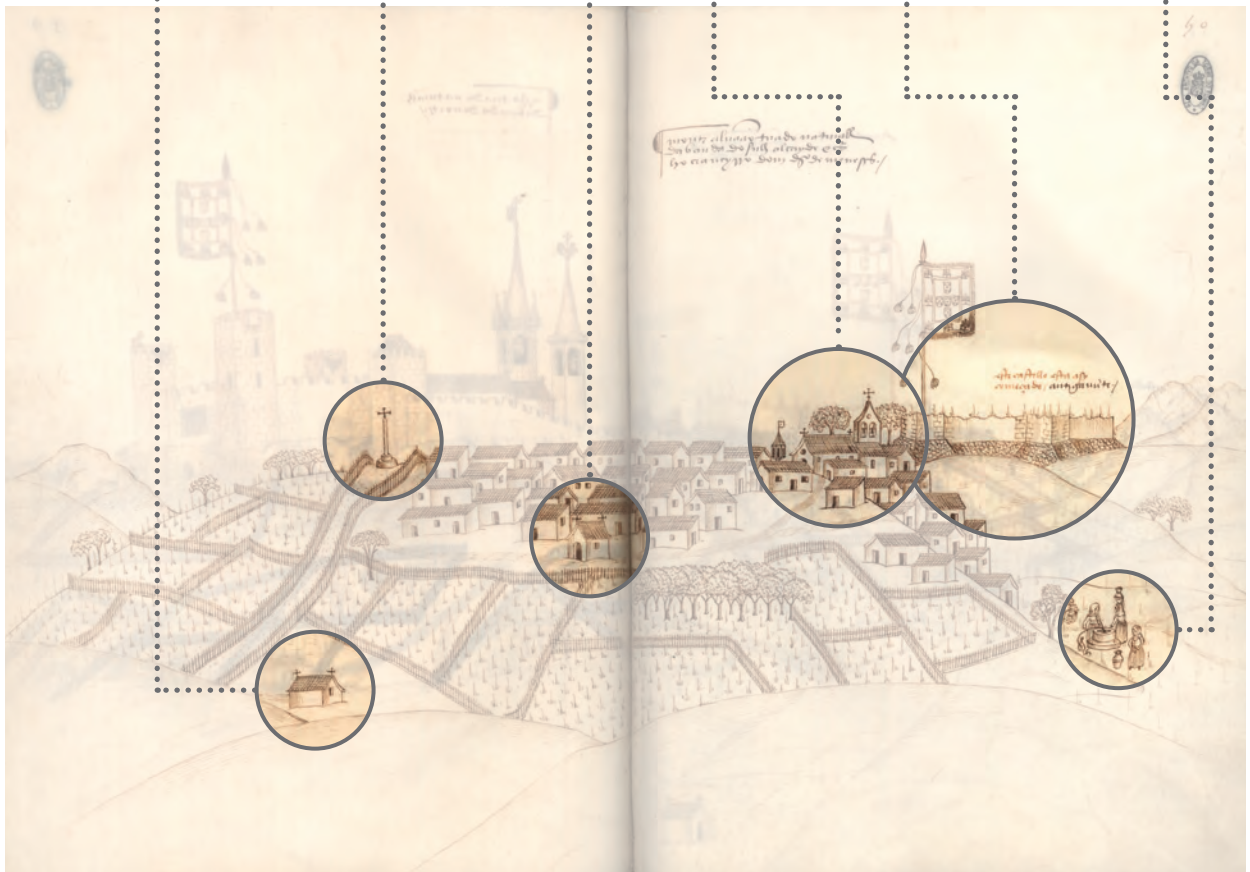
(6)
CRUZEIRO
(desaparecido)

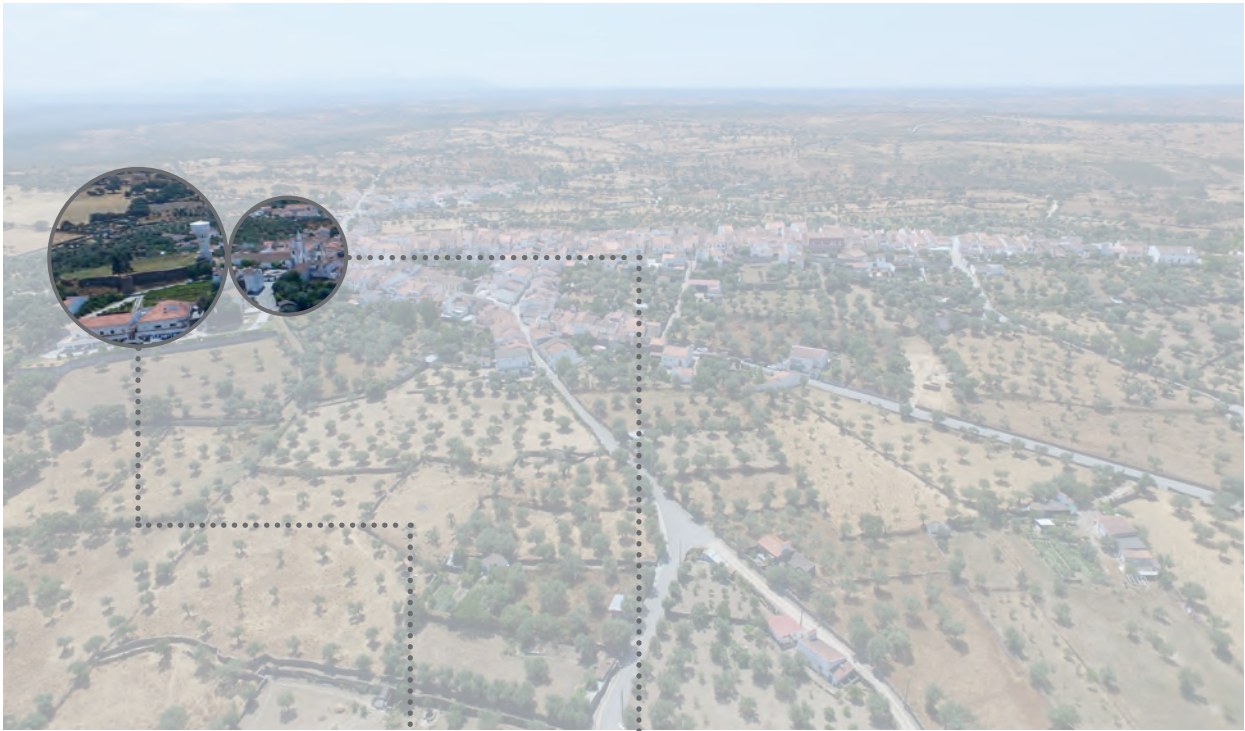
(3)
CAPELA DE
SÃO PEDRO

(2)
IGREJA MATRIZ

(1)
CASTELO

(4)
FONTE

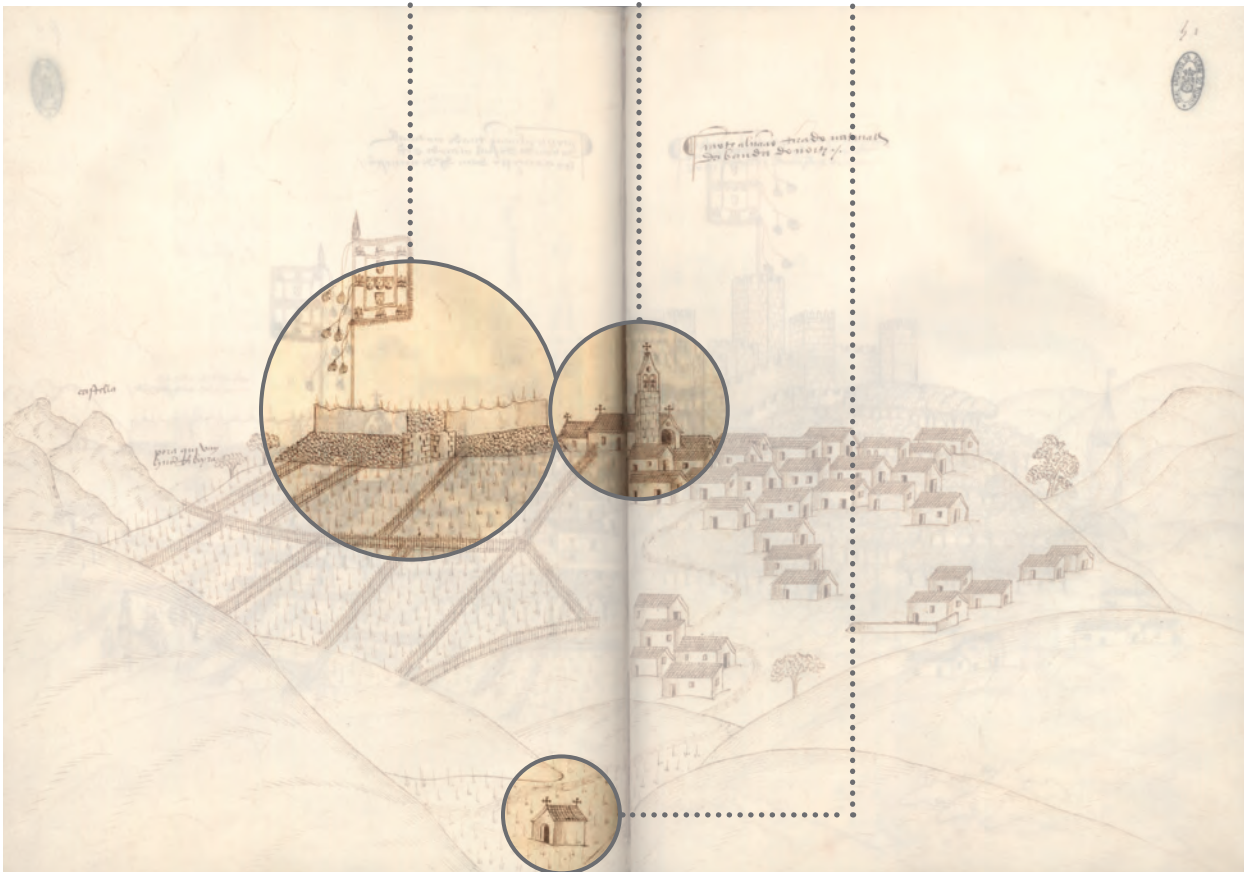




(1)
CASTELO

(2)
IGREJA MATRIZ

(7)
CAPELA DE
SANTO ANDRÉ



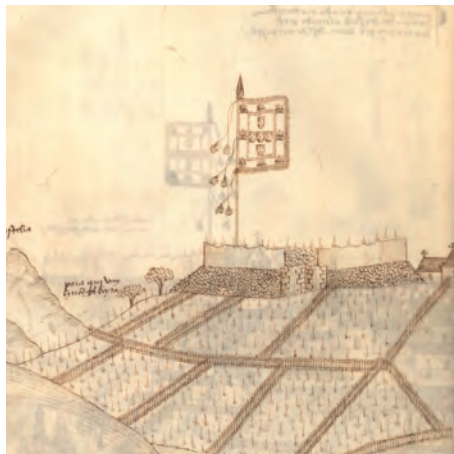
Montalvão tirado natural, da banda do norte

Diziam as Memórias Paroquiais que «a sua situação está em hum outeiro, não munto alto e o ingresso para ella ao exito não hé muito custozo» (Capela, 2019: 656). O número de habitantes é sempre modesto, com pouco mais de 600 em 1527 (Collaço, 1929: 63), que passam, na globalidade do termo, para 1016 em 1758 (Capela, 2019: 656).



CASTELO (1)

«He praça de armas, não capital, mas hé regular. Está murada em redondo, cujas muralhas estão demollidas em muntas partes. Tem castello munto bom e espaçozo. O pé do castello tem vinte e tantos palmos de altura. E está feito à escarpia, de sorte que se lhe quiserem arrimar escadas para o conquistar não assentam, nem asseguram. E continuando sobre o mesmo castello, todo este hé murado em redondo e passa de trinta palmos de altura. Hé fechado com portas» (Capela, 2019: 657-658). O estado de ruína cruzou os séculos, embora a descrição do século XVIII nos dê indicações de uma fortaleza que podia ter algum préstimo.





IGREJA MATRIZ (2)

«A parochia está dentro da villa (...). Tem esta igreja três naves, a do meio que hé espaçosa e de cada lado sua mais estreitas, cujo templo se sustenta em oito columnas de pedra de cantaria e o tecto hé de madeira» (Capela, 2019: 656).



CAPELA DE SÃO PEDRO (3)

«Tem mais a igreja de Sam Pedro, [que tem] mordomos e alguma renda» (Capela, 2019: 657).



FONTE (4)

«Não há na terra, nem perto della, fonte, nem lagoa dignas de memoria» (Capela, 2019: 657). O poço desenhado por Duarte Darmas, e que ainda hoje existe, não foi aqui considerado.



CAPELA (5)

Desaparecida.



CRUZEIRO (6)

Desaparecido.



CAPELA DE SANTO ANDRÉ (7)

«Tem mais a igreja de sanncto André appostolo, que também não tem renda, nem irmandade. E somente no seu dia se lhe canta huma missa por conta das rendas que deixou frei Pedro Carrilho ao hospital» (Capela, 2019: 657).

MOURA

Se uma coisa chama a atenção em Moura é a ausência de um perímetro amuralhado envolvendo toda a localidade. As defesas da vila de então limitavam-se à antiga cerca muçulmana, que foi sendo reparada, mas cujo traçado permaneceu inalterado. Fora das muralhas ficam os arrabaldes, que se foram implantando a partir de meados do século XIII.

Na vista tomada a partir da banda de oeste identificamos cinco pontos importantes, todos eles reconhecíveis na Moura atual. Da antiga igreja do Carmo, um edifício bem enquadrável dentro do chamado «gótico alentejano», ainda resta um pináculo no vértice virado a sul. A lápide no torreão noroeste continua no mesmo local, e permite datar o muro da alcáçova do período 1350-1370 (Macias, 2016: 75-76). O que parece ser um alambor não é hoje reconhecível, e terá sido coberto pelas obras seiscentistas. A mesma vista mostra ainda a torre de menagem. Duarte Darmas regista seteiras (duas numa face, uma noutra), uma solução que ali nunca existiu e cuja presença no desenho se deve a um erro do autor. A bica de Santa Comba também já existia no local onde, no final do século XIX, se implantou a estrutura atual. Refira-se, ainda, a presença de uma porta falsa, que sabemos que coincidia com a Calçada do Castelo.

A vista de leste é um pouco menos expressiva. Mostra-nos os torreões da muralha medieval. Num deles há um campanário, que pode ter correspondido ao primeiro relógio de Moura. Estava instalada numa torre semicircular, que fez parte das obras de Francisco de Arruda. Duarte Darmas registou ainda uma estrutura porticada, aparentemente instalada sobre a barbacã difícil. A entrada no castelo, junto à torre do relógio, permite-nos afirmar que esta estrutura se situaria no local onde agora está o edifício de Biblioteca Municipal. Perto da entrada no castelo temos duas igrejas, sem dúvida as da Misericórdia e de São João Batista. A forma como são representadas é equívoca e induz em erro. A torre sineira parece pertencer à igreja de São João, do lado direito, ao passo que à esquerda temos a primitiva Misericórdia.

Em primeiro plano está a antiga (e já desaparecida) capela de Santo Agostinho, em zona próxima do topo da Rua da Carneira (Correia, 2005: 14-15). Fica a cerca de 100 metros da igreja atual, que guarda o mesmo nome.



Moura tirada natural, da banda de oeste
Alcaide Dom Rodrigo d'Eça



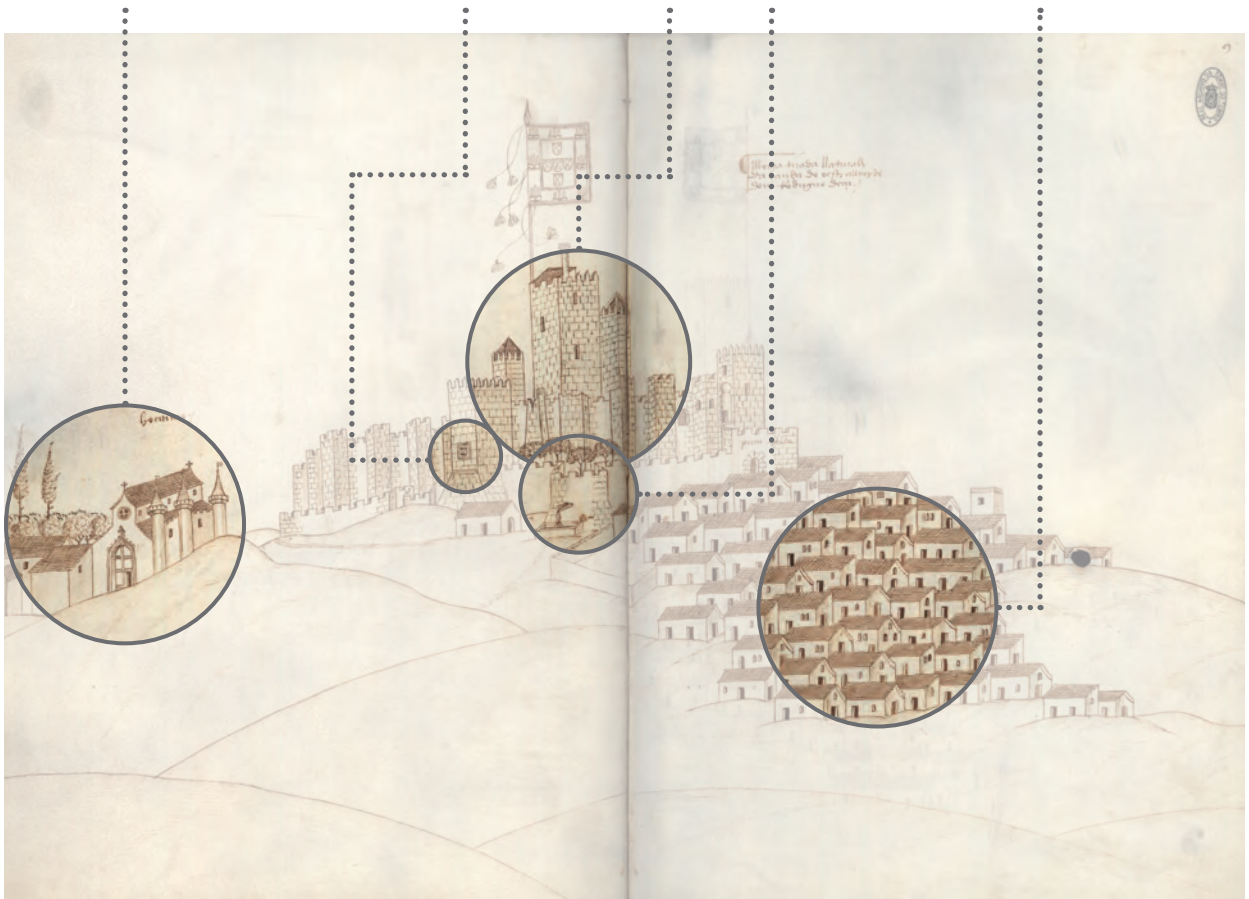
(2)
CARMO

(3)
BRASÃO

(1)
CASTELO

(4)
SANTA
COMBA

(8)
MOURARIA





(6)
SANTO
AGOSTINHO

(1)
CASTELO

(5)
TORRE DO
RELÓGIO /
TORRE DE TAIPA

(7)
SÃO JOÃO
BATISTA
E MISERICÓRDIA



Moura tirada natural, da banda de leste

Diziam as Memórias Paroquiais: «acha-se cituada esta villa na encosta de hum monte entre dous rybeyros que a lavam, regam e fertilizam chamados Brenhas e Lavandeyra» (Páscoa, 2003: 34). Essa posição, e a abundância de água no interior do castelo, fizeram do sítio um local privilegiado de defesa, em especial a partir da Idade do Ferro. Era uma das localidades mais importantes do Alentejo, o que se reflete num crescente número de habitantes: 3500 em 1527 (Collaço, 1929: 35), mais de 4200 em 1758 (Páscoa, 2003: 34 e 45).



CASTELO (1)

«No mais alto da villa fica o castello que apenas conserva os vestígios da grandeza com que se ornava. (...) Ficou sempre illeza a torre de homenagem que serve de trem para todos os instrumentos mellitares que tem a praça. E não chegou a ser minada pelos castilhanos em atenção às relligiozas que padeceriam neste golpe o último estrago, por ficar o convento nas raízes da mesma torre» (Páscoa, 2003: 53).



CARMO (2)

«Ho carmo», assinala o desenho. Onde hoje está a igreja do Convento do Carmo, havia uma igrejinha. Dois séculos e meio volvidos, o convento era já uma realidade pujante: «o segundo convento he o dos religiosos carmellitas calçados edificado peloos cavalheyros de Sam João de Malta junto aos muros da villa para a parte do norte no lugar em que estava huma ermida da Senhora da Lus (...)» (Páscoa, 2003: 47).



BRASÃO (3)

Data de meados do século XIV e ajuda a identificar a época de construção do muro da alcáçova.



SANTA COMBA (4)

«Por outro aqueduto sahe bastante porçom de água da mesma fonte por trez canos de bronze na mesma praça defronte da porta do Carmo, que sahe em hum grande cano de mármore e desce para hum grande xafariz de semelhante matéria que faz a praça igualmente vistosa e aprazível» (Páscoa, 2003: 52). A fonte de Santa Comba era o testemunho evidente da abundância de água no interior do castelo. Duarte Darmas desenha-a, as «Memórias Paroquiais» descrevem-na com precisão.





TORRE DO RELÓGIO / TORRE DE TAIPA (5)

Duarte Darmas desenhou o que então restava da fortificação muçulmana, e que não seria pouco. Ao lado da torre do relógio, vemos uma estrutura poligonal, possivelmente pertencente ao amuralhamento almôada (segunda metade do século XII).



SANTO AGOSTINHO (6)

«No lugar em que se acha ao presente cituada a igreja de paroquial de Santo Agostinho havia huma ermida do dito santo em que assistiam certos monges da ordem do mesmo, se bem que era muyto limitada e de pouca duração» (Páscoa, 2003: 35). Esta igreja não é a que Duarte Darmas representou, como acima referimos.

SÃO JOÃO BATISTA E MISERICÓRDIA (7)

«Ficca a matriz dentro dos muros da villa, próxima dos mesmos para a parte do norte. O seu orago é Sam João Baptista. Templo magnifico que mandou edificar el Rey Dom Manuel de glorioza memória» (Páscoa, 2003: 45). «Há nesta villa Caza da Misericórdia. Fundou-se no anno de mil e quinhentos e setenta e nove, sendo Rey de Portugal o Cardeal Dom Henrique» (Páscoa, 2003: 50).



MOURÃO

Um pouco à semelhança de Moura, esta vila, de fundação recente, é uma soma de castelo e arrabalde. Sendo terra nova, são poucos os elementos que nela se destacam. Tudo começou com a Reconquista do território e com a construção do castelo. É ele que claramente se destaca no perfil da vila. As portas de sudeste e de norte sobressaem, com as entradas flanqueadas por dois torreões.

A torre de menagem impõe-se no perfil de Mourão, sendo construção de relevo nas duas vistas da localidade. Uma delas, assinalada como de oeste, foi feita da junção de apontamento tirados entre norte e oeste. Uma perspetiva tomada unicamente a partir de ocidente anularia qualquer possibilidade de vermos as casas que assomam do lado esquerdo da imagem. A porta com dois torreões que vemos no desenho, protegida pela barbacã, é a que está virada a norte. Somente nesse ângulo conseguimos ver a janela da torre de menagem, claramente representada no desenho. A sul do castelo, a sudeste do arrabalde e distante deste quase 300 metros, ficava a ermida de São Bento, hoje também conhecida como de Nossa Senhora do Alcance. É essa a capela que nos surge em primeiro plano, e ligeiramente à direita, nesta vista. Uma vez mais, Duarte Darmas preocupou-se em assinalar edifícios, deixando para segundo plano o rigor absoluto da representação.

Na vila em si, vista a partir de este ou de sudeste, está representada a igreja de São Francisco. A orientação do edifício parece ser substancialmente diferente da que hoje apresenta. A atual construção é de meados do século XVIII, mas o nome de São Francisco aponta para uma origem anterior. A igreja que está defronte, a da Misericórdia, pertence a uma instituição fundada em meados do século XVI.

A relativa dispersão das casas, tal como desenhador as mostra, dá-nos o ar de uma localidade ainda pouco estruturada, do ponto de vista urbano, nos inícios do século XVI.





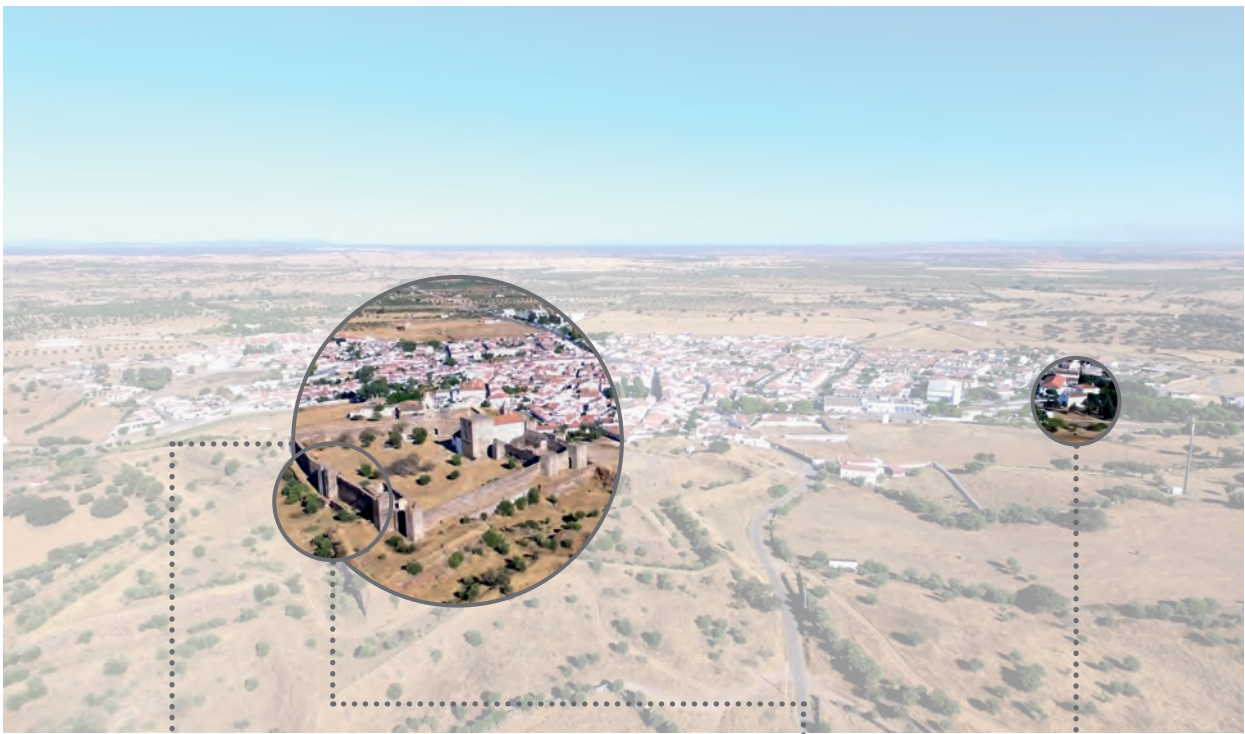
(1)
CASTELO

(5)
IGREJA DE
SÃO FRANCISCO

(2)
PORTA DE
SANTO ANTÓNIO



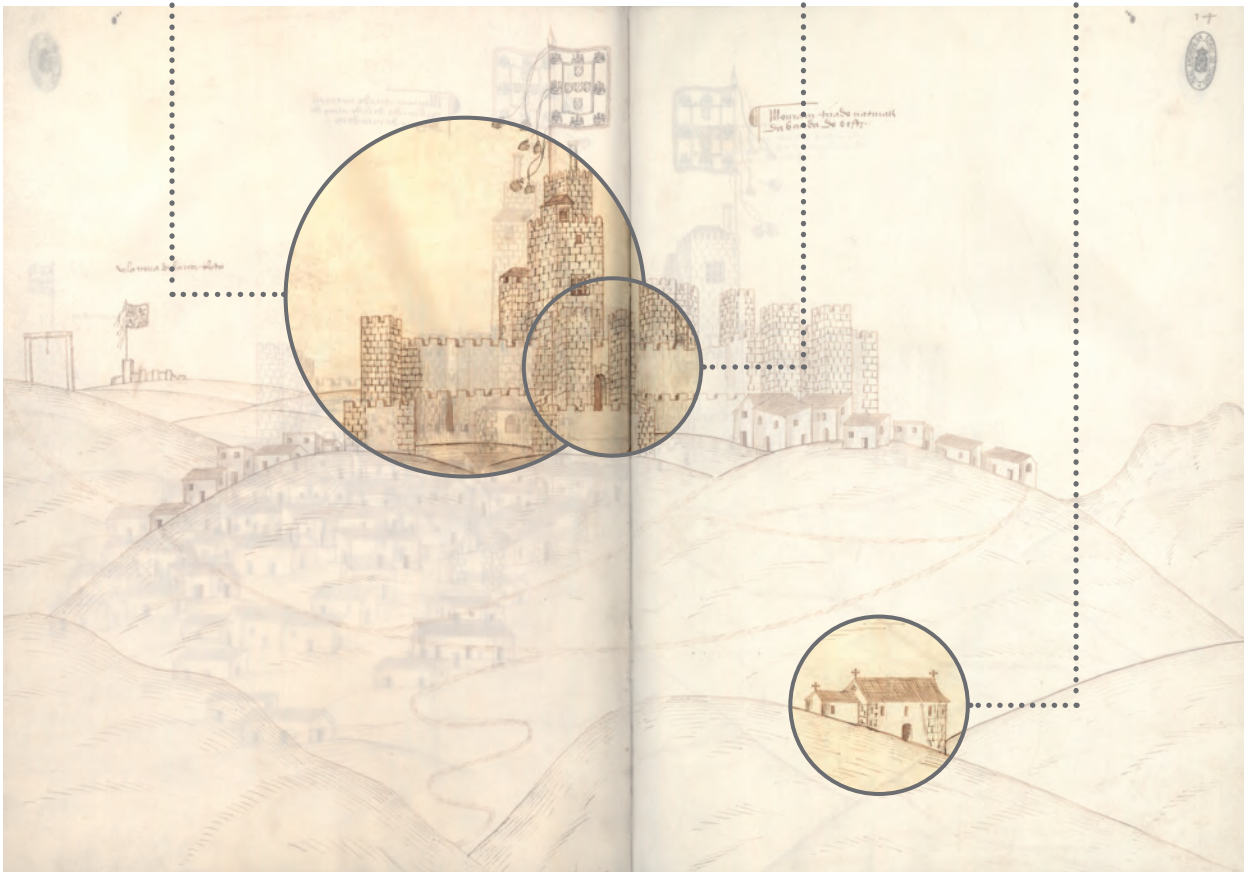
*Mourão tirado natural, da banda de leste
Alcaide Diogo de Mendonça*



(1)
CASTELO

(3)
PORTA DE
SÃO SEBASTIÃO

(4)
ERMIDA DE
SÃO BENTO



Mourão tirado natural, da banda de oeste

«Está situada em huma planise, e só sobem duas ruas o lado de hum monte não munto alto, pela parte do nascente que fazem uniam com a matris, e o castello» (Olival, s.d.: 1771 [Mourão – Nossa Senhora das Candeias]). Mourão cresce, ao longo da Baixa Idade Média. O número de habitantes acompanha essa expansão: de um pouco menos de 1500 habitantes (Collaço, 1929: 40) passa para perto dos dois milhares em 1758 (Olival, s.d.: 1771 [Mourão – Nossa Senhora das Candeias]).



CASTELO (1)

« a fortificasam he hum cuadrado (...) com a sua fortificação pertencente huma torre grande, de homenagem com quatro conloeyras e mais douze torres pequenas as quais ficam todas no rescinto do mesmo quadrado. Duas cisternas dentro do mesmo, acha-se com alguma ruinas a fortificação» (Olival, s.d.: 1776-1777 [Mourão – Nossa Senhora das Candeias]).

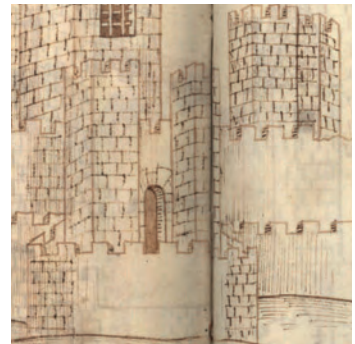




PORTA DE SANTO ANTÓNIO (2)



PORTA DE SÃO SEBASTIÃO (3)





ERMIDA DE SÃO BENTO (4)

«Tem esta villa ao pé distante meyo quarto de legoa hum convento de religiosos de Sam Camilio de Lilis e he sua padroeira a Senhora do Alcanse (Olival, s.d.: 1774 [Mourão – Nossa Senhora das Candeias]). (...) Não sey que tenham estas hermidas romagens exseto a Senhora do Alcanse igreja dos padres camilos que pello descurso do anno, acode bastante gente a vezitar a Senhora» (Olival, s.d.: 1775 [Mourão – Nossa Senhora das Candeias]).



IGREJA DE SÃO FRANCISCO (5)

«E agora actualmente se está acabando huma munto primorosa de Sam Francisco, que tem sua Ordem Treçeira pertemsem toudas ao Excelentissimo e reverendissimo ordinário» (Olival, s.d.: 1774 [Mourão - Nossa Senhora das Candeias]). A indicação de obras em curso ajuda a entender o facto de não haver correspondência entre a orientação constatada no desenho e a atual.

NISA

A pequena Nisa medieval era uma povoação com um pouco menos de quatro hectares de área intramuros. A muralha dessa época desapareceu quase por completo, mas não o seu traçado, delimitado a norte pela Rua de São Tiago. No limite oeste havia uma alcáçova, da qual restam muito poucos vestígios.

Do que Duarte Darmas viu, quase nada chegou até nós. Destacam-se a porta junto à igreja matriz, a porta de Montalvão, o torreão virado a norte no final de Rua Comandante João de Évora e troços do pano entre a Rua Capitão Vaz Monteiro a Praça da República. O restante traçado da fortificação é perceptível na separação da zona antiga com a parte mais recente da localidade. Do ponto de vista físico, a muralha já lá não está.

Na vista de sul, pontifica a entrada principal da vila, que ainda se mantém. Junto a esta, temos a torre sineira da igreja. Do lado direito do desenho, marca presença a zona da Porta de Montalvão. Apresenta essa imagem outros detalhes de interesse. Identificam-se três igrejas. E que são, sucessivamente, de este para oeste, Santa Ana, uma outra referida como «jrmjda» e outra ainda, no lado este do desenho, fora de muros, consagrada a «Sam Sebastiam» (identificações presentes no manuscrito de Madrid). A primeira dessas igrejas desapareceu, existindo hoje no seu lugar existindo hoje no seu lugar o Cine-Teatro de Nisa, a segunda «irmida» corresponde à igreja do Espírito Santo, ao passo que a terceira é hoje conhecida como igreja do Mártir Santo.

No manuscrito de Madrid, o grande edifício que vemos no centro da imagem é identificado como «lagar de dom joham», seguramente propriedade do alcaide e comendador D. João de Sousa. O seu nome aparece, por diversas vezes, associado a propriedades situadas nas imediações do castelo. Na versão final do desenho de Duarte Darmas, a da Torre do Tombo, essa informação seria apagada.

A vista de norte é algo mais do que isso. Abrange, por conveniência de representação, o troço da porta de Montalvão, do lado esquerdo da imagem, a torre no extremo da Rua Canto João de Évora e a fachada da alcáçova, que estava virada a oeste. Quase todo esse troço desapareceu, subsistindo alguns panos de muralha dentro de quintais, paralelos à Rua Dr. Francisco Miguens.



*Nisa tirado natural, da banda do sul
Alcaide e comendador D. João de Sousa*



- (3) IGREJA DO ESPÍRITO SANTO
- (2) ERMIDA DE SANTA ANA
- (7) TORRE DA ALCÁÇOVA
- (5) DUARTE DARMAS E O ESCUDEIRO
- (10) IGREJA DA GRAÇA
- (1) ENTRADA NA VILA
- (6) CEGONHA
- (4) CAPELA DO MÁRTIR SANTO



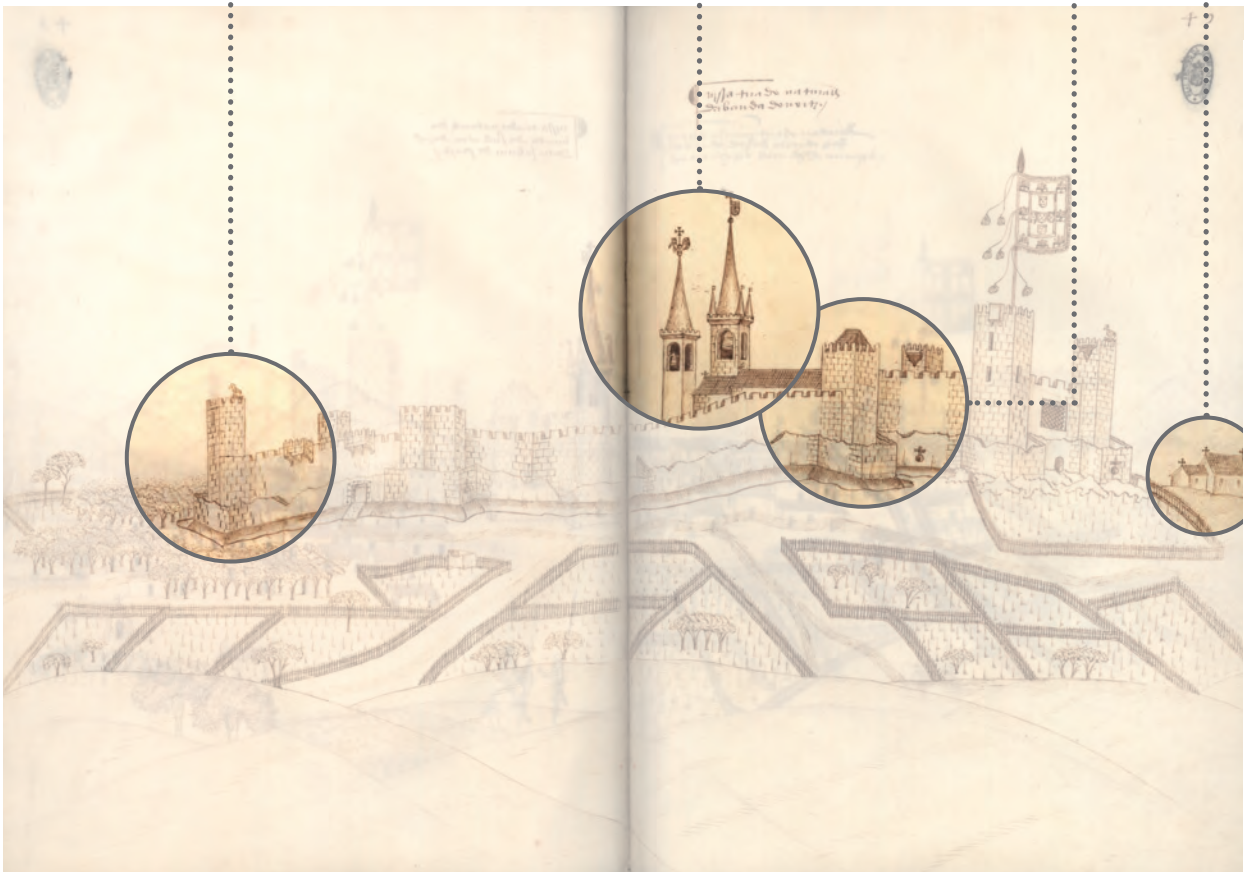


(8)
TORRE JUNTO
À PORTA DE
MONTALVÃO

(10)
IGREJA
DA GRAÇA

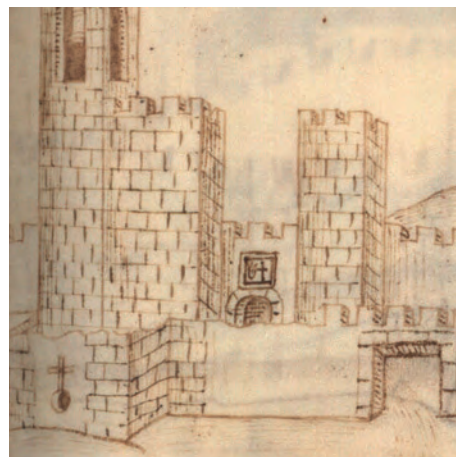
(9)
TORRE NA
RUA CANTO
JOÃO DE ÉVORA

(2)
ERMIDA DE
SANTA ANA



Nisa tirado natural, da banda do norte

«Esta notavel villa de Niza fica na Provincia do Alentejo. (...) Está situada em lugar plano ahinda que que algum tanto sublime ao mais terreno» (Capela, 2019: 646-647). A expressão demográfica do sítio não se alterou entre o numeramento de 1527 (Collaço, 1929: 64) e o registo de 1758, andando sempre em volta de 1200 habitantes (Capela, 2019: 647).



ENTRADA NA VILA (1)

«He esta villa murada com muros todos de pedra de cantaria, obra do senhor rei D. Dinis. (...) Tem a villa em circuito onze torres e três portas principais, além de outras três mais piquenas, a que cá chamam postigos» (Capela, 2019: 653). «em cima dellas [portas] está a cruz da Ordem de Christo, que no mesmo tempo eregio o dito senhor rei Dom Dinis, e hum escudo das quinas de Portugal» (Capela, 2019: 662).



ERMIDA DE SANTA ANA (2)

«A ermida de Santa Anna, que foi antigamente albergaria, instituída por João Almalho, desta villa, no anno de mil trezentos e oitenta. E se conservou com seus estatutos e confrades até ser instituída a Misericórdia, para onde passaram alguns dos seus bens. Della sempre foi padroeira a camara (...)» (Capela, 2019: 649).



IGREJA DO ESPÍRITO SANTO (3)

«Esta freguezia do Espírito Santo fica dentro do arrabalde dessta villa não tem lugar algum anexo a ella. O orago desta freguezia hé o Espírito Santo, a qual foi instituída no ano de mil quinhentos cincoenta e cinco (...). He de abobeda; só tem huma nave» (Capela, 2019: 647).



CAPELA DO MÁRTIR SANTO (4)

«Hé capella antiquíssima [de São Sebastião] e hé tradição estar já fundada nos anos do senhor rei D. Dinis, tempo em que se fundou esta villa» (Capela, 2019: 648).



DUARTE DARMAS E O ESCUDEIRO (5)



CEGONHA (6)



TORRE ALCÁÇOVA (7)

«Tem hum soberbo castello, hoje também muito arruinado, depois que o inimigo lhe deitou abaixo com minas no anno de mil settecentos e quatro as suas quatro torres, que tinha em os quatro cantos (...)» (Capela, 2019: 653).

TORRE JUNTO À PORTA DE MONTALVÃO (8)



IGREJA DA GRAÇA (10)

«O orago da matriz hé Nossa Senhora da Graça. (...) A dita igreja tem três naves; hé de madeira; o tecto della está munto arruinado, como também algumas paredes» (Capela, 2019: 660).



TORRE NA RUA CANTO JOÃO DE ÉVORA (9)



NOUDAR

O sítio é imponente e o nome identifica a importância do local. A raiz do topónimo é a palavra árabe *naẓra* [nað'ra], ou seja, olhar. O nome adequa-se a um sítio de vigilância e tem paralelo no topónimo do cerro da Nodre, em Almodôvar, que foi também o local de uma possível atalaia.

O castelo está rodeado a este, norte e oeste pelo Ardila, que o circunda na quase totalidade. Para sul, fica o Murtega. É essa imagem de isolamento que Duarte Darmas nos dá, de modo expressivo.

A importância do pequeno castelo de fronteira foi-se erodindo ao longo da Baixa Idade Média. Quando Duarte Darmas por lá passa já não há muito a registar. Ele vê as muralhas, identifica as portas (a da vila e a sul), desenha a Torre de Menagem, que assoma no meio do sítio, e impressiona-se com a paisagem.

O auto de posse do castelo, de 1515, e a despeito do exagero do tom crítico do alcaide recém-chegado, dá conta de uma realidade penosa. Luís d'Amatas, no dia 3 de junho de 1516, constata que a casa debaixo da torre de menagem estava «derribada», havia «sete armaduras de cabeça, muito antigas, muito velhas e quebradas», materiais de guerra ferrugentos e quebrados. A esse cenário se juntavam casas com telhados em ruínas, casas só com paredes e por terminar, cubelos que estavam para cair, portas quebradas e cântaros de cobre velhos. Havia um ar de abandono por toda a parte, como se depreende pelo teor do auto (Azevedo, 1900: 146-151).

Em 1527 havia pouco mais de duas dezenas de habitantes em Noudar; em 1758 o sítio fora abandonado. A carta do alcaide apontava um caminho de solidão, com a população a partir em direção a Barrancos.



*Noudar tirado natural, da banda do sul
Alcaide Lopo Álvares de Moura*



(3)
PORTA
DE MOURA

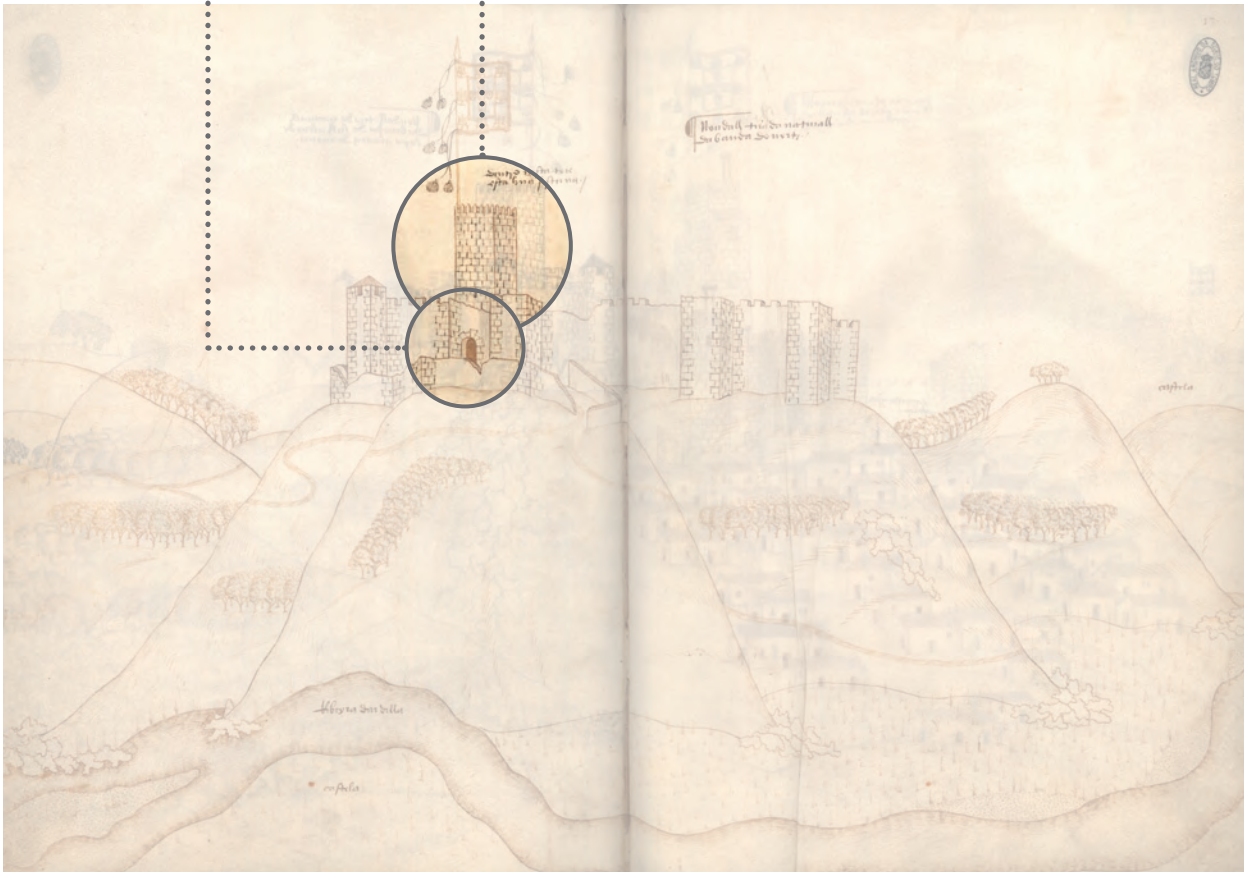
(2)
TORRE DE
MENAGEM





(1)
PORTA
DA VILA

(2)
TORRE DE
MENAGEM

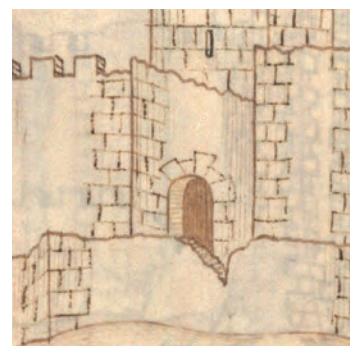


Nouadar tirado natural, da banda do norte

Ocupando uma plataforma xistosa situada entre as ribeiras do Ardila e do Múrtega, perto da sua confluência numa única linha de água, a vila abandonada de Noudar tem um recinto amuralhado com aproximadamente 12 800 metros quadrados. O seu povoamento em época islâmica esteve relacionado com a actividade mineira que justificou a ocupação do território. É provável que o ponto mais alto do cerro tenha sido ocupado por uma pequena torre (burdj), antes da Reconquista. A alcáçova cristã ocupou o lugar dessa pequena fortificação. O castelo medieval alargou a área destinada a uma nova povoação, que teria vida curta. No século XVI estava quase deserta. Em 1758, Noudar deixou de ter futuro como localidade viva e habitada em permanência.



PORTA DA VILA (1)





TORRE DE MENAGEM (2)



PORTA DE MOURA (3)





IMAGENS GERAIS

OLIVENÇA

Posto avançado em território estrangeiro, Olivença ficaria em mãos espanholas a partir de inícios do século XIX. A imagem de uma cidade portuguesa já só a custo é reconhecida. Ficaram as armas da cidade, a igreja manuelina, os muros da Restauração e a memória fixada em tinta por Duarte Darmas.

A cidade tinha duas linhas de muralhas, a da desaparecida alcáçova e a que envolve o espaço urbano. De sudoeste para noroeste havia um pequeno arrabalde extramuros. As obras seiscentistas e setecentistas, com o novo sistema abaluartado e a construção dos Quartéis (desenho de António Rodrigues, o mesmo que andou por Elvas e por Moura) tornam de mais difícil leitura a Olivença medieval.

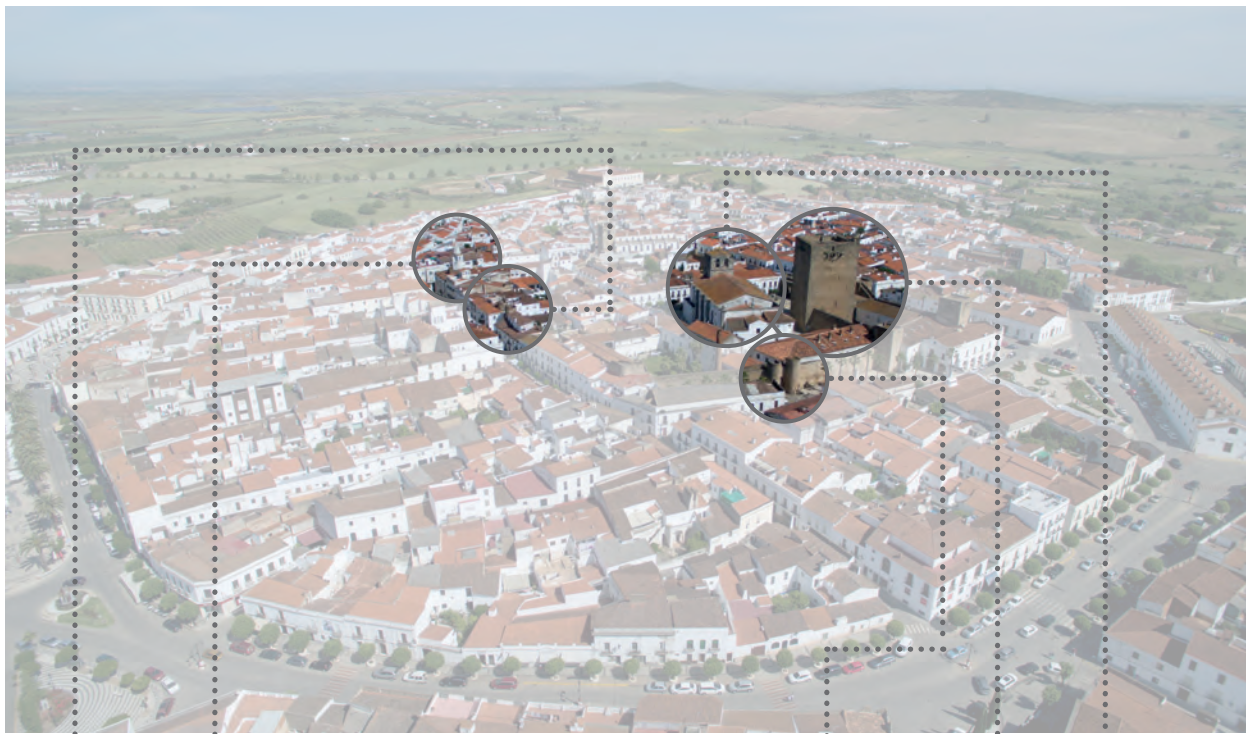
Duarte Darmas registou um conjunto de atalhas, importante elemento defensivo, de acrescido valor em sítio raiano. Vista de sul, a cidade é quase só muralha, com duas portas a destacar-se: a Porta de Alconchel e Porta de Los Ángeles. Tanto uma como outra subsistem parcialmente, a primeira na Calle Carmen, a segunda na Calle Caridad.

As torres marcam a linha do horizonte de Olivença: a de menagem e a do relógio tinham impacto ao longe e são visíveis nas duas perspetivas, sul e norte. Vemos troneiras nas torres circulares – como a que existia na zona onde hoje temos a Capela da Imaculada Conceição –, mas delas só resta hoje a memória gráfica.

Do lado norte de Olivença identifica-se uma capela. Poderá tratar-se de algum templo que existiria no local hoje conhecido como Porta do Calvário. As obras do sistema abaluartado tiveram forte impacto no limite norte da povoação medieval, pelo que não restam vestígios reconhecíveis dessa capela.

Duarte Darmas faz-se retratar duas vezes. Na vista de sul, temo-lo a medir a torre de menagem com um prumo e algo semelhante a um turbante. Na vista de norte, está com o seu escudeiro, meio ocultado pela paisagem.





(4) PORTA DE LOS ANGELES

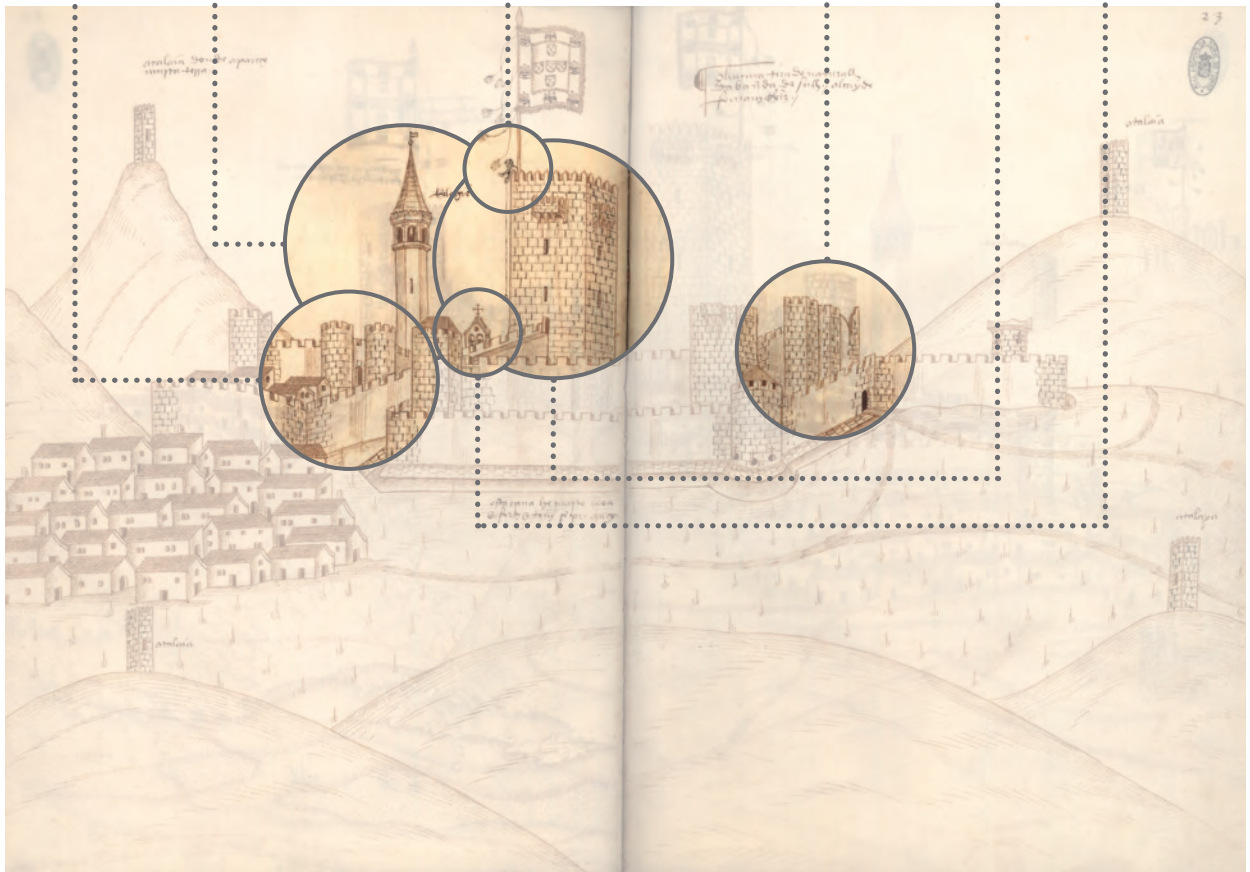
(3) TORRE DO RELÓGIO

(8) DUARTE DARMAS

(1) PORTA DE ALCONCHEL

(2) TORRE DE MENAGEM

(9) IGREJA DE SANTA MARIA DO CASTELO





(7)
DUARTE DARMAS
E O ESCUDEIRO

(6)
TORRE – CAPELA
DA IMACULADA
CONCEIÇÃO

(2)
TORRE DE
MENAGEM

(3)
TORRE DO
RELÓGIO

(5)
CAPELA DO
CALVÁRIO
(localização
aproximada)

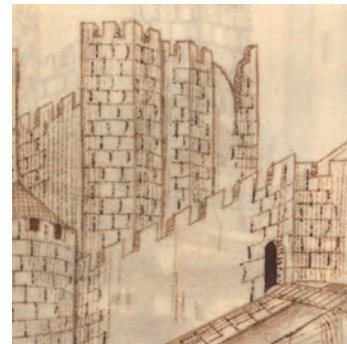


Olivença tirado natural, da banda do norte

«Está Olivença plantada em planice, mas insensivelmente domina mais de meia légua de circumferencia e a intervalos duas e três léguas» (Capela, 2019: 672). Era sítio importante no Portugal tardo-medieval, mas serão os tempos modernos a dar-lhe celebridade. Olivença tinha um importante número de habitantes, sempre acima dos 4000 (Collaço, 1929: 35 e Capela, 2019: 672).

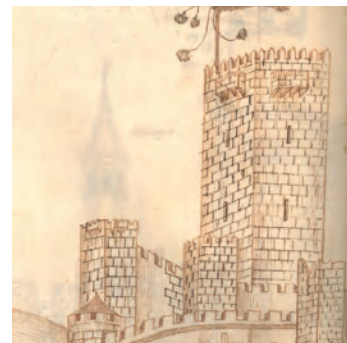


PORTA DE ALCONCHEL (1)



TORRE DE MENAGEM (2)

Tem dentro da villa huma pequena cidadela que ainda hoje mostra em algumas partes pedaços de muro. (...) Tem uma torre a que chamam torre de El-Rei» (Capela, 2019: 681).





TORRE DO RELÓGIO (3)

O atual relógio, na imediação da Porta de Los Ángeles não se deverá afastar muito, em termos de localização, da estrutura medieval representada no desenho.



PORTA DE LOS ÁNGELES (4)



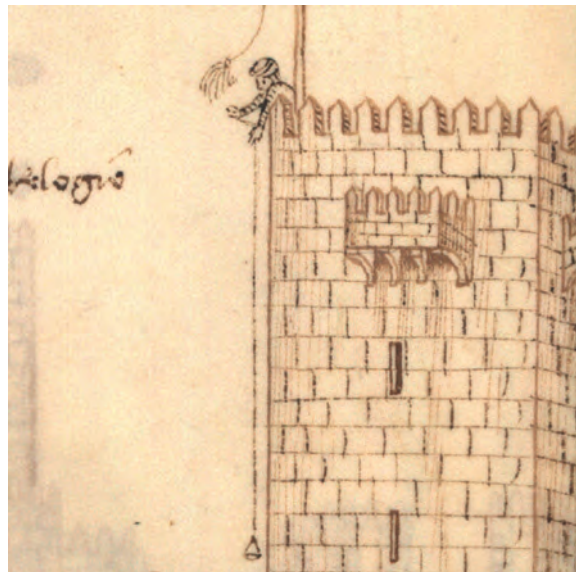
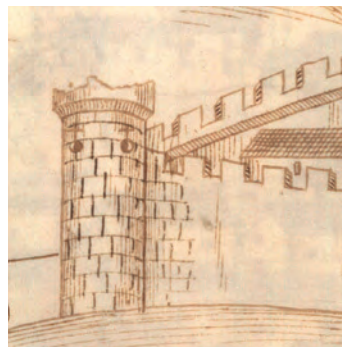
CALVÁRIO (5)

«Teve esta villa outras igrejas que, com a nova fortificação, guerras e decurso do tempo se demoliram, como (...) o Calvario, que deo o nome à porta do muro naquele sitio» (Capela, 2019: 675).



TORRE (6)

«Dentro do baluarte do muro que cahe a Nordeste está encostada ao terreplano a igreja de Santa Quitheria (...). Nesta igreja esta huma celebre e milagrosa imagem de Nossa Senhora da Conceição, de grande devoção naquella villa» (Capela, 2019: 673).



**DUARTE DARMAS
E O ESCUDEIRO (7)**

DUARTE DARMAS (8)

Duarte Darmas com um prumo, tirando medidas na torre de menagem.



IGREJA DE SANTA MARIA DO CASTELO (9)

«Tem duas freguesias, a matriz chamada Sancta Maria e a outra chamada Santa Maria Magdalena, ambas dentro dos muros e entrabnhadas entre a povoaçam. São templos magnificos» (Capela, 2019: 672).

OUGUELA

Ouguela é sítio pequeno, hoje quase desabitado na área intramuros, que não chega a meio hectare de superfície. A estrutura base do castelo medieval é facilmente identificável. Em seu torno, contudo, foram muitas as modificações operadas ao longo dos tempos. A Restauração, em especial, veio trazer alterações substanciais à fortaleza, com a construção de baluartes e de revelins, que puseram o castelo em segundo plano.

Essas modificações são constatáveis nas duas vistas. Na que foi tomada a partir de sudoeste (mais do que de sul, como escreve Duarte Darmas), a grande torre de entrada na fortificação, está hoje quase escondida pela igreja matriz, que não está registada no desenho quinhentista. O pequeno arrabalde do século XVI é semelhante ao que hoje existe, com as ruas organizadas no sentido norte-sul.

A vista tirada a partir de norte tem mais alguns elementos. Temos o arrabalde, noutra perspectiva, e a entrada na fortificação. Esta poucas modificações sofreu, ao longo dos séculos. Do lado direito havia o espaço da audiência, uma estrutura porticada aberta ao exterior. Desapareceu para dar lugar à igreja matriz, obra do século XVIII (Keil, 1943: 30), cuja porta abre a norte.

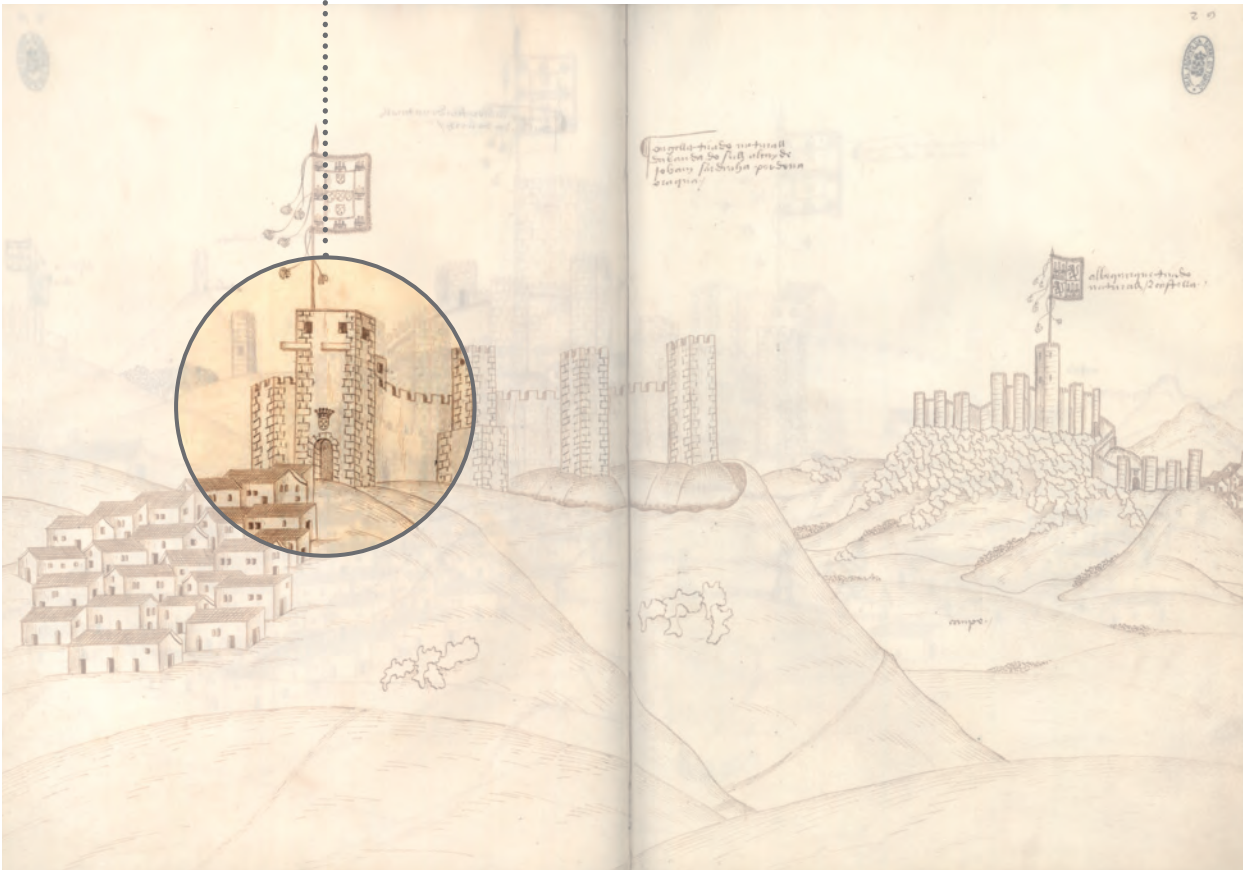
Em primeiro plano, na vista de norte, temos a fonte. É um elemento importante na paisagem de Ouguela, sendo referida nas «Memórias Paroquiais» pela sua falta de qualidade para o uso

culinário e pelo facto de matar os animais que nela se lançavam. Duarte Darmas representa duas mulheres junto à fonte, e uma terceira a caminho do povoado. O uso do ponto de água e a sua importância para os habitantes é assim sublinhada, numa quase-narrativa de banda desenhada.





(5)
PORTA DA
ALCAÇOVA



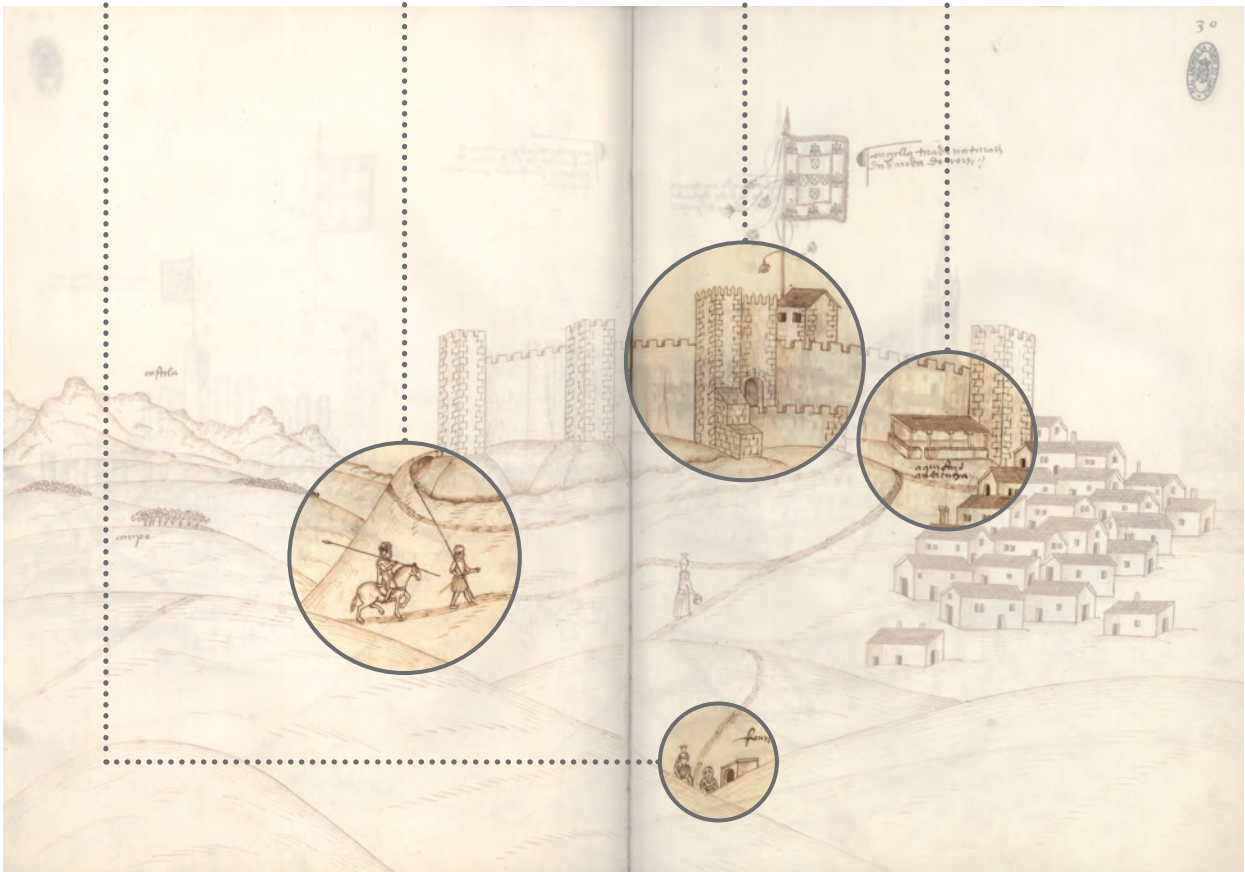


(3) FONTE

(4) DUARTE DARMAS
EO ESCUDEIRO

(1) PORTA
PRINCIPAL

(2) AUDIÊNCIA



(3) FONTE

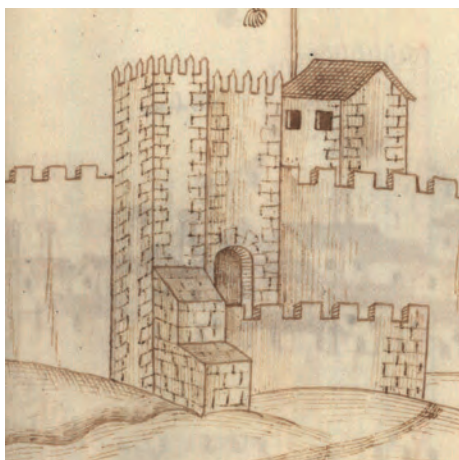
(4) DUARTE DARMAS
EO ESCUDEIRO

(1) PORTA
PRINCIPAL

(2) AUDIÊNCIA

Ouguela tirado natural, da banda do norte

«Esta villa está situada em hum oiteiro, da qual se descobre a vila de Albuquerque, do reino de Castella» (Capela, 2019: 476) (...); «hé prassa de Armas e murada e os quais muros se acham muito damneficados e nestes estão conço torres (...)» (Capela, 2019: 476). Entre os séculos XVI e XVIII, o número de habitantes decaía abruptamente: de mais de meio milhar, para menos de 150 (Collaço, 1929: 43 e Capela, 2019: 476). Em Ouguela, como noutros locais da raia, a Restauração começava a criar uma nova realidade.



PORTA PRINCIPAL (1)

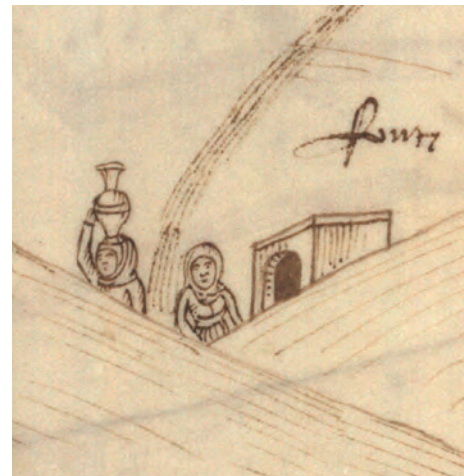


AUDIÊNCIA (2)



FONTE (3)

«(...) há próximo desta villa huma fonte que tem duas singulares propriedades, huma que todos os animais criados em outra agoa que se lhe lançam dentro morrem no lago, e outra que não coze nem carne nem legumes, como as outras agoas» (Capela, 2019: 476).



DUARTE DARMAS E O ESCUDEIRO (4)



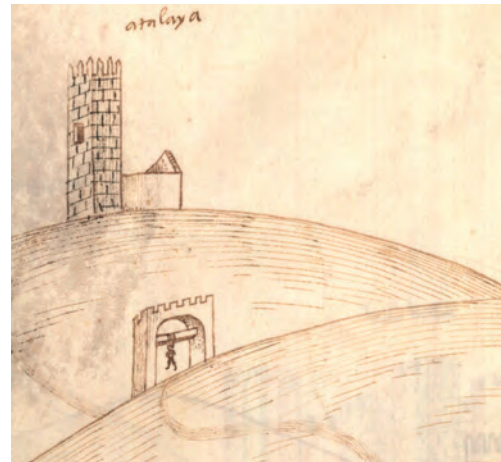
PORTA DA ALCÁÇOVA (5)



VISTA GERAL (6)

SERPA

O castelo cristão veio sobrepor-se ao alcácer islâmico. É este conjunto de torres – sobre uma delas escrevia Duarte Darmas: «este canto da torre derribou uma pedra de corisco» (Dias, 2015: 350) – que vemos no alto do cerro. Tal como em Moura, a instalação de uma alcáçova feudal cortou a realidade comunitária anterior. Mas isso era quase impercetível no início do século XVI. Grande parte da Serpa quinhentista estava rodeada por muralhas. Traçavam um quadrilátero irregular, com uma área que ultrapassava a dezena de hectares. Havia um pequeno arrabalde, a ocidente das portas de Beja.



Como era hábito de Duarte Darmas, o desenho reinterpreta, de forma generosa, o sítio, modificando-o. O arrabalde, bem identificável na vista de oeste compreendia o espaço junto à Rua da Fonte Santa, a Rua do Forte e a Travessa do Forte. A porta de Beja, flanqueada por dois torreões semicirculares, identifica-se também com toda a clareza. Do lado direito da imagem, fora de portas, vemos a igreja do Salvador. A configuração é muito diferente da atual. Devia ser um templo com uma certa imponência. A igreja é-nos apresentada com três naves, sendo mais alta a central, com um telhado de duas águas; mais baixas as laterais, cada uma com um telhado de uma água. Não se reconhece transepto, surgindo a capela-mor com planta retangular. São reconhecíveis o perfil gótico da porta principal e da porta lateral sul.

Na vista de leste vemos assomar, dentro da muralha mais antiga, a igreja matriz, tal como se reconhece claramente a torre de menagem. A porta de Moura, que na outra vista surgia quase escondida pela muralha, perfila-se em primeiro plano. Surge hoje aos nossos olhos bem mais discreta que naquele tempo. Parte da alcáçova medieval ficou em ruínas durante a Guerra da Sucessão. Os estragos causados pelas minas mandadas colocar, em 1707, pelo Duque de Osuna, são bem visíveis (p. 124).

São Francisco, a sudeste de Serpa, e à direita na imagem, surge como um pequeno templo campestre rodeado de vegetação. A igreja mantém algumas das características mais antigas, nomeadamente o pórtico. A modéstia quinhentista rapidamente daria lugar a outra realidade, mais próspera. É hoje um lar da terceira idade.

Serpa tirada natural, da banda do oeste
Alcaide Garcia de Melo



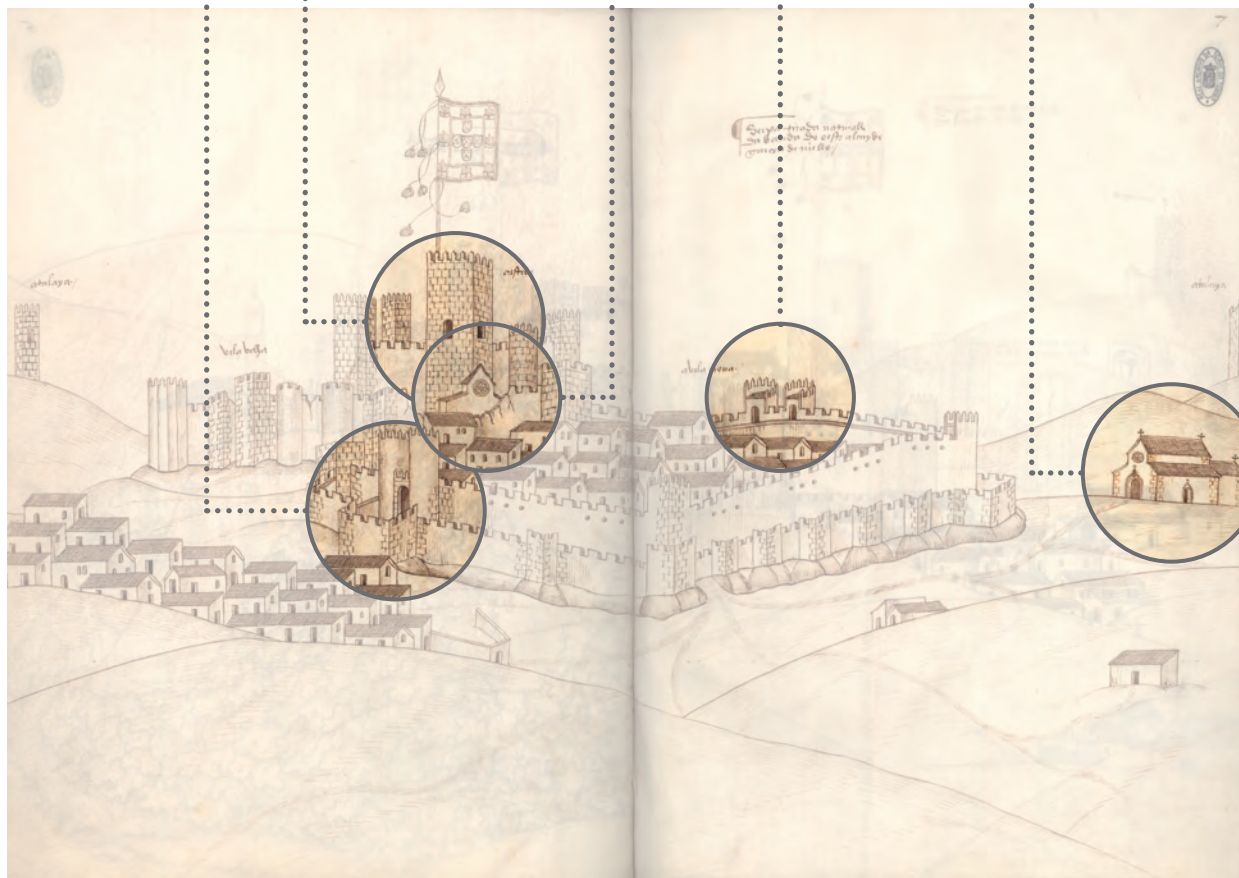
(3) PORTA DE BEJA

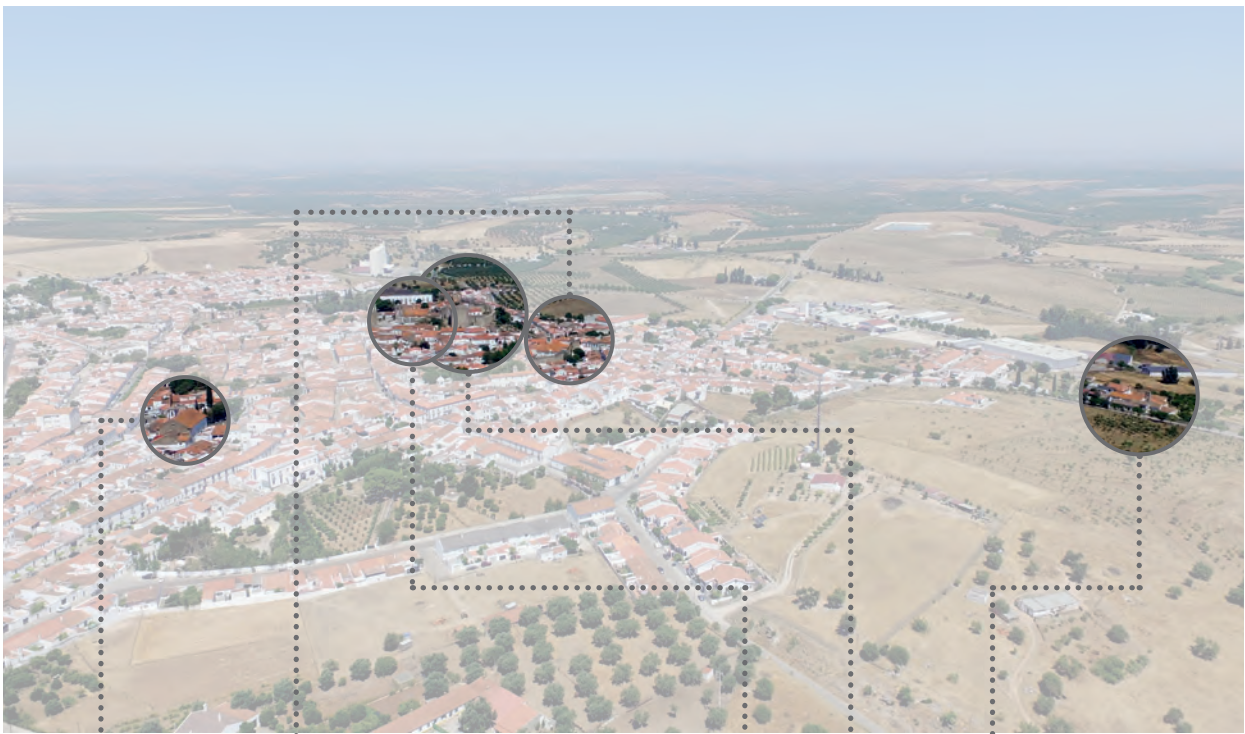
(1) CASTELO

(2) IGREJA DE SANTA MARIA

(4) PORTA DE MOURA

(5) IGREJA DO SALVADOR





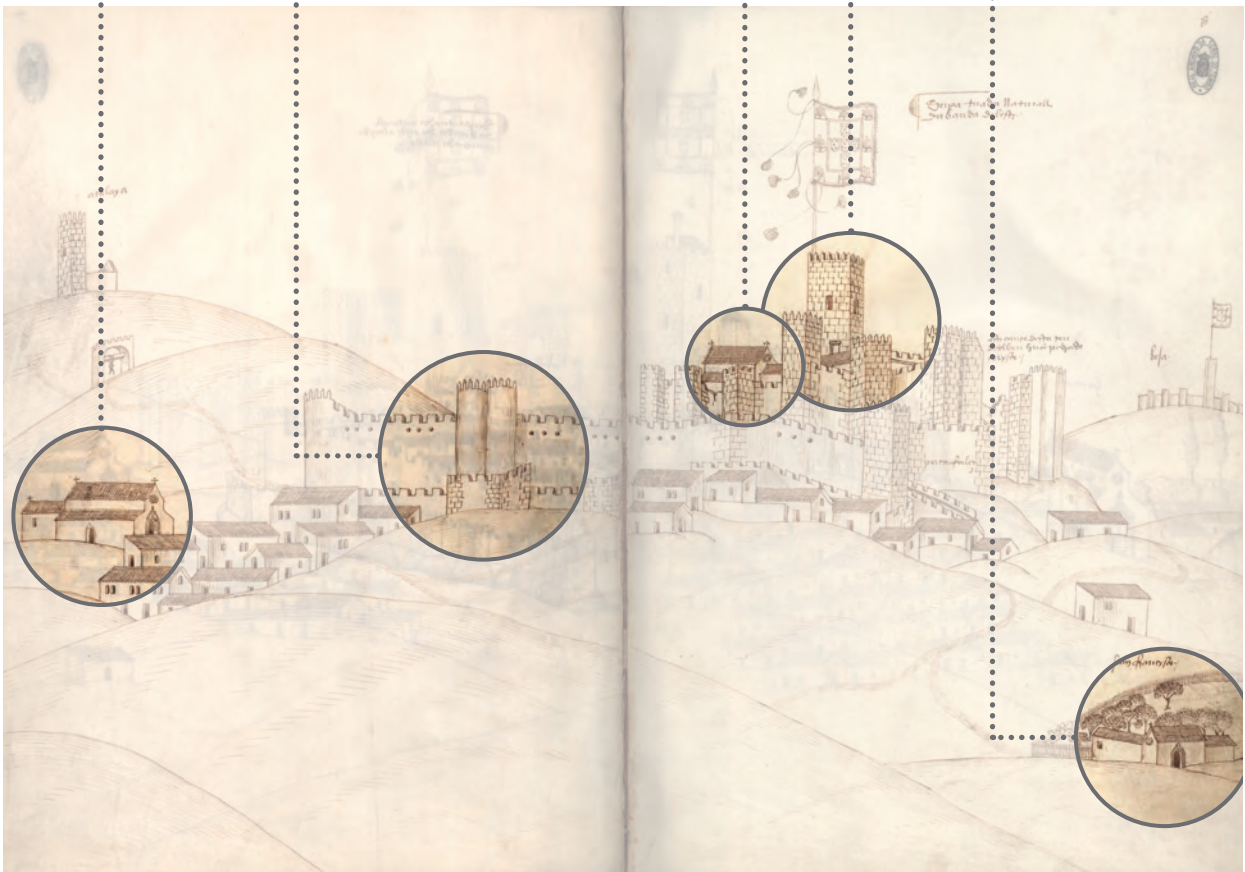
(5)
IGREJA DO
SALVADOR

(4)
PORTA
DE MOURA

(2)
IGREJA DE
SANTA MARIA

(1)
CASTELO

(6)
IGREJA DE
SÃO FRANCISCO



Serpa tirada natural, da banda de leste

«A situação de Serpa he deste modo: o castelo está em lugar eminente à circumferencia de toda a campanha, mas de pequena altura: para a parte do Norte e do nornóroeste he escarpado e despanha mais desida; desde Norueste a Nordéste pelo semicírculo do Sul desce, mais insensivelmente, sendo por estas partes a mayor povoação da villa, que excede muito os limites da antiga village do dito castello; (...) – Tem a ditta planta de Serpa [alem deste castello e villa fechada] extenção muito mayor nos rebaldes» (Coelho, s.d.: 988 e 1014 [Serpa – Santa Maria]). A importância de Serpa crescia: de cerca de 3000 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 37) para perto de 4500 cerca de 230 anos mais tarde (Coelho, s.d.: 988 [Serpa – Santa Maria]).



CASTELO (1)

Cercado «de hum paredão de nove, ou mais palmos de largo construído de formigão de cal, e terra, sem pedras, e a espaços avultando para o exterior torredões redondos, sendo os dous para o Sul mais grossos, como se observa nos arruinados vestígios. (...) Dentro da villa antiga, ou castello vello para o Nordeste formou o Senhor Rey D. Diniz, hum soberbo, primoroso, e forte castello dos bons do reyno, e de seis torres (...). Das seis torres era a amyora chamada: da homenagem das celebres de Portugal, que os castelhanos demolirão» (Olival, s.d.: 1013-1014 [Serpa – Santa Maria]).

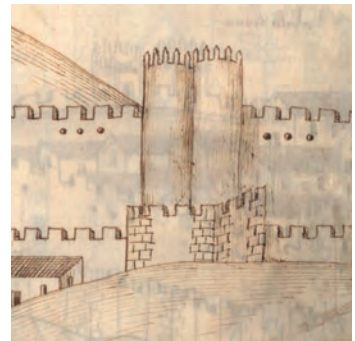
IGREJA DE SANTA MARIA (2)

«O orago da Matriz he Nossa Senhora com a invocação de S. Maria (...) He o templo da Matriz magnifico, e por muitas coiiircunstancias se colhe, que foy fundado pelo senhor Rey D. Diniz (...) como elle edificou tam sumptuoso castello, e soiberbos muros nesta Villa, edificar a Matriz, que está no mesmo castello» (Olival, s.d.: 990 [Serpa – Santa Maria]).



PORTAS (3 E 4)

«Há nellas cinco portas: a de Sevilha: da Corredoura: de Beja: Nova: de Moura: a de Beja, de Moura, e de Sevilha, tem robustos torreões, ou castellejos dos lados, e os taes torreões mais altos dez pes geométricos, de palmo, e quarto cada pé, que os muros; por aquella regra geral, que diz quinto curcio das terras da Babilona, a respeito dos muros» (Olivar, s.d.: 1015 [Serpa – Santa Maria]).



IGREJA DO SALVADOR (5)

«A Igreja do Salvador he hum formoso templo de hũa só nave com forma moderna ao uso do ultimo seculo passado, em que esta igreja se pôs na figura, que tem hoje; he de abobeda de berço, e simalhas com grande elevação, e hum oculo redondo de rótula na frente (...) A igreja he telhada tendo por fora grande simalha de gulas direitas, reversas, quadrado, redondo, aba, e filetes. A porta he de pedra refendida, e hum elevado quartão fechando letreiro, sobre o qual se levanta huma avultada cruz. Tem adro de escadas de alvaneria» (Olival, s.d.: 993-994 [Serpa – Santa Maria]).



IGREJA DE SÃO FRANCISCO (6)

«Tem esta villa dous conventos de frades: hum de Franciscanos da Provincia dos Algarves, outro de Paulistas; o de S. Francisco com a invocação antiga de S. Antonio, que ainda hoje he o seu nome, foy fundado sò a expensas reaes pelo senhor Rey D. Manioel no anno de 1502 (...) Situado na quarta entre nordeste, e leste da villa, em pouca distancia (...). He convento grande, com boa igreja, cerca de hortaliças e frutos, e outras circunstancias mais» (Olival, s.d.: 997 [Serpa – Santa Maria]).



TERENA

Com facilidade se identificam os elementos urbanos desenhados por Duarte Dramas. A vila de Terena poucos alterações conheceu, na volumetria dos seus edifícios, entre os séculos XVI e XXI.

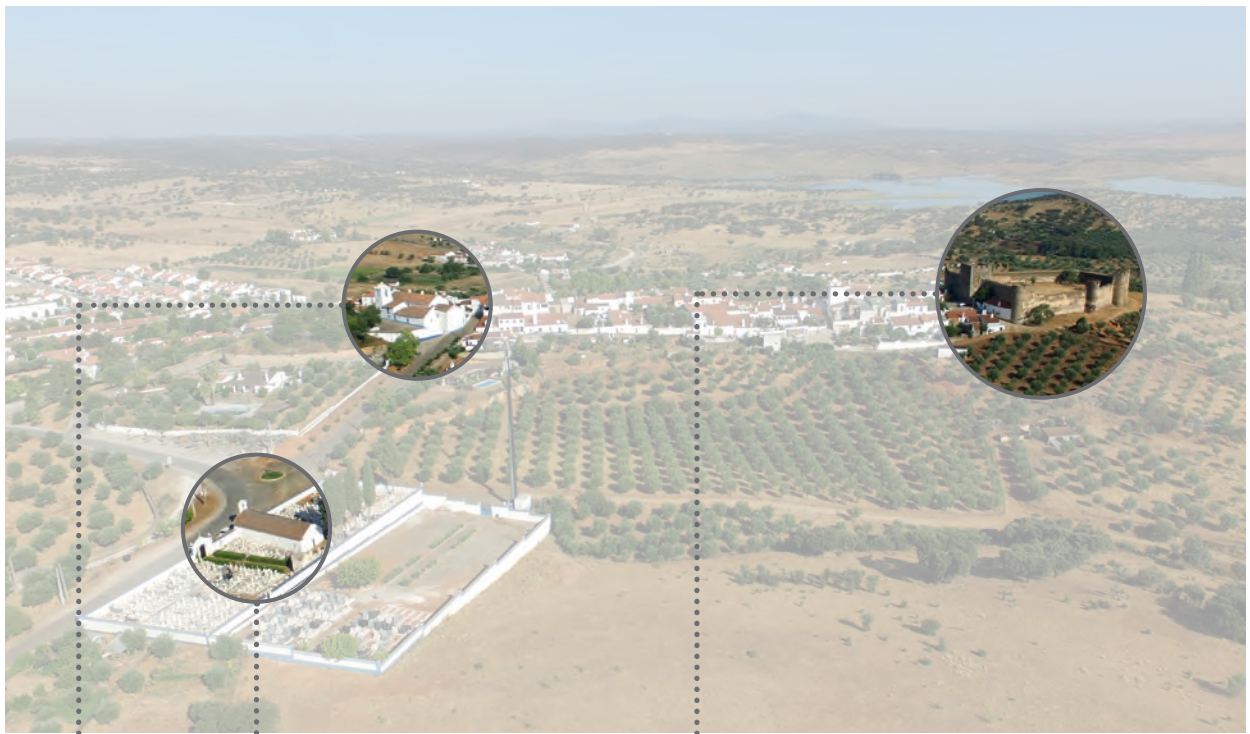
A vista de sudeste foi claramente trabalhada. Não é possível ler, com tanto detalhe, sítios tão distanciados como o castelo, a igreja paroquial e a igreja de Boa Nova. Ou seja, o desenho é uma interpretação da realidade, de modo a que possam ser vistas, num mesmo plano, espaços e edifícios fisicamente separados.

No castelo surge, sem qualquer dúvida, a Porta do Sol, com dois cubelos a flanqueá-la. A muralha não estaria em muito bom estado. Duarte Darmas representa, junto a um dos cubelos, o que parecem ser resíduos de construção. A sudoeste da fortificação estendia-se o pequeno arrabalde. No seu limite estava a igreja de São Pedro. A necrópole de Terena organizava-se à sua volta. Mais abaixo, na mesma imagem, surge uma ermida, que só pode ser a de São Sebastião, junto à qual se encontra o atual cemitério da vila.

O desenhador dedica-se com um pouco de detalhe a Boa Nova de Terena, obra iniciada no século XIV (Pais, 2015: 9), no limite direito do desenho. Representa-a com cuidado e a ela se refere nestes termos: «Santa marya de terena tirada / natural he mujto frefosa / jgreja e mujto forte toda da / boboda e quanto talhado». Ou seja, *canto talhado*, o que significa cantaria, pedra trabalhada a cinzel para revestimento (Dias, 2015: 355). O cruzeiro que vemos no desenho deverá corresponder ao que se encontra 150 metros a ocidente do santuário. Uma vez mais, e por razões de representação apresenta-se no desenho um pouco deslocado. A fazer fé na imagem, estaria a sul do santuário, o que sabemos não ser possível.

A vista a partir de nordeste apresenta poucas variações. A igreja da Boa Nova está escondida detrás do cerro do castelo. O arrabalde extramuros e a igreja de São Pedro voltam a estar representados. A porta principal da fortaleza parecia abrir diretamente para a Rua Direita, ao contrário do que sucede hoje em dia. O acesso ao castelo faz-se cruzando, primeiro, a porta da barbacã e, depois, a interior. Esse espaço já então apresentava as características que ainda hoje tem.





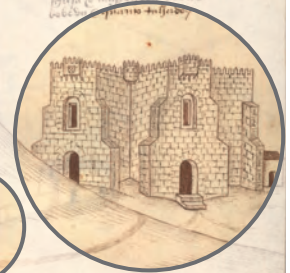
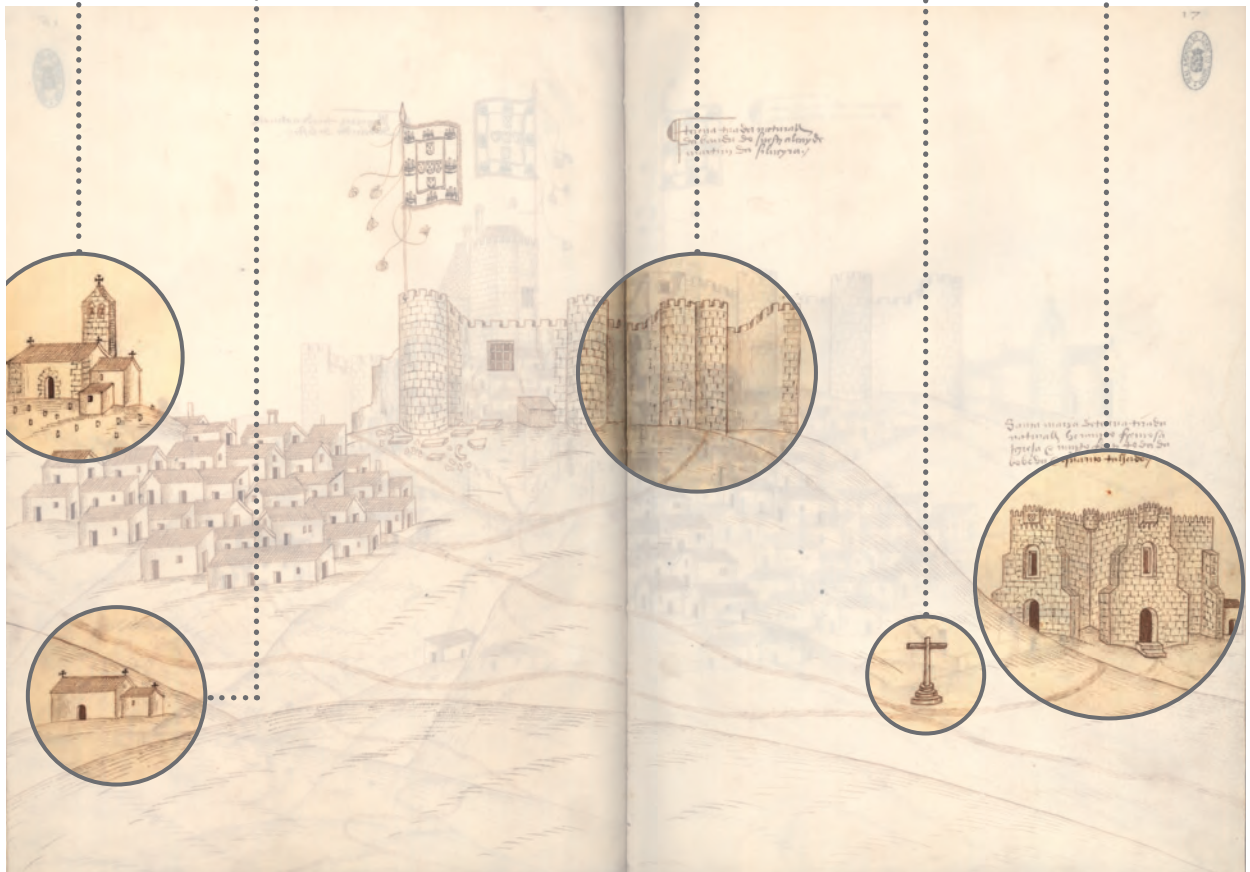
(2)
IGREJA DE
SÃO PEDRO

(3)
IGREJA DE
SÃO SEBASTIÃO

(1)
CASTELO /
PORTA DO SOL

(5)
CRUZEIRO

(4)
BOA NOVA





(6)
PORTA
PRINCIPAL

(2)
IGREJA DE
SÃO PEDRO

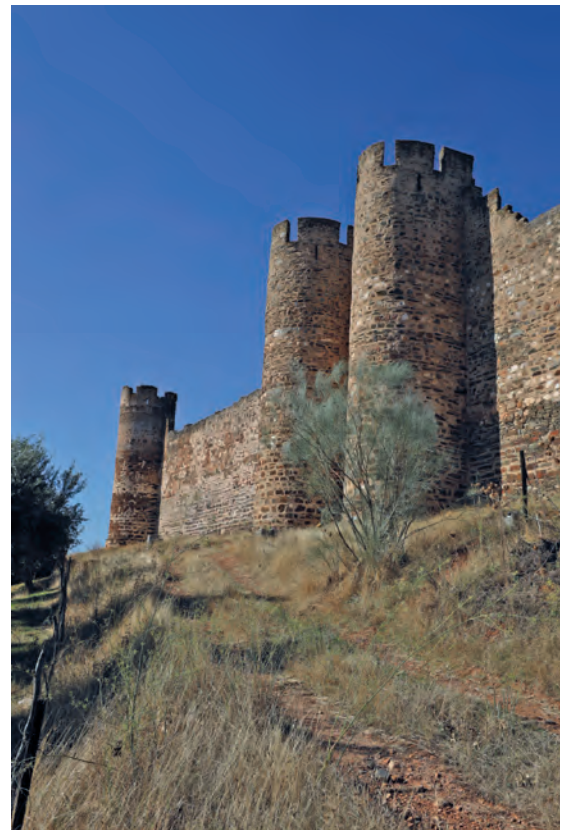


Terena tirada natural, da banda do nordeste

Diziam as «Memórias Paroquiais» que «esta situada em hyma eminência que tem mayor subida pelo poente e nascente: e pela parte do Norte há menos declivas, por esta corre a mayor parte dos seus edificios» (Moreira, 2013: 95). Nesse texto apenas se consegue apurar o número de habitantes do arrabalde, que era de 497 (Moreira, 2013: 95). Dois séculos antes vila, cerca e arrabalde teria quase 700 pessoas. Terena mantinha-se, ainda expectante. A extinção do concelho, em 1836, determinou um futuro de esquecimento.

CASTELO E PORTA DO SOL (1)

«Tem esta villa seo castello que se diz ser obra do senhor Rey D. Diniz. Dos edificios interiores, e particulares so se achão vestígios e os poucos que existem se achão arruinados» (Moreira, 2013: 100). «No terremoto de 1755 (...) a sua torre grande recebeu algumas aberturas; e a abobeda da mesma que já tinha principio de ruína cahio toda (...)» (Moreira, 2013: 100).



IGREJA DE SÃO PEDRO (2)

«A sua paroquia, ou matriz se ve logo na estrada da villa, e ella contigua, por parte do poente, para onde respeita a porta principal da mesma» (Moreira, 2013: 95).



IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO (3)

«Fora desta villa em muito pequena distancia há duas ermidas; a de São Sebastião, que pertence á Camera e a de Santo Antonio que pertence ao prior, como anexa que he da matriz» (Moreira, 2013: 97).



BOA NOVA (4)

«Na distancia de oitocentos passos pouco mais ou menos esta o antigo templo da Senhora da Boa-Nova, especial patrona desta villa. Foi fundado [se damos credito aos Autores que assim o escrevem] por Marhabal capitão cartagineses, e didicado a Cupido» (Moreira, 2013: 97). «He a architectura deste templo por modo de huma torre capella de pedra parda na forma de cruz, coroado de ameças» (Moreira, 2013: 97).





CRUZEIRO (5)



PORTA PRINCIPAL (6)

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João de, 1943 – *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, Lisboa, Editorial Império.
- AZEVEDO, Pedro, 1900 – Auto d'uma posse do Castelo de Noudar e inventário do que lá existia no século XVI, in «O Archeólogo Português», Vol. V, Lisboa, 146-151.
- BARROCA, Mário, 2000a – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, vol. II, tomo I, s.l., Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário, 2000b – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, vol. III, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário, 2006 – *Terena, o castelo e a ermida da Boa Nova*. Lisboa, IPPAR.
- BARROCA, Mário, 2018 – «O Livro das Fortalezas de Duarte Darnas – contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid», in *Genius loci: lugares e significados, breves reflexões* (org. Lúcia Rosas et al.), vol. 2, Porto, CITCEM, p. 183-205.
- BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima, 1995 – *As terras, as serras, os rios: as Memórias Paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- BRANCO, Manuel da Silva Castelo, 2006 – *Livro das Fortalezas – fac-símile do ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, 3.ª ed., Lisboa, Edições INAPA.
- BUCHO, Domingos, 2000 – *Herança cultural e práticas de restauro arquitectónico durante o Estado Novo (intervensões nas fortificações do Distrito de Portalegre)*, Dissertação de doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico apresentada à Universidade de Évora, Universidade de Évora.
- CAPELA, José (et al.), 2019 – *As freguesias dos distritos de Castelo Branco, Portalegre e Olivença nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*, ed. dos autores, Braga.
- CARNEIRO, André, 2014 – *Lugares, tempos e pessoas: povoamento rural romano no Alto Alentejo*, vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CATARRUNAS, João, 2015 – *Cidade de pólvora em tempos de guerra e de paz. Estratégia urbana e arquitectónica para Campo Maior*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- COELHO, André, s.d. – *Memória Paroquial da freguesia de Santa Maria, comarca de Beja* (doc. depositado na Câmara Municipal de Serpa).
- CID, Pedro, 2005 – «Castelo de Vide e o álbum de Duarte d'Armas: algumas notas», in *Revista Património Estudos*, n.º 8, Lisboa, IPPAR, Departamento de Estudos, p. 108-119.
- COLLAÇO, João Maria Tello de Magalhães, 1929 – *Cadastro da população do reino (1527). Actas das comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*, Lisboa.
- CORREIA, Fernando Branco, 2013 – *Elvas na Idade Média*, Lisboa, Universidade de Évora/CIDEHUS.
- CORREIA, José António, 2005 – *Freguesia de Santo Agostinho: histórias e memórias*, Moura, Junta de Freguesia de Santo Agostinho.
- CUNHA, Rui, 2003 – *As medidas da arquitectura – séculos XIII-XVIII. O estudo de Monsaraz*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- DIAS, João José Alves, 2015 – *Livro das Fortalezas – manuscrito n.º 159, ca. de 1509, Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Casal da Cambra, Caleidoscópio.
- GALEGO, Júlia – *A comarca d'amtre Tejo e Odiana no numeramento de 1527-1532*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- GAMEIRO, Pedro Matos, 2018 – *Azimute – aferição das orientações do Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GONÇALVES, José Pires, 1961 – «Monsaraz e seu termo (ensaio monográfico)», in *Boletim Anual de Cultura*, n.º 2, Évora, Junta Distrital de Évora, p. 1-158.
- JESUÍNO, Rui, 2016 – *Elvas – histórias do património*, Lisboa, Booksfactory.
- KEIL, Luís 1943 – *Inventário artístico de Portugal – distrito de Portalegre*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.
- MACIAS, Santiago (et al.), 2016 – *Castelo de Moura. Escavações arqueológicas: 1989-2013 - textos*, Moura, Câmara Municipal de Moura.
- MOREIRA, Isabel Alves, 2013 – *Memórias Paroquiais da vila de Alandroal e seu termo (1758)*, Lisboa, Ed. Colibri / Câmara Municipal de Alandroal.
- OLIVAL, Maria Fernanda, s.d. – *Mourão – Nossa Senhora das Candeias*, in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/mourao-nossa-senhora-das-candeias>.
- OLIVAL, Maria Fernanda, s.d. – *Reguengos de Monsaraz – Santiago*, in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/reguengos-de-monsaraz-santiago>.
- OLIVAL, Maria Fernanda - *Serpa – Santa Maria* in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/s/portugal1758/memorias/serpa-serpa-santa-maria/>
- OLIVEIRA, José Augusto, 2011 – *Castelo de Vide na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2011.
- PAIS, Ana Cristina (et al.), 2015 – *Arte sacra no concelho de Alandroal – inventário artístico da arquidiocese de Évora*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida.
- PÁSCOA, Marta, 2003 – *Memórias paroquiais da vila de Moura e seu termo*, Moura, Câmara Municipal de Moura, 2002.
- PEREIRA, Paulo, 2012 – *A «fábrica» medieval. Concepção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*, Dissertação de doutoramento em Arquitetura defendida na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- SERRÃO, Vítor (et al.), 2015 – *Alpalhão: património histórico e artístico*, Alpalhão, Liga dos Amigos de Alpalhão.
- TORRES, Cláudio (et al.), 2014 – *Mesquita Igreja Matriz*, in «Museu de Mértola – catálogo geral» (coord. Susana Gómez-Martínez), Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, p. 131-143.
- TRINDADE, Diamantino, 1981 – *Castelo de Vide. Arquitectura religiosa – subsídios para o estudo das riquezas artísticas em Portugal*, vol. I, Lisboa, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- VIEIRA, Rui Rosado, 1987 – *Campo Maior – Vila Quase Cidade (Séculos XVI e XVII)*, Campo Maior, Câmara Municipal de Campo Maior.

FINANCIAMENTO



CULTURA
DRC ALENTEJO

CONTINENTE



ADOLFO TELES, LDA.
Avenida de Badajoz
Posto BP de Elvas



PARCERIAS



